

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras – IL
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução– LET
Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada

ESPAÑHOL E PORTUGUÊS EM CONTATO: O ATRITO DA L1 DE IMIGRANTES ESPAÑHÓIS NO BRASIL.

MARÍA CAROLINA CALVO CAPI LLA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada da Universidade de Brasília como requisito à obtenção do título de **Mestre em Lingüística Aplicada.**

Orientador: Prof. Enrique Huelva Unterbäumen

Brasília

2007

C169

Calvo Capilla, María Carolina.

Espanhol e português em contato: o atrito da L1 de imigrantes espanhóis no Brasil. / María Carolina Calvo Capilla. -- Brasília, 2007.

xvi, 173 f. : 30 cm.

Orientador: Enrique Huelva Unterbäumen

Dissertação (mestrado) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, 2007.

1. Lingüística. 2. Atrito – língua materna. 3. Bilingüismo.
4. Imigrantes espanhóis. 5. Brasil. I. Unterbäumen, Enrique Huelva. II. Título.

CDU 800.732

Ficha elaborada pelo bibliotecário: Massayuki Franco Okawachi, CRB1 -1821

TERMO DE APROVAÇÃO

MARÍA CAROLINA CALVO CAPILLA

ESPAÑHOL E PORTUGUÊS EM CONTATO:
O ATRITO DA L1 DE IMIGRANTES ESPANHÓIS NO BRASIL.

Dissertação aprovada como requisito para obtenção de grau de Mestre em Lingüística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, pela seguinte banca examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Enrique Huelva Unterbäumen
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, UnB

Examinador Externo: Prof. Dr. Tommaso Raso
Faculdade de Letras - Lingüística aplicada ao ensino de línguas estrangeiras, UFMG

Examinador Interno: Prof. Dr. Mark D. Ridd
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, UnB

Suplente: Profa. Dra. Maria Luisa Ortíz Alvarez
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, UnB

Brasília, 15 de fevereiro de 2007

AGRADECIMENTOS

Desejo expressar minha gratidão a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

Meu especial agradecimento aos participantes desta pesquisa.

A

Família e amigos.

Encarnación Ponce, *in memoriam*.

Enrique Huelva, orientador desta dissertação.

Antonio Gonçalves de Araújo Neto, pela revisão da dissertação.

CAPES, pela bolsa que facilitou a minha dedicação exclusiva à realização desta pesquisa.

Professores, alunos e pessoal administrativo do Programa de Mestrado em Lingüística Aplicada da UnB.

María Luisa Ortíz Alvarez, Mark Ridd e Tommaso Raso, pela sua participação na banca.

Elena Haz e Luis Fernando Valdivia, pela sua amável colaboração.

Monika Schmid, pela sua inestimável ajuda.

SUMÁRIO

| | |
|---|------|
| LISTA DE TABELAS | ix |
| LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS | xi |
| RESUMO | xiii |
| ABSTRACT | xv |
| 1 INTRODUÇÃO | 1 |
| 1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA..... | 1 |
| 1.2 PROBLEMA | 1 |
| 1.3 OBJETIVO..... | 2 |
| 1.4 JUSTIFICATIVA..... | 3 |
| 1.5 PERGUNTAS DE PESQUISA | 4 |
| 2 REVISÃO DE LITERATURA | 6 |
| 2.1 O BILINGÜISMO..... | 6 |
| 2.1.1 Bilíngües Equilibrados e Bilíngües Dominantes | 8 |
| 2.1.2 Bilíngües Precoces e Bilíngües Tardios | 8 |
| 2.1.3 Bilíngües Compostos e Bilíngües Coordenados..... | 9 |
| 2.1.4 O continuum..... | 10 |
| 2.2 O ATRITO: DEFINIÇÃO E DESCRIÇÃO..... | 11 |
| 2.3 CAUSAS DO ATRITO: SIMPLIFICAÇÃO VS. INFLUÊNCIA DA L2 | 15 |
| 2.3.1 A Teoria da simplificação..... | 18 |
| 2.3.2 A teoria da Transferência ou Influência Interlingüística | 21 |
| 2.4 PERDA DE COMPETÊNCIA VERSUS PROBLEMAS DE DESEMPENHO | 26 |
| 2.5 O ATRITO NOS DIFERENTES NÍVEIS LINGÜÍSTICOS | 28 |
| 2.6 FATORES EXTRALINGÜÍSTICOS..... | 30 |
| 2.6.1 Idade..... | 30 |
| 2.6.2 Educação | 31 |
| 2.6.3 Contato | 32 |
| 2.6.4 Duração da emigração | 33 |
| 2.6.5 Atitudes | 33 |
| 2.7 ALTERNÂNCIA DE CÓDIGO VERSUS ATRITO..... | 34 |
| 3 METODOLOGIA | 39 |
| 3.1 INSTRUMENTOS PARA A COLETA DE DADOS | 40 |
| 3.2 SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES..... | 43 |
| 3.3 PONTO DE REFERÊNCIA..... | 46 |
| 3.4 AVALIAÇÃO DOS DESVIOS OU ERROS | 46 |
| 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS | 48 |
| 4.1 PERFIL SOCIOLINGÜÍSTICO DOS PARTICIPANTES | 48 |
| 4.1.1 Variáveis Demográficas | 48 |
| 4.1.2 Variáveis Concernentes à Imigração | 50 |
| 4.1.3 Conhecimentos Lingüísticos..... | 50 |
| 4.1.4 Utilização das Línguas | 52 |
| 4.1.5 Atitudes | 54 |
| 4.2 ANÁLISE DO CORPUS: TRAÇOS LINGÜÍSTICOS..... | 56 |
| 4.2.1 Número de Desvios e Avaliação da Competência em L1 dos Participantes..... | 56 |
| 4.2.2 Análise Qualitativa | 57 |
| 4.2.2.1 Nível fonético..... | 61 |
| 4.2.2.2 Nível léxico | 62 |

| | | |
|------------|---|------------|
| 4.2.2.2.1 | Extensões ou decalques semânticos | 62 |
| 4.2.2.2.2 | Aglutinação semântica | 69 |
| 4.2.2.2.3 | Decalques de uso | 71 |
| 4.2.2.2.4 | Decalques léxicos | 73 |
| 4.2.2.3 | Nível morfossintático..... | 74 |
| 4.2.2.3.1 | O gênero | 74 |
| 4.2.2.3.2 | O artigo | 75 |
| 4.2.2.3.3 | A regência verbal..... | 76 |
| 4.2.2.3.4 | As preposições..... | 77 |
| 4.2.2.3.5 | Advérbios e conjunções..... | 78 |
| 4.2.2.3.6 | Verbos pronominais..... | 81 |
| 4.2.2.3.7 | Outras interferências morfossintáticas..... | 81 |
| 4.2.2.4 | Nível sintático..... | 82 |
| 4.2.2.4.1 | A expressão do sujeito pronominal..... | 83 |
| 4.2.2.4.2 | A omissão de clíticos | 86 |
| 4.2.2.4.3 | A substituição do possessivo por de + pronome | 87 |
| 4.2.2.4.4 | A posição dos pronomes | 88 |
| 4.2.2.4.5 | A ordem das palavras..... | 89 |
| 4.2.2.4.6 | As respostas com repetição..... | 89 |
| 4.2.2.4.7 | Omissão da preposição <i>a</i> no objeto direto de pessoa..... | 90 |
| 4.2.2.4.8 | Omissão da preposição <i>a</i> na locução verbal de futuro (<i>ir + a + infinitivo</i>) | 92 |
| 4.2.2.4.9 | Uso do subjuntivo | 92 |
| 4.2.2.4.10 | Outros decalques estruturais | 93 |
| 4.2.2.5 | Alternância de código | 96 |
| 4.2.2.6 | Desvios intralinguais | 99 |
| 4.2.3 | Recapitulação e Balanço..... | 102 |
| 5 | DISCUSSÃO TEÓRICA..... | 105 |
| 5.1 | SINAIS DE ATRITO NA L1 | 105 |
| 5.2 | FATORES EXTRALINGÜÍSTICOS..... | 106 |
| 5.3 | INFLUÊNCIA DA L2 | 108 |
| 5.4 | PERDA DE COMPETÊNCIA OU PROBLEMAS DE DESEMPENHO | 111 |
| 5.5 | O ATRITO NOS DIFERENTES NÍVEIS LINGÜÍSTICOS..... | 113 |
| 6 | CONCLUSÃO..... | 115 |
| 7 | REFERÊNCIAS..... | 118 |
| | BIBLIOGRAFIA CONSULTADA | 127 |
| | ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO SOCIOLINGÜÍSTICO | 130 |
| | ANEXO 2 - TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS..... | 136 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|-----|
| TABELA 1 - A CLASSIFICAÇÃO DO ATRITO DE VAN ELS..... | 14 |
| TABELA 2 - VARIÁVEIS DEMOGRÁFICAS..... | 48 |
| TABELA 3 - VARIÁVEIS CONCERNENTES À IMIGRAÇÃO..... | 50 |
| TABELA 4 - CONHECIMENTOS LINGÜÍSTICOS..... | 50 |
| TABELA 5 - AUTO-AVALIAÇÃO DE COMPETÊNCIA EM L1 E L2..... | 51 |
| TABELA 6 - CONTATOS COM A L1..... | 53 |
| TABELA 7 - ELEIÇÃO DA LÍNGUA..... | 54 |
| TABELA 8 - ATITUDES..... | 55 |
| TABELA 9 - NÚMERO DE DESVIOS / INTERFERÊNCIAS POR PARTICIPANTE..... | 56 |
| TABELA 10 - AVALIAÇÃO DA COMPETÊNCIA EM L1..... | 57 |
| TABELA 11 - NÚMERO DE PRONOMES SUJEITO USADOS POR 1000 PALAVRAS..... | 84 |
| TABELA 12 - NÚMERO DE DESVIOS DA NORMA ANALISADOS (POR CATEGORIA)..... | 103 |

LISTA DE SIGLAS

| | |
|-------|---|
| AE | - Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI. |
| COREC | - <i>Corpus Oral de Referencia del Español Contemporáneo</i> da Universidade Autônoma de Madri, editado por MARCOS MARIN. |
| CREA | - <i>Corpus de Referencia del Español Actual</i> da Real Academia Espanhola. |
| DP | - <i>Diccionario panhispánico de dudas</i> da Real Academia Espanhola. |
| HO | - Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa. |
| MM | - <i>Diccionario de Uso del Español</i> de MARÍA MOLINER. |
| RAE | - <i>Diccionario de la lengua española</i> da Real Academia Espanhola (on-line). |
| SE | - <i>Diccionario del Español Actual</i> de SECO. |

LISTA DE ABREVIATURAS

Ex. - Exemplo

Fr. - Francês

Ing. - Inglês

L1 - Língua materna

L2 - Segunda língua; faz referência à língua adquirida após a L1 num lugar onde é utilizada como língua de comunicação cotidiana (o português no Brasil).

LE - Língua estrangeira; se refere ao idioma aprendido num lugar onde não é usado como língua de comunicação habitual (o espanhol no Brasil).

Tab. - Tabela

RESUMO

O objetivo desta dissertação é explorar o processo de atrito (ou erosão lingüística) que se produz na L1 de imigrantes hispanofalantes espanhóis adultos residentes no Brasil e com proficiência em português, que é, portanto, a L2, a língua de contato. A ação desta língua desempenha um papel primordial, já que a sua influência sobre a L1 na forma de interferências é uma das duas causas principais do atrito, sendo a outra a falta de contato com a L1 e a conseguinte privação de insumo. A pesquisa, de tipo qualitativo, analisa a fala de 8 participantes. Os dados foram elicitados mediante entrevistas semi-estruturadas gravadas e posteriormente transcritas. Também foi utilizado um questionário sociolingüístico que proporcionou informações pessoais variadas sobre os participantes, as quais ajudam a explicar alguns dos resultados. A análise do corpus de fala permitiu marcar, classificar e descrever os traços lingüísticos que singularizam o espanhol/L1 dos participantes e que podem ser interpretados como sinais de atrito. O objetivo principal é descobrir e mostrar os efeitos experimentados pela L1, o espanhol, quando exposto ao contato prolongado com a L2, o português do Brasil.

Palavras chave: atrito da L1; influência da L2; interferência; contato de línguas.

ABSTRACT

The aim of this dissertation is to explore the process of attrition or language loss which is produced in the L1 of Spanish speaking adult Spaniards who are immigrants and residing in Brazil and who are proficient in Portuguese, which is, therefore, the L2, the contact language. The action of the latter language plays a decisive role, since its influence over the L1 in the form of interference is one of the main causes of attrition, the other being a lack of contact with the L1 and the resulting deprivation of input. The research carried out, of a qualitative nature, analyses the speech of 8 participants. The data was elicited by means of semi structured interviews which were later transcribed. A sociolinguistic questionnaire was also used to obtain personal information of a varied nature about the participants, which helped explain some of the results. The analysis of the speech corpus allowed us to identify, classify and describe the linguistic features that characterize the participants' L1/Spanish and which can be interpreted as signs of attrition. The main goal is to find out and show the effects suffered by the L1, Spanish, when exposed to prolonged contact with the L2, Brazilian Portuguese.

Keywords: L1 attrition; L2 influence; interference; language contact.

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA

A linguagem humana é dinâmica por natureza e, ao longo da vida, não só ganhamos competência lingüística nos processos de aquisição, mas também a perdemos no caso do atrito¹ ou erosão lingüística, tema desta pesquisa. De fato, como CAVALCANTI (2005 e 2006, p. 248-9) afirma, não há na realidade perdas ou assimilações, mas um constante processo de mudanças lingüísticas.

O atrito lingüístico, de acordo com essa visão, faz parte das mudanças normais que se produzem na competência ao longo do tempo. Surgiu como área de estudo nos anos 80 e pode ser considerado um sub-campo do Bilingüismo ou dos estudos de Contato de Línguas, englobado, portanto, na Lingüística Aplicada.

O estudo desse processo de perda ou deterioração de uma língua no qual consiste o atrito inclui toda uma variedade de casos. A presente pesquisa se interessa por um dos mais desatendidos até o momento: o atrito da L1 de imigrantes hispanofalantes espanhóis adultos residentes no Brasil e proficientes em português.

1.2 PROBLEMA

Em um mundo globalizado como o atual, onde o enorme desenvolvimento das telecomunicações e dos meios de transporte favorecem os deslocamentos de população, as línguas, como qualquer outra manifestação humana, raramente permanecem isoladas. Elas entram em contato e estão, como as próprias sociedades, em constante movimento.

¹ Neste trabalho decidiu-se utilizar o termo “atrito” como tradução do inglês *attrition*, que é o mais empregado na literatura anglófona, amplamente majoritária nesse tema (KÖPKE, 1999, p. 20). Nos poucos trabalhos em português, os termos empregados são “erosão” (RASO, 2003) e “atrito” (ARAÚJO, 2004). Este último foi o primeiro artigo em português ao qual teve acesso a autora, fato que com certeza deve ter influenciado na hora da escolha. As traduções de *attrition* mais freqüentes nos dicionários são “atrito”, “desgaste” e “fricção”. Todos esses termos compartilham com “erosão” a idéia de desgaste por fricção. De fato, no dicionário on-line da Princeton University a primeira acepção de *attrition* que aparece é “*erosion by friction*”, definição que reflete a origem geológica da designação, questão à qual voltaremos no cap. 2. Contudo, o termo “atrito” (que segundo o Dicionário HOUAISS, vem do latim “*attritus,us*” =‘esfregadura, fricção, roçadura’), permite exprimir de forma metafórica a fricção constante entre as duas línguas em contato, L1 e L2. Outros termos utilizados em inglês são *language loss* (SHARWOOD SMITH, 1989) e *regression* (RAMÍREZ, 2003), em francês *restructuration* (GROSJEAN; PY, 1991) e em espanhol *desgaste* (SILVA-CORVALÁN, 2003) e *atrición* (BRAVO, 1994).

Na opinião de COOK (2003, p. 3) os falantes nativos monolíngües não são mais os “seres humanos típicos”, são cada dia mais escassos². Como afirma SILVA-CORVALÁN (1995, p.3), mais da metade dos quase 400 milhões de pessoas que falam espanhol se encontram em situações de bilingüismo, de contato com outras línguas. Inclusive historicamente, o espanhol evoluiu em contextos multilíngües³, algo que, na realidade, é mais a norma do que a exceção, como se tende a pensar. De fato, segundo ROMAINE⁴, citada por CAVALCANTI (1999, p. 388), o número de línguas existentes é trinta vezes maior do que o número de países, o que implica que o bilingüismo está presente na maioria dos países do mundo.

No caso do Brasil, como lembra a própria CAVALCANTI (1999, p. 387) “existe um mito de monolingüismo no país (...). Esse mito é eficaz para apagar as minorias, isto é, as nações indígenas, as comunidades imigrantes”.

Um destes grupos imigrantes é o foco desta pesquisa: os imigrantes espanhóis estabelecidos em Brasília, Goiânia e Luziânia desde longa data, entre os quais é habitual que surjam comentários como “já não falo mais espanhol”, “o meu espanhol agora é muito ruim” ou “já não falo nem espanhol nem português, mas portunhol”. O fenômeno que está por trás destas afirmações não é outro que o atrito, um processo de erosão lingüística que é sentido na maioria das ocasiões como uma verdadeira perda.

1.3 OBJETIVO

O objetivo da pesquisa é explorar esse atrito ou erosão lingüística (as mudanças, em outras palavras) que se produz na língua materna (L1) de imigrantes hispanofalantes espanhóis adultos residentes no Brasil e proficientes em português, que é, por conseguinte, a L2, a língua do contexto. Pretende-se, com isso, compreender melhor um fenômeno, o de línguas em contato, que, como foi dito, aumenta ao mesmo ritmo da globalização. O Brasil, geograficamente rodeado por países hispanofalantes, não escapa a essa tendência e se integra cada dia mais ao seu entorno. O Mercosul é só um exemplo desse processo, que ultrapassa o âmbito puramente econômico ou político.

² Segundo HAMERS e BLANC (2000, p. 1) o número de indivíduos bilíngües já supera o dos monolíngües.

³ Isso não só na América, mas também na Espanha, onde, além do espanhol, existem outras três línguas oficiais em diferentes regiões bilíngües do país.

⁴ ROMAINE, S. **Bilingualism**. 2ª ed. Oxford: Blackwell. 1995, p. 8.

Os participantes na pesquisa são portanto bilíngües, cujo comportamento lingüístico nos permite observar a relação que existe entre duas línguas no mesmo indivíduo. Segundo COOK (2000, p. 1) “transferência é uma das palavras que têm sido usadas para apreender essa relação”⁵; mas transferência há nas duas direções, como já apontava WEINREICH em 1953⁶ no seu *Languages in Contact*. Porém, até o momento, grande parte das pesquisas tem focalizado os efeitos da L1 sobre a L2, isto é, as transferências (ou interferências⁷) numa direção só, L1 > L2. Esta pesquisa, pelo contrário, se propõe estudar os efeitos da L2 sobre a L1 dos participantes, as interferências L2 > L1.

1.4 JUSTIFICATIVA

Além das motivações sociais mais abrangentes e já mencionadas, existem outras justificativas mais específicas para a pesquisa. Entre elas estão as de ordem teórica e pessoal.

No que se refere às últimas, o próprio comportamento lingüístico da pesquisadora permite advertir atrito na sua L1, o espanhol.

Quanto aos motivos teóricos ou acadêmicos, existe nas universidades brasileiras um número considerável de pesquisas sobre a aquisição de espanhol por brasileiros e os efeitos que em forma de interferências pode ter a L1/português sobre a LE/espanhol. Porém, o fenômeno inverso, isto é, o atrito da L1 de hispanofalantes residentes no Brasil e os efeitos da L2/português sobre a L1/espanhol, segundo o conhecimento da autora não tem sido estudado.

De outro lado, um certo número de hispanofalantes residentes em Brasília⁸ se dedica ao ensino do espanhol. É provável que todos eles sejam afetados de algum modo pelo atrito na sua L1. Dessa forma, algumas salas de aula de espanhol no Brasil podem ser o cenário onde se encontram os dois fenômenos mencionados: as interferências da L1/português sobre a LE de aprendizes de espanhol, e o atrito da L1/espanhol, dos professores hispanofalantes como conseqüência do contato com a L2/português. Portanto, a investigação sobre o atrito na L1

⁵ Esta citação, como as demais originárias de outras línguas, é tradução nossa. O original é: “*Transfer is one of the words that has been used to capture this relationship*”.

⁶ Nas referências aparece a 6ª reimpressão de 1968. As suas palavras são: “*Those instances of deviation from the norms of either language which occur in the speech of bilinguals (...) as a result of language contact, will be referred to as INTERFERENCE phenomena*” (grifo nosso, WEINREICH, 1968, p. 1).

⁷ De fato, o termo usado por WEINREICH é interferência (cf. nota precedente). Alguns autores como BROWN (2000, p. 94) distinguem entre transferência e interferência (ver cap. 2), mas, geralmente na literatura, os termos fazem referência ao mesmo fenômeno: a introdução de elementos ou propriedades de uma língua em outra (RASO, 2003, p. 1).

⁸ Três dos oito participantes nesta pesquisa são professores de espanhol (cf. 4.1.1).

pode ajudar a compreender melhor os complicados processos de ensino/aprendizagem que se dão numa sala de aula de língua estrangeira (LE). De fato, como MORENO FERNÁNDEZ (1994, p. 129) afirma “qualquer situação de ensino de segundas línguas ou de línguas estrangeiras é, na realidade, uma situação de línguas em contato”⁹; do mesmo modo que o atrito, o qual em palavras de SCHMID (2004, p. 244) “não é mais do que uma situação de línguas em contato”¹⁰.

Além disso, um dos pesquisadores pioneiros nesta área, SHARWOOD SMITH (1989, p. 188), considera que o atrito deve ser visto como parte integrante dos estudos de aquisição de segundas línguas, já que ambos os processos estão relacionados e implicam mudanças na competência. Da mesma opinião é DE BOT¹¹, citado por HANSEN (2001, p. 61), para quem atrito e aquisição apresentam um paralelismo quanto aos tópicos estudados e ao papel que desempenham fatores como a influência interlingüística, a idade, as diferenças individuais, o cenário lingüístico, as atitudes e a motivação.

No mesmo sentido, de acordo com COOK (2003, p. 1), as mudanças que experimenta a L1 daqueles que conhecem outras línguas têm conseqüências para a pesquisa em ensino/aprendizagem de L2/LE.

1.5 PERGUNTAS DE PESQUISA

Esta pesquisa pretende observar o atrito na L1 de imigrantes hispanofalantes espanhóis adultos residentes no Brasil e com proficiência em português. O objetivo é inédito e heurístico, dado que, até onde alcança o conhecimento da autora, não existem no Brasil outros trabalhos sobre o atrito da L1 de hispanofalantes em contato com o português brasileiro¹².

Os imigrantes espanhóis no Brasil não formam uma verdadeira comunidade, um grupo estruturado. Conseqüentemente, o foco desta pesquisa se situa no comportamento lingüístico de indivíduos.

Segundo KÖPKE (1999, p. 71), se partimos do princípio de que a organização psicolingüística é fundamentalmente a mesma em todos os bilíngües e os monolíngües,

⁹ “...cualquier situación de enseñanza de segundas lenguas o de lenguas extranjeras es, en realidad, una situación de lenguas en contacto”.

¹⁰ “...is nothing more than a situation of language contact”.

¹¹ DE BOT, K. Foreword. In HANSEN, L. (Ed.), **Second language attrition in Japanese contexts**. Oxford: Oxford University Press, 1999, p. vii–viii.

¹² A autora teve acesso a dois estudos sobre o atrito na L1 de imigrantes italianos no Brasil: o artigo de ARAÚJO (2004), intitulado “Um caso de interlíngua e atrito lingüístico de imigrantes e aprendizes de italiano” e “L’italiano parlato a S. Paolo da madrelingua colti. Primi sondaggi e ipotesi di lavoro” de RASO (2003).

podemos prever que o atrito segue os mesmos princípios universais. Assim, a intenção desta pesquisa é descobrir alguns dos fenômenos que se podem considerar característicos do espanhol em contato com o português do Brasil. Para isso, foi realizada uma análise dos desvios da norma destacados do corpus de fala das entrevistas. Essa análise tem caráter exploratório e futuras pesquisas poderão aprofundar o estudo do corpus.

As perguntas que se pretende responder são:

- como se manifesta o atrito lingüístico nos níveis léxico, morfológico e sintático da L1 de imigrantes hispanofalantes espanhóis com proficiência em português/L2?
- Até que ponto é importante no atrito da L1 desses imigrantes bilíngües a influência interlingüística (*crosslinguistic influence*)?
- São os desvios induzidos externamente ou interlinguais (isto é, as interferências), mais freqüentes do que os desvios induzidos internamente ou intralinguais (hipergeneralização, simplificação) na fala desses imigrantes espanhóis no Brasil?

2 REVISÃO DE LITERATURA

A primeira seção introduz alguns conceitos básicos sobre o bilingüismo que servem como contextualização do fenômeno estudado: o atrito da L1 em um meio de L2. Na segunda parte, apresenta-se o fenômeno do atrito e algumas das definições básicas. A terceira seção se ocupa das causas do atrito e oferece uma descrição dos dois modelos teóricos que interessam à presente pesquisa. Na quarta parte, discute-se o alcance do fenômeno através da dicotomia competência versus desempenho. A quinta seção analisa os fatores extralingüísticos, os quais também desempenham um papel importante no atrito. Por último e a modo de adiantamento, a sexta seção traz o debate sobre a distinção entre alternância¹³ de código e atrito.

2.1 O BILINGÜISMO

O tema desta pesquisa é o atrito da L1 em um contexto de bilingüismo, de contato entre a L1/espanhol dos imigrantes e a língua do meio, do país de acolhida, a L2/português. Trata-se, portanto, de observar o comportamento lingüístico de indivíduos bilíngües ou trilingües, que alcançaram de forma não simultânea um domínio variável de uma L2, o português. Nesse contexto, torna-se necessário apresentar alguns conceitos básicos em torno ao bilingüismo.

O primeiro problema que surge ao se estudar o bilingüismo se refere à grande variedade de definições existentes. COOK (2003, p. 5), por exemplo, evita utilizar a palavra bilíngüe¹⁴ “não só por causa da plethora de definições confusas, mas também porque habitualmente invoca-se o ideal platônico do bilíngüe perfeito, mais do que a realidade da pessoa comum que usa uma segunda língua para as necessidades do seu dia a dia”¹⁵.

¹³Embora parte da literatura em português utilize “mudança de código” como tradução do inglês *code-switching*, neste trabalho será utilizada a outra opção existente, “alternância de código” (vide seção 2.7), termo que parece refletir melhor o sentido de *switch* em inglês (ir e vir) e que aparece na própria definição de *code-switching*: “... *the alternate use of two languages in the same utterance*” (grifo nosso), (HAMERS; BLANC, 2000, p. 369). O termo “mudança” é mais amplo e pode fazer referência a processos de modificação ou evolução dentro de uma mesma língua.

¹⁴Ele utiliza no seu lugar “usuário de L2” (*L2 user*) ou “pessoa que conhece duas línguas” (“*people who know two languages*”).

¹⁵“... *not only because of the plethora of confusing definitions, but also because they usually invoke a Platonic ideal of the perfect bilingual rather than the reality of the average person who uses a second language for the needs of his or her everyday life*”.

Assim, num extremo dessa multiplicidade, encontramos a definição estruturalista focalizada na competência do “bilíngüe perfeito” de BLOOMFIELD¹⁶, citado por EDWARDS (2004, p. 8), HAMERS e BLANC (2000, p. 6) e KÖPKE (1999, p. 25). Para ele, bilingüismo é o domínio de todos os aspectos de duas línguas como um nativo. Mas esse tipo de bilíngüe, com uma competência perfeita e totalmente equilibrada entre as duas línguas, é muito raro.

No outro extremo está MACNAMARA¹⁷, citado por HAMERS e BLANC (2000, p. 6), segundo o qual bilíngüe é aquele que possui uma competência mínima em pelo menos uma das quatro habilidades lingüísticas (compreensão auditiva e escrita, e expressão oral e escrita). Do mesmo modo que a primeira definição restringe enormemente o alcance do bilingüismo, a segunda o amplia até incluir quase qualquer pessoa. Para EDWARDS (2004, p. 7-9), este tipo de definições não é aplicável, já que o bilingüismo aparece como uma questão de grau difícil de determinar.

Na opinião de HAMERS e BLANC (2000, p. 23) as mencionadas definições conceituam o bilingüismo em termos de competência, mas ignoram outras dimensões não-lingüísticas importantes. Por outro lado, não definem claramente o que entendem por competência mínima ou por competência nativa, a qual é também variável entre os falantes monolíngües. Para tentar superar essas deficiências, os autores citados propõem definir o bilingüismo como “o estado psicológico de um individuo que tem acesso a mais de um código lingüístico como meio de comunicação social”¹⁸. O acesso varia de acordo com dimensões como a competência relativa, a organização cognitiva e a idade de aquisição, entre outras. As variações que dizem respeito a essas dimensões permitem distinguir entre diferentes tipos de bilíngües.

Outros autores como GROSJEAN¹⁹, citado por HAMERS e BLANC (2000, p. 6) e KÖPKE (1999, p. 25), chamam a atenção sobre o fato de que esse tipo de definições provém de um enfoque monolíngüe do bilingüismo. Assim, ele afirma que o bilíngüe não é a soma de

¹⁶ BLOOMFIELD, L. **Language**, London: Allen & Unwin, 1935.

¹⁷ MACNAMARA, J. The bilingual's linguistic performance. **Journal of Social Issues**, 23, 1967, p. 58-77.

¹⁸ “... as the psychological state of an individual who has access to more than one linguistic code as a means of social communication” (HAMERS; BLANC, 2000, p. 25). Cabe perguntar até que ponto o termo “estado psicológico” supõe de fato uma superação.

¹⁹ GROSJEAN, F. Neurolinguists, beware! The bilingual is not two monolinguals in one person. **Brain and Language**, 36, 1989, p. 3-15.

dois monolíngües; os bilíngües desenvolvem um comportamento lingüístico próprio²⁰ que lhes permite usar cada uma das línguas para cumprir diferentes funções comunicativas. De fato, um bilíngüe raramente utiliza as duas línguas em todos os âmbitos.

KÖPKE (1999, p. 26) no seu estudo sobre o atrito da L1 de bilíngües tardios propõe como definição mais apropriada a seguinte: são bilíngües aquelas pessoas com competência funcional nas duas línguas, a qual lhes permite satisfazer as suas necessidades lingüísticas. Essa definição, como a de HAMERS e BLANC (2000, p. 25), implica uma grande variabilidade de acordo com uma série de dimensões que, como foi mencionado antes, possibilitam a classificação dos bilíngües. A seguir, se apresentam as três distinções mais pertinentes dentro deste estudo.

2.1.1 Bilíngües Equilibrados e Bilíngües Dominantes

Esta primeira distinção se estabelece com base na competência relativa do individuo. Os bilíngües equilibrados possuem uma competência equivalente nas duas línguas, enquanto os dominantes são mais competentes numa delas. Como lembra EDWARDS (2004, p. 9), os bilíngües equilibrados constituem a exceção mais do que a regra.

Segundo HAMERS e BLANC (2000, p. 27), o mais comum é que a língua dominante seja a L1. Porém, de acordo com KÖPKE (1999, p. 30-2), os resultados de várias pesquisas indicam que a dominância lingüística evolui ao longo da vida em função das necessidades comunicativas. Esse aspecto é de grande interesse para o estudo do atrito da L1, já que mostra que a L2 pode se tornar dominante, mesmo em indivíduos que a aprendem depois da adolescência. Essa mudança na dominância pode ser um estágio precursor do atrito, embora isso não signifique que o atrito apareça sempre que se produz uma mudança de língua dominante (KÖPKE, id.). Todavia, na presente pesquisa, como veremos na seção 4.1.3, a maioria dos participantes auto-avalia sua competência em L2 igual à de L1 (cf. tab. 5, p. 51), de modo que, ao menos na sua percepção, a L2 não se tornou dominante; poderiam, portanto, ser considerados bilíngües equilibrados.

2.1.2 Bilíngües Precoces e Bilíngües Tardios

A idade de aquisição das línguas determina a diferença entre bilíngües precoces e tardios. Os primeiros adquirem as duas línguas durante a infância, de forma simultânea

²⁰ Numa linha semelhante de pensamento estão as idéias de COOK (cf. seções 2.3 e 2.3.2).

(bilíngües simultâneos) ou consecutiva (bilíngües consecutivos); no caso dos segundos, a aprendizagem da L2 se produz em uma idade mais avançada, cujo limite é situado freqüentemente em torno à puberdade, entre os 10 e os 12 anos. Esse limite está relacionado com a hipótese de LENNEBERG²¹, citado por KÖPKE (1999, p. 32), que postula a existência de um período crítico para a aquisição da língua (L1 ou L2), o qual terminaria com a maturidade neuropsicológica, por volta dos 13 anos. Toda aquisição posterior seria qualitativamente diferente, já que com a lateralização que se completa durante a puberdade se extingue a grande plasticidade cerebral da criança. Segundo KÖPKE (id.), os estudos mais recentes indicam que o final do período crítico se situa antes da puberdade. A mesma autora (ibid., p. 43) recolhe os resultados de pesquisas neurolingüísticas recentes, cujos dados, obtidos por meio de imagiologia cerebral²², confirmam claramente a distinção entre bilíngües precoces e tardios baseada na hipótese de um período sensível para as aquisições lingüísticas.

Dentre os participantes nesta pesquisa, quatro podem ser considerados bilíngües precoces simultâneos, já que adquiriram durante a infância o espanhol e a língua vernácula da região de onde são originários (cf. seções 3.2, 4.1.3 e tab. 4, p. 50). Não obstante, todos os participantes, exceto P1 e P8, adquiriram o português posteriormente, na idade adulta (cf. tab. 3 e 4, p. 50). P1 e P8 chegaram ao Brasil com 11 anos, idade que se situa no limite do “período crítico” (cf. seções 3.2 e 5.2).

2.1.3 Bilíngües Compostos e Bilíngües Coordenados

A idade e o contexto de aquisição podem levar a diferenças na organização cognitiva. No bilíngüe coordenado, os significantes de cada língua estão associados a um significado distinto que reflete o sentido exato da palavra na língua correspondente. No caso do composto, os significantes de cada língua estão associados a um único significado que constitui uma amálgama dos significados da palavra nas duas línguas.

De acordo com HAMERS e BLANC (2000, p. 27), mesmo não existindo uma correlação exata entre forma de representação cognitiva, idade e contexto de aquisição, um

²¹ LENNEBERG, E.H. **Biological Foundations of Language**. New York: Wiley, 1967.

²² Os novos métodos de imagiologia cerebral (os mais usados são a tomografia axial computadorizada, a ressonância nuclear magnética e a ultra-sonografia) desenvolvidos nos últimos anos, permitem visualizar de forma fiável as partes do cérebro envolvidas numa tarefa concreta. Por exemplo, uma das pesquisas mencionadas (Kim *et al.* Distinct cortical areas associated with native and second languages. **Nature**, 388, p. 171-174, 1997, citado por KÖPKE, 1999, p. 41), mostra que nos bilíngües tardios o uso da L2 ativa na área de Broca zonas diferentes, mas adjacentes das ativadas pelo uso da L1. Essa diferença não é constatada nos bilíngües precoces.

indivíduo que tenha aprendido as duas línguas na infância e no mesmo contexto é mais passível de possuir uma única representação cognitiva para duas palavras que são equivalentes de tradução (ing. *translation equivalents*). Pelo contrário, alguém que tenha aprendido uma L2 num contexto diferente daquele da L1, terá provavelmente uma organização coordenada com duas representações separadas para dois equivalentes de tradução.

PARADIS²³, citado por KÖPKE (1999, p. 29), sugere que os bilíngües coordenados mostrariam um menor grau de interferência do que os compostos, mas HAMERS e BLANC (2000, p. 165) advertem que não existem evidências. Para eles (ibid. p. 27), a distinção entre compostos e coordenados não é binária, mas um continuum que vai de um pólo composto até um pólo coordenado. Em outras palavras, um bilíngüe pode ser mais composto para certos conceitos e mais coordenado para outros.

2.1.4 O Continuum

Existe um problema com essas distinções: como lembra EDWARDS (2004, p. 9-11) é difícil não só medir o bilingüismo, mas também classificar claramente os indivíduos dentro de uma ou várias das suas categorias ou graus.

Para resolver esse problema, a tendência atual é considerar o bilingüismo um continuum no qual não existem tipos ou classes que formem compartimentos estanques. Segundo PY e GROSJEAN (2002, p. 20), a definição de bilingüismo tem-se amenizado nos últimos anos, atribuindo-se um papel central aos aspetos funcionais, de modo que o aprendiz de L2 hoje é considerado um bilíngüe em construção (fr. *en devenir*). Essa concepção se aproxima da proposta de SILVA-CORVALÁN (1995, p. 4) do Continuum Bilíngüe. Este se desenvolve em situações de bilingüismo social e compreende diferentes graus de domínio das duas línguas, que vão “do espanhol padrão ou sem restrições, a um uso emblemático do mesmo (e vice-versa na outra língua). No nível individual, esses “letos” (ing. *lects*) não se correspondem com dicotomias fixas do tipo ‘composto-coordenado’ ou ‘equilibrado-dominante’. Ao invés disso, constituem uma ampla variedade de níveis *dinâmicos* de proficiência”²⁴.

²³ PARADIS, M. On the representation of two languages in the brain. **Language Sciences**, 7 (1), 1985, p. 1-39.

²⁴ “... from unrestricted or standard Spanish to an emblematic use of Spanish (and vice versa in the other language). At the individual level, these lects do not correspond to fixed dichotomies of the type

Próximo também dessa visão se encontra o Continuum de Integração de COOK (2003, p. 6-9), de acordo com o qual a relação que existe entre duas ou mais línguas na mente se situa num ponto do continuum que vai da integração total (as duas línguas formam um único sistema) até a separação total (semelhante segundo o próprio COOK à idéia de bilingüismo coordenado). Entre esses dois infreqüentes extremos, existem diferentes graus e tipos de interconexão entre as línguas.

Essa concepção do bilingüismo parece se adaptar aos participantes nesta pesquisa, os quais mostram uma heterogeneidade difícil de se classificar dentro dessas dicotomias fixas (cf. seção 4.1).

Por último, cabe fazer menção a uma questão estreitamente relacionada com o tema do atrito: como mantém o bilíngüe as suas duas línguas separadas? Segundo HAMERS e BLANC (2000, p. 196), estamos apenas começando a entender o processamento lingüístico nos bilíngües. Existem controvérsias não resolvidas sobre o nível do processamento no qual se produz a separação das línguas, ou como funciona a memória bilíngüe (um “depósito” para cada língua ou um comum às duas). Com respeito a este último ponto, as pesquisas de finais dos anos noventa parecem apoiar os modelos hierárquicos que assumem a existência de um processador comum no nível semântico e processadores separados nos níveis superficiais.

2.2 O ATRITO: DEFINIÇÃO E DESCRIÇÃO

Do mesmo modo que com o bilingüismo (cf. 2.1), o primeiro problema que aparece quando tentamos delimitar o fenômeno do atrito é que não existe acordo sobre uma definição provada, consistente. Como afirmam KÖPKE e SCHMID (2004, p.1-2), após mais de 20 anos de pesquisa, as perguntas superam as respostas. De fato, segundo SCHMID (2004, p. 239) as conclusões de alguns estudos não permitem afirmar com certeza que uma língua materna (L1) plenamente adquirida possa chegar a experimentar um atrito significativo: até que ponto a redução de proficiência que implica o atrito afeta as habilidades comunicativas do sujeito na interação com falantes nativos da sua L1, tanto da perspectiva destes como desde a dele próprio?²⁵ É realmente possível “esquecer” a L1?

‘compound-coordinate’, or ‘balanced-unbalanced’. Rather, they represent a wide range of dynamic levels of proficiency”.

²⁵ Nesse sentido COOK (2003, p. 9) afirma que “a perda de algum aspecto da L1 só é uma desvantagem se impede o usuário de L2 de realizar uma atividade com sucesso” [“... *losing some aspect of the first language is only a disadvantage if it prevents the L2 user carrying out some activity successfully*”].

Do ponto de vista da psicologia cognitiva alguns autores²⁶ consideram que o conhecimento lingüístico, como qualquer outro, não pode perder-se, desaparecer. Ele se torna inacessível com a falta de uso, mas é recuperável com os estímulos adequados (HANSEN, 2001, p. 67)²⁷. Assim, segundo SHARWOOD SMITH e VAN BUREN (1991, p. 18-23) o atrito poderia ser interpretado como problemas de recuperação, de acesso *on-line* à forma ou à estrutura apropriada, isto é, ao conhecimento que pode permanecer inalterado²⁸. Esta questão está relacionada com o debate sobre competência e desempenho que será mencionado mais adiante (vide seção 2.4).

Para HAMERS e BLANC (2005, p. 76-7), o atrito é um processo de regressão lingüística que forma um continuum²⁹, que vai desde leves problemas de acesso até a perda total de uma língua. Na sua opinião, este último caso só é possível no caso de crianças imigrantes de pouca idade ou em situações pós-mórbidas. Mais comum seria o que eles chamam de atrito ambiental, no qual o uso restringido da L1, produto da aquisição e utilização da língua do ambiente, a L2, leva à perda parcial de certos aspectos da L1. Essas perdas podem ser supridas com elementos da L2. Porém, como os autores mencionados afirmam, o atrito não deve ser confundido com a mistura de código³⁰. Esta é desencadeada pelo contexto social, o atrito, pelo contrário, ocorre até em contextos monolíngües.

Por outro lado, em muitos casos a palavra “perda” não chega a refletir o processo de mudança que o atrito produz na L1. Esse processo se manifesta na forma de desvios da norma³¹, decalques léxicos e semânticos da L2, mudanças morfossintáticas, manifestações nas quais SELIGER (1989, p. 175; 1991, p. 238), entre outros, considera que existe uma parte

²⁶ KÖPKE (1999, p. 77) cita BADDELEY, A. **La mémoire humaine. Théorie et pratique**. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble, 1992.

²⁷ Hansen é um dos nomes mais importantes no campo do atrito de L2.

²⁸ SHARWOOD SMITH e VAN BUREN (1991a).

²⁹ Cf. seção 2.1.4, Continuum Bilíngüe de SILVA-CORVALÁN (1995, p. 4) e Continuum de Integração de COOK (2003, p. 6-9).

³⁰ Segundo HAMERS e BLANC (2005, p. 369) mistura de código (ing. *code-mixing*) é “uma estratégia de comunicação usada por bilíngües na qual o falante duma língua Lx transfere elementos ou regras duma língua diferente (Ly) para Lx (a língua base); porém, à diferença do empréstimo, esses elementos não são integrados ao sistema lingüístico de Lx”. [“*A communication strategy used by bilinguals in which the speaker of a language Lx transfers elements or rules of a different language (Ly) to Lx (the base language); unlike borrowing, however, these elements are not integrated into the linguistic system of Lx*”].

³¹ Com este termo se alude ao que outros autores denominam “erros” (ing. *error*, SCHMID, 2004 e KÖPKE, 1999, entre outros), “mudanças” (ing. *changes*, SILVA-CORVALÁN, 1994) ou “variantes de contato” (fr. *variantes de contact*, PY e GROSJEAN, 2002). É similar ao empregado por SELIGER (1989) e SHARWOOD SMITH (1989) ing. *deviant forms*. “Desvio da norma” é a tradução do inglês *deviation from the norm*, utilizado por WEINREICH (1968, p. 1) na sua conhecida e já mencionada (cap. 1, nota 6) definição de interferência.

de criatividade importante que permite o desenvolvimento de novas regras. De fato, como afirma SHARWOOD SMITH (1983, p. 226) “o falante nativo ou ex-falante nativo pode acabar com um conjunto de recursos enriquecido, combinando o melhor de ambos os sistemas”³².

Na opinião de SHARWOOD SMITH (1989, p. 186) aquisição e perda lingüística (isto é, atrito da L1) aparecem como processos relacionados e opostos. Em outras palavras, estaríamos contrapondo fenômenos de expansão versus diminuição, de complicação versus simplificação. Essa visão é desenvolvida pela Hipótese da Regressão de Jacobson. Como explicam KÖPKE e SCHMID (2004, p. 15-6), essa teoria se baseia no pressuposto de que a perda lingüística na afasia é o reverso da aquisição lingüística nas crianças: o que foi aprendido em último lugar seria o primeiro a se perder³³. Mas a perda lingüística patológica é localizada e repentina, não progressiva como a aquisição da L1 na infância. A regressão, portanto, não é verossímil como explicação da afasia. Porém, no caso do atrito não patológico a regressão é mais provável, já que, este sim, é um processo gradual e não localizado.

O termo atrito provém da área da Geologia e refere-se à erosão que sofre a crosta terrestre pela ação de agentes externos como a água e o vento³⁴. Trata-se, portanto, de um desgaste causado pela fricção. De acordo com SCHMID (2006), isso nos indicaria que no começo o atrito lingüístico era visto como a ação desgastante de uma língua sobre outra, situando-se assim no campo teórico do contato de línguas.

De acordo com KÖPKE e SCHMID (2004, p. 5) o sentido estrito de atrito é “a redução não patológica³⁵ da proficiência numa língua previamente adquirida por um indivíduo, isto é, perda intrageneracional”³⁶, sendo este o campo de estudo da presente pesquisa. Na opinião das mesmas autoras, o atrito deve ser distinguido de fenômenos sociais como mudança, substituição³⁷, perda e morte lingüística (ing. *language change, shift, loss and*

³² “The native speaker or ex-native speaker may end up with an enriched set of resources by combining the best of both systems”.

³³ Em inglês “*Last in, first out*”, SCHMID (2006).

³⁴ Assim aparece definido no dicionário de inglês on-line da Princeton University: “*Meaning 1: erosion by friction. Meaning 2: the wearing down of rock particles by friction due to water or wind or ice*”.

³⁵ Diferente, portanto, da perda lingüística patológica ou afasia, originada por lesões cerebrais.

³⁶ “... the non-pathological decrease in proficiency in a language that had previously been acquired by an individual, i.e. intragenerational loss”.

³⁷ Substituição lingüística e mudança lingüística são termos diferentes e não devem ser confundidos, embora estejam relacionados de forma estreita. WEINREICH (1968, p. 236-243) descreveu a substituição lingüística (ing. *language shift*) como a troca ou deslocamento de uma língua de uso habitual por uma outra.

death) que se produzem em comunidades bilíngües ao longo de várias gerações. Todavia, essa distinção terminológica não é aplicada por muitos pesquisadores.

Também deve ser diferenciado da aquisição incompleta, fenômeno que se observa com frequência em crianças que adquirem duas (ou mais) línguas de forma simultânea. Como aponta MONTRUL (2002, p. 39), muitos desses bilíngües têm uma exposição insuficiente a uma das línguas na infância, tanto em termos de quantidade como de qualidade, ou carecem da continuidade de *input* necessária para alcançar a proficiência plena.

A classificação do atrito mais difundida é a atribuída a VAN ELS³⁸ (citado por KÖPKE; SCHMID, 2004, p. 8), mas criada na realidade por De Bot e Weltens em 1985. A divisão é feita em relação à língua afetada (língua materna/L1 ou segunda língua/L2) e ao ambiente lingüístico (de L1 ou de L2). Resultam quatro tipos de atrito (ver tabela 1), dos quais a reversão e a perda de dialeto têm sido muito pouco estudadas. A imensa maioria das pesquisas focaliza os outros dois tipos³⁹: o atrito da L1 em um ambiente de L2, objeto de estudo deste trabalho, e o atrito de L2 em um ambiente de L1. Embora tenham começado de forma paralela, a partir dos anos 90 as áreas de estudo de atrito da L1 e de atrito da L2 separaram-se e começaram a utilizar métodos de elicitación de dados diferentes (KÖPKE; SCHMID, 2004, p. 8-10).

TABELA 1 - A CLASSIFICAÇÃO DO ATRITO DE VAN ELS

| | Ambiente lingüístico | |
|----------------|----------------------|--------------------------------------|
| Língua afetada | L1 | L2 |
| L1 | Perda de dialeto | Atrito da L1 |
| L2 | Atrito da L2 | Reversão lingüística (nos idosos) |

FONTE: KÖPKE; SCHMID (2004, p. 9)

KÖPKE (1999, p. 70) acrescenta a essa classificação a distinção entre o estudo do atrito em comunidades ou enclaves, normalmente através de várias gerações, ou em indivíduos de uma mesma geração. A primeira situação tem mais interesse para a

³⁸ VAN ELS, T. An overview of European research on language attrition. In: WELTENS, B.; DE BOT, K.; VAN ELS, T. (Ed.). **Language Attrition in Progress**. Dordrecht: Foris, 1986. p. 3-18.

³⁹ Esta circunstância leva KÖPKE e SCHMID (2004, p. 9) a sugerirem que esta classificação possa ter perdido a sua utilidade.

sociolingüística, enquanto a psicolingüística privilegia o estudo do atrito a nível individual. A presente pesquisa se enquadra dentro da segunda situação.

De modo geral, o atrito da L1 em um ambiente de L2 é um processo no qual a falta de contato com a L1 leva a uma redução na proficiência desta língua (SCHMID; DE BOT, 2004, p. 210). SELIGER e VAGO (1991, p. 4) alvitram uma outra definição: a L1 é enfraquecida pelo aumento de uso e função da L2. Ambas as definições podem ser consideradas complementares e apontam as duas causas para o atrito que identificam SHARWOOD SMITH e VAN BUREN (1991, p. 22): a privação de *input* da L1 e a influência interlingüística (ing. *crosslinguistic influence-CLI*) de outra língua que está sendo adquirida e usada.

Existe uma controvérsia sobre qual seria o fator mais importante como desencadeador do atrito, a falta de uso ou a influência da L2. Porém, a única circunstância que permitiria verificar que a falta de uso é causa suficiente seria a situação do sobrevivente a um naufrágio numa ilha deserta proposta por SHARWOOD SMITH e VAN BUREN (1991, p. 22): um falante nativo sem oportunidade de ler ou ouvir a sua L1, de se comunicar com outros falantes nativos e de interagir em uma outra língua. Mas essa situação, que para os autores mencionados é a mais “pura”, senão impossível, é quando menos bastante improvável e, por razões óbvias, difícil de se estudar. A situação normal que estamos em condições de observar é mais complexa e envolve não só falta de exposição à L1, mas também o segundo fator citado, a exposição a uma L2. Em outras palavras, trata-se de uma situação de bilingüismo.

Do exposto no parágrafo anterior, se deduz que ambos os fatores, um interno, a falta de uso, e outro externo, a influência da L2, devem influir em maior ou menor medida no desencadeamento do processo de atrito.

2.3 CAUSAS DO ATRITO: SIMPLIFICAÇÃO VS. INFLUÊNCIA DA L2

Uma das questões mais debatidas no estudo não só do atrito, mas da mudança lingüística em geral, tem sido as causas que motivam esse processo: fatores internos como a mencionada falta de uso, ou externos, como a influência da L2.

SELIGER e VAGO (1991, p. 7-10) e SILVA-CORVALÁN (1994, p. 92, 133), entre outros, ao analisarem as mudanças que o atrito produz na L1, distinguem entre motivos internos e externos, os quais podem ser identificados respectivamente com os processos de

atrito intra-sistema (ing. *intra-system*) e inter-sistema (ing. *inter-system*) descritos por PRESTON⁴⁰ (citado por SHARWOOD SMITH, 1989, p. 192). Essa distinção permite classificar os desvios da norma ou erros que aparecem na L1 dos falantes atingidos pelo atrito em dois tipos: intralinguais, devidos a causas internas, e interlinguais, devidos a causas externas, isto é, a influência da L2. Entre os primeiros estão fenômenos como a simplificação, a hipergeneralização, a regularização e a substituição de formas sintéticas por analíticas ou perifrásticas; entre os segundos se contam a transferência ou interferência e a convergência. Porém, não existe uniformidade terminológica entre os diferentes autores. Assim, esses fenômenos que poderíamos qualificar de universais são denominados e, às vezes, definidos de diferentes formas. É, portanto, necessário explicitar com que sentido se empregam esses termos no presente trabalho. Utilizam-se para tanto basicamente as definições de SILVA-CORVALÁN (1994, p.2-5), caso contrário, são mencionados os autores.

Fenômenos intralinguais:

- Simplificação: o uso de uma forma é expandido (ou generalizado) a um maior número de contextos, de modo que se produz uma redução de formas e a eliminação de alternativas, isto é, um sistema simplificado com menos formas.
- Hipergeneralização⁴¹: o processo de estender o uso de uma regra a itens que estão excluídos dela na norma lingüística. A diferença da simplificação é que esta produz contração, já que implica o uso menos freqüente ou eliminação de uma outra forma. A hipergeneralização, no entanto, aparece em contextos nos quais não existe outra forma competidora, assim não ocorre redução (por exemplo, a pronominalização do verbo em (134)⁴² (VIII-320) **se están cambiando *de plumas* [*están cambiando las plumas*] = estão mudando as penas; ou a ditongação de (128) (VII-23) **nuevecientos* [*novecientos*] = novecentos).

⁴⁰ PRESTON, D. How to lose a language. **Interlanguage Studies Bulletin**. 6, 2, 1982, p. 64-87.

⁴¹ Alguns autores como RASO (2003) usam o termo “hipercorreção” para fazer referência a desvios da norma não devidos à influência da L2, nos quais o falante tenta diferenciar as duas línguas quando estas coincidem (exemplos do corpus, (VIII-27) *le preguntamos *de la capota* [*le preguntamos por, sobre la capota*] = preguntamos-lhe pela, sobre a capota; ou (VII-23) **nuevecientos* [*novecientos*] = novecentos. O falante ditongou o numeral seguindo o modelo de *nueve* = nove). De fato, a hipercorreção é uma hipergeneralização na qual o falante, numa busca excessiva de correção, troca uma forma correta da língua que ele interpreta como incorreta, por uma outra forma que ele considera correta, mas que nesse contexto não é.

⁴² Os números entre parêntese situados antes dos exemplos do corpus são os utilizados na seção 4.2 para numerar os desvios da norma analisados neste trabalho.

- Regularização: termo relacionado com o anterior que se aplica quando as formas hipergeneralizadas são as de maior distribuição. Como define Preston, o resultado é a criação de regularidades onde havia irregularidades.

Fenômenos interlinguais:

- Transferência ou interferência: ambos os termos são frequentemente utilizados para fazer referência ao mesmo fenômeno, a incorporação de traços de uma língua a uma outra com a conseqüente reestruturação de padrões nos subsistemas envolvidos. Mas outros autores no campo de ensino de L2/LE, como BROWN (2000, p. 94), estabelecem uma diferença entre transferência como transmissão de conhecimento prévio que é corretamente aplicado e facilita a aprendizagem, e interferência, quando esse conhecimento é incorretamente associado e perturba a aprendizagem. Transferência e interferência seriam, portanto, a face positiva e negativa respectivamente do mesmo fenômeno, considerado uma estratégia de aprendizagem universal. De fato, alguns autores como HAMERS e BLANC (2000, p. 41) utilizam o termo transferência negativa para fazer alusão à interferência. Dado que poucos autores parecem aplicar essa distinção entre ambos os termos, neste trabalho serão utilizados como sinônimos.

Contudo, existem pesquisadores que, embora estejam se referindo ao mesmo fenômeno evitam a utilização da palavra “interferência”. Assim, PY e GROSJEAN (2002, p. 20-1) os quais consideram inadequado encarar os fenômenos de mistura lingüística de forma negativa, como fracassos. Conseqüentemente, introduzem uma nova denominação “variante de contato”. Do mesmo modo, COOK (2000, p. 4-5) prefere falar de “efeitos” da L2 sobre a L1; na sua opinião, não se trata de transferência de itens de uma língua a outra, mas de criação por fusão de algo diferente, uma competência com alterações que não devem ser interpretadas como deficiências.

- Convergência: consecução de uma maior semelhança estrutural em um aspecto dado da gramática das duas línguas. Em geral, é o resultado do processo de transferência, mas, também pode ser o resultado de tendências preexistentes motivadas internamente e aceleradas pelo contato.

Após esses esclarecimentos e voltando-se aos desvios intralinguais e interlinguais, é necessário ressaltar a importância dessa categorização na presente pesquisa, já que um dos objetivos da mesma é analisar o papel da influência da L2 no atrito da L1 dos imigrantes espanhóis no Brasil.

Não obstante, como lembram SCHMID e DE BOT (2004, p. 212-3), em muitas ocasiões é difícil distinguir entre mudanças devidas à influência da outra língua e aquelas produzidas por modificações dentro do próprio sistema. Neste sentido, SILVA-CORVALÁN (1994, p. 2) aponta que a inclinação teórica do linguista vai determinar o peso que confere às causas internas ou externas. Desse modo, surgem dois modelos teóricos: a teoria da simplificação, que privilegia os fatores internos, e a teoria da transferência ou influência interlingüística, que focaliza um dos fatores externos⁴³, a influência da L2.

2.3.1 A Teoria da Simplificação

A respeito do primeiro modelo, KÖPKE e SCHMID (2004, p. 16) afirmam que a simplificação “não pode, na realidade, explicar nada”⁴⁴. Isso é devido, em parte, à falta de precisão do termo “simplificação”. Em alguns casos, ele faz referência à preferência por estruturas analíticas no lugar das sintéticas; mas também pode indicar a eliminação de estruturas que exigem mais tempo para processar ou de aquelas que requerem mais transformações. De fato, como lamenta SILVA-CORVALÁN (1994, p. 2-3), não existe acordo entre os pesquisadores sobre o significado deste termo; para ela a simplificação supõe “a maior frequência de uso de uma forma X em um contexto Y (isto é, generalização) em prejuízo de uma forma Z, que habitualmente está em concorrência com X e semanticamente relacionada com ela (...) o resultado final deste processo é a redução ou perda de formas e a eliminação de alternativas, isto é, um sistema *simplificado*”⁴⁵.

Todavia, como adverte SCHMITT (2004, p. 313), a simplificação não pode explicar aqueles casos nos quais o atrito supõe um incremento do número e da complexidade ao invés de uma redução. Entre os exemplos que aporta a mesma autora, no caso do russo/L1 falado por crianças emigradas aos Estados Unidos, estão o aumento do número e da complexidade

⁴³ Os fatores externos abrangem o que SILVA-CORVALÁN (1994, p. 1) denomina “forças sociais externas” (*external social forces*), nas quais se inclui a L2.

⁴⁴ “... it cannot, in reality, explain anything”. No mesmo sentido SCHMITT (2004, p. 299).

⁴⁵ “... the higher frequency of use of a form X in context Y (i.e. generalization) at the expense of a form Z, usually in competition with and semantically closely related to X (...) its final outcome is reduction or loss of forms and elimination of alternatives, i.e. a simplified system”.

das conjunções, e o aumento dos sujeitos pronominais. Esses casos, segundo a autora poderiam ser atribuídos à convergência com a outra língua.

Uma variante do modelo de simplificação supõe que o atrito segue os mesmos princípios da mudança lingüística. De acordo com SCHMID⁴⁶, citada por KÖPKE e SCHMID (2004, p. 17) estes seriam: “redução de registros devido à redução de funções; redução do léxico afetando mais especificamente os itens de baixa frequência, e redução da complexidade morfológica que tem como resultado uma estrutura lingüística mais analítica”⁴⁷.

Esse modelo é freqüentemente usado em estudos de enfoque sociolingüístico que se ocupam do atrito intergeracional em grupos ou comunidades. Dentre essas pesquisas, duas são especialmente relevantes para o nosso tema: a de PY e GROSJEAN (2002) sobre o espanhol falado em comunidades de imigrantes espanhóis na Suíça francófona, e a de SILVA-CORVALÁN (1994) sobre a variedade de espanhol das comunidades mexicanas em Los Angeles. Em ambos os casos, o atrito é visto como uma forma de mudança lingüística acelerada num indivíduo ou numa comunidade (SCHMID; DE BOT 2004, p. 213).

Já no caso de PY e GROSJEAN (2002, p. 23) a influência da L2 aparece como a principal fonte das mudanças, mas coincidem na visão do atrito⁴⁸ como promotor da mudança lingüística. Assim, consideram que as que denominam “variantes de contato”⁴⁹ (interferências) podem revelar tendências profundas do sistema e ilustram “um estado transitório numa competência mutável”⁵⁰. O processo de reestruturação da competência que implica aprender uma L2 (isto é, o surgimento do bilingüismo) está determinado pelo princípio da simplicidade: “quanto mais simples é uma regra da L1, melhor resiste à pressão da outra língua”⁵¹. A simplicidade é definida por três critérios: “a extensão do domínio de

⁴⁶ SCHMID, M. S. *First Language Attrition, Use, and Maintenance. The case of German Jews in Anglophone countries.* Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2002, p. 13.

⁴⁷ “... *reduction in registers due to reduction in functions; reduction of the lexicon affecting more specifically low-frequency items; and reduction in morphological complexity resulting in a more analytical language structure*”.

⁴⁸ O termo utilizado por eles é “*restructuration*” (reestruturação), já que desejam evitar o uso de palavras como “atrito” ou “interferência”, as quais na sua opinião escondem uma visão negativa dos fenômenos de mistura lingüística (PY; GROSJEAN, 2002, p. 20-1).

⁴⁹ De acordo com PY e GROSJEAN (2002, p. 20-1) as “variantes de contato” são formas produzidas por um contato prolongado e regular com outra língua e diferem das variantes padrão, estruturas cuja legitimidade é reconhecida pelas gramáticas coetâneas da língua em questão. Com esse termo aludem às interferências.

⁵⁰ “... *um état transitoire dans une compétence mouvante*”.

⁵¹ “*Plus une règle est simple, mieux elle resiste à la pression de l'autre langue*”.

aplicação de uma regra, a saliência dos indícios que permitem reconhecer as formas compreendidas neste domínio e a redução do número de operações requeridas pela regra”⁵².

SELIGER (1989, p.173) propõe um princípio similar como causa última do atrito, o Princípio de Redução da Redundância (ing. *Redundancy Reduction*), segundo o qual “Se ambas as línguas contêm uma regra que serve a mesma função semântica, a versão da regra que é formalmente menos complexa e tem uma distribuição maior (...) substituirá a regra mais complexa e com menor distribuição”⁵³. De fato, essa transferência das regras mais simples da L2 reduz a carga da memória; o falante bilíngüe pode manter as duas línguas combinando elementos da L1 e da L2, conseguindo desse modo uma gramática mais econômica (ing. *parsimonious*) (SELIGER, 1989, p.182-3).

Essas propostas se aproximam das idéias de SILVA-CORVALÁN (1995, p. 9) segundo a qual, para tornar mais leve a carga cognitiva que supõe recordar e usar duas línguas, os bilíngües desenvolvem estratégias, sendo uma delas a transferência da L2 (as outras são simplificação, hipergeneralização, desenvolvimento de construções perifrásticas e alternância de código). No mesmo sentido, SHARWOOD SMITH (1983, p. 226) aponta que a transferência (da L1 na aquisição, da L2 no atrito) supõe a facilitação do processamento lingüístico quando se trata de duas línguas. Assim propõe como hipótese que serão adotadas (na L1 ou na L2) da outra língua aquelas estruturas que levem a maior simplicidade de processamento.

Segundo SILVA-CORVALÁN (1994, p. 92), muitas das mudanças têm uma causa interna dado que já estavam em andamento na “variedade monolíngüe” antes de se produzir o contato. Não obstante, também admite a existência de modificações produzidas pela influência da L2. Assim, de acordo com a sua concepção, existem cinco fenômenos característicos do bilingüismo: simplificação, hipergeneralização, análise (desenvolvimento de construções perifrásticas), transferência e convergência. Dentre eles, os três primeiros também caracterizam a mudança lingüística em comunidades monolíngües e com freqüência são, portanto, o resultado de fatores intralingüísticos. Só os dois últimos seriam conseqüência da influência interlingüística. Por exemplo, considera que as mudanças observáveis no sistema verbal espanhol dos imigrantes mexicanos em Los Angeles possam ser explicadas em

⁵² “...l'étendue du domaine d'application d'une règle, la saillance des indices permettant de reconnaître les formes comprises dans ce domaine, et la réduction du nombre d'opérations requises par la règle”.

⁵³ “If both languages contain a rule which serves the same semantic function, that version of the rule which is formally less complex and has a wider linguistic distribution (...) will replace the more complex more narrowly distributed rule”.

termos de simplificação, generalização e perda de categorias. Porém, a preferência pelo uso do indicativo no lugar do subjuntivo e a neutralização da oposição perfeito-imperfeito não poderia ser interpretada como uma transferência (quando menos indireta) do inglês, o qual não possui esses contrastes?

Em síntese, SILVA-CORVALÁN (1994, p. 218) considera que no processo de atrito intervêm quatro tipos de fatores: os já mencionados intralingüísticos e interlingüísticos, mais dois, os cognitivos e os sociais. Dentre os primeiros, destaca “a necessidade de simplificar e generalizar regras, talvez para fazer a produção oral mais rápida e automática”⁵⁴ (ibid., p. 92), e a “maior complexidade cognitiva de certos tipos de discurso”⁵⁵ (SILVA-CORVALÁN, 1990, p. 7); dentre os segundos sobressaem três fatores extralingüísticos (cf. seção 2.6) que favorecem o atrito na L1: a ausência de pressões normativas na L1, a restrição dos usos comunicativos da L1 e as atitudes positivas dos falantes sobre a L2 (SILVA-CORVALÁN, 1994, p. 7). Contudo, na sua opinião, o fator determinante do grau de difusão das inovações e do resultado final do contato lingüístico é a história sociolingüística dos falantes (ibid. p. 6).

2.3.2 A teoria da Transferência ou Influência Interlingüística

Se, como acabamos de ver, o modelo anterior privilegiava as causas internas do atrito, o presente modelo volta seu olhar para os motivos externos, em concreto, a influência da L2. Dado que esta pesquisa pretende observar o papel desempenhado por esse fator no atrito da L1, a teoria da transferência está no foco do nosso interesse.

O atrito não é conseqüência unicamente da falta de uso da L1. Segundo SCHMID e DE BOT (2004, p. 212) nas situações de contato lingüístico as modificações que se produzem no sistema de uma das línguas são devidas, ao menos em parte, à “invasão” de uma língua na outra: a L1 sofre o “ataque” da L2 quando esta é muito usada e, por conseguinte, começa a perder elementos. Essas perdas levam à aparição de lacunas (ing. *gaps*) que serão preenchidas por itens da L2. Esta “imagem bélica” utilizada por SCHMID (2006) e SHARWOOD SMITH (1989, p. 185) para descrever o processo do atrito reflete a importância que uma grande parte dos pesquisadores da área concede à influência da L2 como causa principal.

De fato, no idioleto dos indivíduos que experimentam atrito aparecem desvios da norma que mudam segundo a língua de contato: na fala dos imigrantes hispanofalantes nos

⁵⁴ “... the need to simplify and generalize rules, perhaps to make oral production quicker and more automatic”.

⁵⁵ “...higher cognitive complexity of certain types of discourse”.

Estados Unidos, na Suíça ou no Brasil observam-se desvios diferentes, que mostram a influência do inglês, do francês e do português, respectivamente. É evidente, portanto, que a influência da L2 desempenha um papel decisivo⁵⁶, embora não seja o único fator interveniente. A seguir recolhem-se alguns exemplos destas interferências na L1 de imigrantes hispanofalantes:

- **Inglês como L2:** *atendimos la junta*, no lugar de *asistimos a la junta*, por influência do inglês *to attend* (em português “assistir”); *la llamo pa’trás*, por *le devuelvo la llamada*, do inglês *to call back* (literalmente poderia ser traduzido por “ligar atrás”, mas na realidade significa “ligar de volta”)⁵⁷.
- **Francês como L2:** *decidió de llamar al médico*, no lugar de *decidió llamar al médico*, por influência do francês *il a décidé d’appeler le médecin* (em português “ele decidiu chamar o médico”); *no entiendo el ruido del tren*, por *no oigo el ruido del tren*, do francês *je n’entend pas le bruit du train* (em português “eu não ouço o barulho do trem”)⁵⁸.
- **Português como L2:** (*parecido con quién*, por *parecido a quién*, por influência do português “parecido com quem”);⁽⁴⁷⁾ *chillante*, em espanhol *chillón*, formada provavelmente a partir do português “gritante”⁵⁹.

Assim, para explicar este tipo de fenômenos, nos primórdios dos estudos sobre atrito, SHARWOOD SMITH (1989, p. 185) propõe a Hipótese da Influência Interlingüística (ing. *Crosslinguistic Influence*) segundo a qual, dentre os processos que determinam o atrito, a transferência é um dos mais importantes. O termo é de origem psicolinguístico e se refere à influência que um dos sistemas lingüísticos que o aprendiz possui pode exercer sobre o outro, tanto quando existe uma língua já desenvolvida (ing. *mature*) como quando há uma interlíngua ainda em desenvolvimento. O termo pretende ser mais amplo do que “transferência” e inclui empréstimos, influência da L1 na L2 e evitação da transferência.

⁵⁶ Com o que concorda SILVA-CORVALÁN (1995, p. 11-2).

⁵⁷ Exemplos de TORIBIO (2000, p. 176)

⁵⁸ Exemplos de PY e GROSJEAN (2002, p. 21).

⁵⁹ Exemplos do corpus da presente pesquisa.

Posteriormente, com um enfoque similar, SELIGER (1991, *passim*) e SHARWOOD SMITH e VAN BUREN (1991, *passim*) começam a aplicar as noções chomskianas de insumo (*input*) e evidência (*evidence*)⁶⁰ para explicar essa influência da L2.

De acordo com SHARWOOD SMITH e VAN BUREN (1991, p. 23), o falante nativo precisa de evidências não só para desenvolver a sua L1, mas também para mantê-la. Assim, “a L1 muda não por falta de uso, mas por falta de evidência que permita confirmar que a L1 é do modo que ela é”⁶¹. No caso do atrito, ante a falta de insumo da L1, a L2 começa a desempenhar esse papel e se transforma, em palavras de SELIGER (1991, p. 237), em “evidência positiva indireta”, isto é, quando se produz um problema para recuperar ou acessar formas ou estruturas da L1, o bilíngüe acode à gramática da L2 como fonte de conhecimento para avaliar a L1. Mas a evidência positiva indireta pode-se transformar em evidência positiva direta, quando um número suficiente de falantes começa a utilizar esses desvios da norma, essas variantes de contato. Desse modo, a nova gramática que resulta do processo de atrito é reforçada e pode supor o começo de um dialeto imigrante. Assim acontece na situação estudada por PY e GROSJEAN (2002, o espanhol dos imigrantes espanhóis na Suíça francófona).

Na opinião de KÖPKE (1999, p. 109-110), a questão mencionada no parágrafo anterior é a principal diferença entre as situações nas quais o atrito se produz em indivíduos que vivem de forma isolada e aquelas nas quais o indivíduo se integra em comunidades lingüísticas ou enclaves. Neste caso, a variante modificada da L1 se transforma na norma que serve de referência aos falantes dessa comunidade. No primeiro caso, não se dispõe de insumo suficiente da L1 e, portanto, a única possibilidade é recorrer ao insumo da L2. Conseqüentemente, a autora considera que é razoável atribuir à L2 um papel importante no processo de atrito.

De acordo com a classificação que utiliza SILVA-CORVALÁN (1994, p.4-5), existem transferências diretas e indiretas. Entre as primeiras distingue dois tipos:

⁶⁰ A palavra “insumo” faz referência às amostras de língua alvo, orais ou escritas, que o aprendiz encontra durante seu processo de aprendizagem e são uma fonte para elaborar hipóteses sobre a estrutura dessa língua. A noção de “evidência” remete às informações que permitem ao aprendiz julgar a validade das suas hipóteses. Elas podem ter a forma de “evidências negativas diretas” (correções feitas pelos interlocutores), “evidências negativas indiretas” (a ausência ou baixa frequência de estruturas agramaticais) e “evidências positivas” (as estruturas corretas produzidas pelos outros falantes). Para mais detalhes ver CHOMSKY, N. **Lectures on government and binding**. Dordrecht: Foris, 1981, citado por SHARWOOD SMITH (1989, *passim*).

⁶¹ “*The L1 changes not because of lack of use but because of a lack of confirming evidence that the L1 is the way it is...*”.

- 1- uma forma ou estrutura da L1 é substituída por uma outra da L2, ou uma forma ou estrutura desta língua é incorporada à L1; no corpus analisado nesta pesquisa (cf. seção 4.2.2), este tipo está representado pelos decalques léxicos, os decalques estruturais, a regência verbal e a alternância de código; por exemplo, **bobage* substitui a *tontería* e *alquer* é usado como medida de superfície;
- 2- o significado de uma forma da L2 é incorporado a uma forma da L1; nesta pesquisa, formam este grupo os decalques e as aglutinações semânticas, e alguns aspectos da morfossintaxe como as preposições, advérbios e conjunções; por exemplo, o verbo *colar* incorpora o valor de aderir que em espanhol é *pegar*, e este, por sua vez, incorpora o sentido do português, segurar, prender.

As transferências indiretas também podem ser de dois tipos:

- 1- a maior frequência de uso de uma forma; neste corpus, corresponde aos decalques de uso e algumas questões sintáticas como a expressão dos pronomes sujeito ou a substituição do possessivo por *de* + pronome; por exemplo, o uso de *mas* no lugar de *pero* (= *mas*), sendo esta última a mais usada no espanhol monolíngüe ou sem contato;
- 2- a perda de uma categoria ou uma forma na L1 que não tem equivalente na L2; no corpus observa-se nas omissões de clíticos e da preposição *a* no objeto direto pessoal e na locução verbal de futuro; por exemplo, *tuvo usted* [*lo tuvo a usted*] (= *teve o senhor*), onde estão ausentes o clítico *lo* e a preposição *a*, ambas formas não utilizadas no português.

Para autores como COOK (2000, 2003) ou SCHOENMAKERS (1989), a influência da L2 não se restringe aos aspectos formais ou lingüísticos, mas também leva a uma mudança semântico-conceitual. Segundo COOK (2000, p. 5), os “usuários de L2” (cf. seção 2.1, nota 14) adquirem uma outra visão do mundo que não é simplesmente acumulativa, isto é L1 + L2, já que supõe a criação de algo diferente (cf. seção 2.3). Na sua opinião, os efeitos da L2 sobre a L1 não são nem positivos nem negativos: simplesmente produzem diferenças na competência lingüística que não devem ser interpretadas como deficiências. Mas não só isso, a mente do usuário de L2 também é diferente da dos monolíngües.

SCHOENMAKERS (1989, p. 103-6), da sua parte, propõe a Hipótese Conceitual que explica o atrito no nível semântico como uma mudança de conceitualização no sistema lingüístico, devido ao afastamento da comunidade da L1 e ao contato intensivo com a comunidade da L2. Segundo a autora, cada comunidade lingüística tem a sua própria maneira

de conceitualizar a realidade; todavia, “o significado essencial é o mesmo para todas as línguas, mas as fronteiras entre os termos básicos de diferentes línguas podem mudar”⁶². Assim, o atrito se produz quando existem diferenças de conceitualização entre L1 e L2; nesse caso, o conceito da L1 é gradualmente adaptado ao conceito em L2.

No entanto, segundo PAVLENKO (2004, p. 54), o atrito da L1 e a influência da L2 na L1 são dois fenômenos diferentes. Geralmente, nos estudos de atrito assume-se que as interferências são devidas ao atrito; são consideradas, em palavras de HAMERS e BLANC (2000, p. 41), a “expressão da falta de competência lingüística”⁶³. Mas nem sempre é assim: como analisa PAVLENKO (id.), a influência da L2 pode ocorrer na fala não erodida de bilíngües “normais” em um contexto bilíngüe⁶⁴. Para contar como atrito, essa influência deve produzir uma perda ou reestruturação permanente de formas ou regras da L1, constatável não só em contextos bilíngües, mas também em contextos monolíngües de L1⁶⁵.

De fato, a influência da L2 produz uma mistura lingüística (ing. *linguistic mixing*), que de acordo com HAMERS e BLANC (2000, p. 41) e SELIGER e VAGO (1991, p. 6) não é necessariamente uma questão de interferência; pode ser uma estratégia específica do falante bilíngüe. Do ponto de vista das normas monolíngües, a mistura e a alternância de código (ing. *code-mixing* e *code-switching*) podem parecer anomalias, desvios. Mas, segundo GROSJEAN⁶⁶, citado por HAMERS e BLANC (2000, p. 41), os bilíngües normalmente misturam as línguas quando falam com outros bilíngües com os quais compartilham as suas línguas. A simples alternância de código não deve ser considerada uma prova de atrito, já que o uso de um ou vários elementos da L2 não significa que o falante tenha perdido os correspondentes da L1; simplesmente, pode considerar que é mais apropriado em um contexto comunicativo determinado.

Em relação à influência da L2, aparece a questão da semelhança entre as duas línguas. Para alguns autores (SELIGER, 1989, p. 182; SHARWOOD SMITH, 1989, p. 194-5 e 1983, p. 225; WEINREICH, 1968, p. 57) as formas estruturalmente semelhantes são mais propensas à interferência. O primeiro autor, situa a semelhança estrutural entre os fatores que “podem

⁶² “... the core meaning is the same for every language, but the boundaries between the basic terms of different languages may differ”.

⁶³ “... an expression of the lack of linguistic competence...”.

⁶⁴ KÖPKE; SCHMID (2004, p. 31).

⁶⁵ Concordam HAMERS; BLANC (2000, p. 77).

⁶⁶ GROSJEAN, F. The bilingual as a competent but specific speaker-hearer. **The Journal of Multilingual and Multicultural Development**, 6, p. 467-477, 1985.

conspirar para facilitar”⁶⁷ o atrito. Igualmente, pesquisas como as de ALTENBERG (1991, p. 191), KÖPKE (1999), SILVA-CORVALÁN (1994, p. 217) e SCHOENMAKERS (1989) parecem indicar que a semelhança é uma condição necessária para que se produza transferência. Assim sendo, a influência da L2 seria mais forte quando as duas línguas são similares⁶⁸.

Em síntese, de acordo com levantamento realizado por KÖPKE (1999, p. 110-111), a maioria das pesquisas sobre atrito da L1 tanto em crianças como em adultos, constatam que as mudanças observadas são, ao menos em parte, imputáveis à interferência da L2. Dentre esses estudos⁶⁹, apenas três testam explicitamente a influência da L2, os de ALTENBERG (1991), PELC (1998) e SCHOENMAKERS (1989), mas este último evidencia um nível de atrito mínimo.

Por último, não se deve esquecer que, apesar das diferenças existentes entre os dois modelos da simplificação e da influência interlingüística, ambos se aproximam ao aceitar a transferência como um dos fenômenos básicos no atrito, o que funciona como estratégia facilitadora da carga cognitiva que supõe recordar e usar duas línguas no processamento lingüístico bilíngüe (cf. seção 2.2.1).

2.4 PERDA DE COMPETÊNCIA VERSUS PROBLEMAS DE DESEMPENHO

Após a discussão sobre as causas internas e externas do atrito, ponto focal desta pesquisa, apresentaremos brevemente outra das questões básicas e mais debatidas pelos autores; se refere esta à pergunta sobre o verdadeiro alcance do fenômeno: as mudanças que o atrito produz implicam uma modificação da competência lingüística subjacente ou se situam no nível do desempenho? Trata-se de saber, como foi antecipado na seção 2.1, se o atrito consiste em uma verdadeira perda de conhecimento lingüístico ou apenas em uma redução da acessibilidade.

De acordo com KÖPKE (1999, p. 105), a distinção entre competência lingüística subjacente e a sua manifestação através do desempenho observável do falante é uma das

⁶⁷ “... *might conspire to facilitate* ...”.

⁶⁸ Apesar de português e espanhol serem línguas afins, a presente pesquisa não se ocupa dessa questão, já que não é possível provar o impacto da semelhança estudando apenas duas línguas. Seria necessário desenhar um experimento com pelo menos três línguas, uma mesma L1 e duas L2 como no caso da pesquisa de KÖPKE (1999), para poder comparar o nível de atrito em cada caso (SCHMID, 2006). Além disso, é difícil definir e operacionalizar o conceito de semelhança.

⁶⁹ Por exemplo PY; GROSJEAN (1991, 2002), SCHMID (2002) e SELIGER (1991).

questões principais em psicolinguística. As duas noções foram confrontadas pela primeira vez por CHOMSKY⁷⁰, citado por KÖPKE (id.), a fim de distinguir entre o conhecimento idealizado das estruturas linguísticas (competência) e a sua utilização em tempo real (desempenho). Para expressar *grosso modo* os mesmos conceitos, SHARWOOD SMITH e VAN BUREN (1991, p. 18) utilizam as expressões “conhecimento” (ing. *knowledge*) e “processamento on-line” desse conhecimento (ing. *on-line processing of knowledge*).

Um dos autores que mais se ocupam desta questão, SHARWOOD SMITH (1989, p. 224-5), considera que certos sinais do atrito podem ser atribuídos a “um uso desviado ou inusual das ‘regras de tráfego’ psicolinguístico”, isto é, problemas de ativação ou acesso on-line a um conhecimento intato; outros sinais seriam imputáveis a uma mudança da competência subjacente, isto é, um conhecimento transformado.

Assim, esse mesmo autor⁷¹, citado por KÖPKE (1999, p. 105) sugere que o atrito comporta três etapas:

- 1) Na primeira etapa se produzem desvios de desempenho, enquanto a competência permanece estável;
- 2) A segunda é uma etapa transicional na qual ocorrem mudanças na competência, mas o falante é ainda capaz de adotar uma variedade padrão da língua quando as circunstâncias o requerem;
- 3) A terceira etapa se caracteriza pela emergência duma nova competência.

Porém, segundo KÖPKE (ibid. p. 107), as pesquisas realizadas sobre atrito na L1 de adultos⁷² não permitem constatar a existência da terceira etapa. Em geral, descrevem problemas de desempenho, dificuldades de acesso, que parecem corresponder à segunda etapa. De fato, em alguns casos os participantes nas pesquisas quando confrontados com as próprias respostas, não concordam com elas. Contudo, na opinião da mesma autora (id.) é prematuro chegar à conclusão de que a competência não pode mudar nos adultos: se já está parcialmente modificada, nada impede que ela continue experimentando mudanças até alcançar essa terceira etapa de “nova competência”.

⁷⁰ CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.

⁷¹ SHARWOOD SMITH, M.A. On explaining language loss. In: FELIX, R. ; WODE, H. (ed.) **Language development at the crossroads**. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1983, p. 49-59.

⁷² Ao contrário do que acontece nos estudos com crianças, em que se verificam reestruturações da competência.

De acordo com KÖPKE e SMITH (2004, p. 21), no nível da competência, o atrito implica uma reestruturação do conhecimento lingüístico subjacente; no nível do desempenho, o atrito tem como resultado dificuldades no controle desse conhecimento e pode produzir dois tipos de fenômenos: dificuldades para encontrar palavras (ing. *word finding*), dado que a acessibilidade do léxico é reduzida, e problemas de processamento. Estes últimos aparecem quando, devido à mudança dos padrões de dominância entre as duas línguas, os falantes experimentam dificuldades cada vez maiores para inibir a L2 enquanto usam a L1 e evitar desse modo interferências.

Nesse contexto, surgem as noções de inibição e ativação, diretamente relacionadas com a frequência de uso, a qual é interpretada como reforço de um sistema ou um item ou estrutura lingüística particular. Por essa perspectiva, o atrito é considerado uma redução da acessibilidade, conseqüência natural da falta de uso da língua. A partir desta visão, PARADIS (1993, 2004) desenvolve a Hipótese do Limiar de Ativação (ing. *Activation Threshold Hypothesis*), segundo a qual os elementos ou línguas ativados com maior frequência precisam de menos estimulação para serem reativados (isto é, têm um limiar de ativação baixo) do que os elementos ou línguas ativados com menor frequência (que têm, portanto, um limiar de ativação alto). Nos bilíngües a intenção de falar uma língua suporia a inibição do outro sistema e evitaria as interferências, exceto se, como ocorre no atrito, o limiar de ativação de uma língua, a L2, é muito baixo por causa da frequência de uso, e o da outra, a L1, muito alto.

2.5 O ATRITO NOS DIFERENTES NÍVEIS LINGÜÍSTICOS

A maioria dos autores concorda que o atrito não se produz ao acaso, mas é um processo seletivo⁷³. Alguns aspectos da gramática da L1 parecem ser mais vulneráveis do que outros. De fato, como apontam KÖPKE (1999, p. 113), MUYSKEN (2004, p. 161) e SCHMID e DE BOT (2004, p. 215), entre outros, grande parte da literatura sugere que o atrito aparece primeiro no nível léxico, dado que os itens lexicais são mais facilmente transferíveis do que os gramaticais; só em fases mais avançadas seriam afetados os níveis morfológico e sintático. Porém, segundo SCHMID (2004, p. 240-1), é possível que os testes usados para avaliar o repertório léxico sejam mais eficazes para detectar problemas do que as técnicas de avaliação usadas nos níveis morfológico e sintático. Assim, a imagem que se obtém nas

⁷³ Entre outros, KÖPKE; SCHMID (2004), HAMERS e BLANC (2000, p. 78), SELIGER (1991, p. 228), TSIMPLI et al. (2004).

pesquisas não seria totalmente correta. De outro lado, como já advertia WEINREICH (1968, p. 67), é difícil quantificar e comparar o atrito⁷⁴ nos diferentes níveis lingüísticos. No mesmo sentido, SCHMID (2004, p. 240) se pergunta se é possível comparar, por exemplo, a redução de alomorfes de plural com a perda de itens lexicais.

KÖPKE (1999, p. 327-8) aporta vários argumentos que tentam explicar a maior vulnerabilidade do léxico ao atrito. De um lado, o tratamento do léxico está, segundo a autora, mais submetido ao efeito da frequência do que o tratamento da gramática; nesse sentido, é necessário recordar que as palavras gramaticais têm uma frequência claramente mais elevada do que os termos léxicos, o que está ligado ao fato de que os primeiros são limitados em número, ao contrário do léxico. De outro lado, tomando como base os trabalhos com imaginologia cerebral (cf. seção 2.1.2), Köpke formula como hipótese que existem zonas no cérebro predestinadas à aquisição da morfossintaxe, as quais não estão mais disponíveis depois de uma certa idade (relativamente cedo, por volta dos 5 anos). Essas zonas estão adaptadas a tratamentos de tal complexidade que os conhecimentos nelas localizados têm maior estabilidade e resistência à interferência. Os conhecimentos léxicos, cuja aquisição prossegue ao longo da vida toda, são diferentes e, portanto, mais vulneráveis às interferências.

Na mesma linha, PERECMAN (1989, p. 233) argumenta que o processamento lingüístico do bilíngüe permite explicar a maior incidência das interferências no nível léxico. De acordo com a autora, as interferências são produzidas pela interação dos sistemas lingüísticos a diferentes níveis do processamento. Essa interação mostra uma estrutura hierárquica. Assim, no que ela denomina nível “pré-lingüístico conceitual”, as diferentes línguas estão unificadas num sistema único. No nível léxico-semântico, elas têm uma ligação forte. À medida que o processamento se aproxima ao nível fonético-articulatório, essas ligações entre as línguas vão sendo cada vez mais fracas. Isso gera mais fenômenos de mistura no nível léxico do que no nível fonológico.

Existem explicações do processo seletivo do atrito baseadas na noção de Gramática Universal de Chomsky. De acordo com esse modelo, a Gramática Universal contém um conjunto de princípios fixos e alguns parâmetros abertos, que são definidos durante o processo de aquisição de L1. Esses parâmetros têm diferentes valores possíveis (marcados e

⁷⁴ Ele não utilizava esse termo, mas quando analisa “interferências” na L1, está na realidade se ocupando do que hoje conhecemos como atrito na L1.

não-marcados) e, a menos que a evidência do insumo mostre o contrário, o valor não-marcado é preferido.

No caso do atrito, algumas pesquisas (SELIGER, 1989, 1991) parecem indicar que ocorre nesse processo um reposicionamento (ing. *resetting*) de parâmetros marcados da L1, que podem passar a ter um valor não-marcado para se equipararem a equivalentes da L2. Isso seria o resultado do insumo interlingüístico, que ativa um procedimento de cópia da L2 à L1 (SHARWOOD SMITH; VAN BUREN, 1991, p.25-7). No entanto, esses mesmos autores questionam a validade desta hipótese, já que, em geral, supõe-se que o posicionamento (ing. *setting*) dos parâmetros esteja condicionado pela evidência do insumo e o atrito caracteriza-se precisamente pela ausência de evidência devido à falta de contato (ibid., p. 26).

Mais recentemente, alguns estudos⁷⁵ aplicaram a última versão do gerativismo chomskyano: o Minimalismo. Esse modelo estabelece a diferença entre traços semanticamente importantes ou “+interpretáveis” e aqueles sem conteúdo semântico, não-interpretáveis ou “-interpretáveis”. Os resultados dessas pesquisas indicam que o atrito afeta a interface entre sintaxe e semântica, isto é, traços +interpretáveis; entretanto, os traços puramente morfossintáticos, -interpretáveis, permanecem estáveis (KÖPKE; SCHMID, 2004, p. 19).

2.6 FATORES EXTRALINGÜÍSTICOS

O atrito é determinado só parcialmente por fatores lingüísticos, internos ou externos (cf. seção 2.2.1). Até mesmo em um estudo de enfoque psicolingüístico⁷⁶ é necessário contemplar o papel nada desprezível que desempenham os fatores extralingüísticos. Entre eles contam-se variáveis sociolingüísticas como idade e educação, e outras questões como o contato com a L1, a duração da imigração e as atitudes.

2.6.1 Idade

Um dos fatores mais importantes numa perspectiva psicolingüística é a idade. Segundo KÖPKE e SCHMID (2004, p. 9-20), os resultados das pesquisas mostram (e existe um amplo acordo sobre este ponto) que o atrito da L1 é muito mais grave nas crianças do que nos

⁷⁵ MONTRUL (2002, 2004), TSIMPLI (2004).

⁷⁶ Segundo KÖPKE (1999, p. 73), a motivação principal dos estudos de enfoque sociolingüístico, à diferença dos psicolingüísticos, é isolar os fatores que determinem a manutenção ou o abandono duma língua em uma comunidade.

adultos. Para explicar este fenômeno existem duas possibilidades. A primeira é que o atrito seja influenciado pelos mesmos fatores que levaram a postular a Hipótese do Período Crítico, segundo a qual, devido à maturação do cérebro, aprender uma outra língua torna-se mais difícil passada uma certa idade. No que se refere ao atrito, isso implica que quanto mais fácil é para a criança aprender uma L2, mais provável é que esqueça a sua L1. Isso nos remete à distinção entre bilíngües precoces e tardios cujas diferenças no processamento lingüístico foram comprovadas pelas pesquisas neurolingüísticas recentes (cf. seção 2.1.2).

De fato, existem múltiplas evidências de que o sistema da L1 pode ser gravemente erodido quando o processo de atrito se declara antes da puberdade. Já nos casos em que os falantes contavam mais de 12 anos no momento da redução do insumo da L1 e a aquisição da língua tinha se completado⁷⁷, o grau de atrito observado é em geral surpreendentemente baixo (ibid., p. 10).

A segunda possibilidade para explicar o menor atrito nos adultos é que o alfabetismo, em interação com a idade, seja um fator de resistência ao atrito. Assim, a leitura e a escrita não só permitem maior contato com a língua em caso de emigração, mas também facilitam a fixação da língua no cérebro.

2.6.2 Educação

Na opinião de SCHMID e DE BOT (2004, p. 219-220), o nível de educação é um aspecto até o momento negligenciado nas pesquisas sobre atrito. Isso pode ser devido a dois motivos, sendo o primeiro a dificuldade para definir o construto de educação em contextos multilíngües e multiculturais. No segundo caso, trata-se de um problema metodológico: como determinar se esse fator afeta unicamente o atrito ou o desempenho lingüístico em geral? De fato, o nível de educação “melhora” os resultados dos testes baseados em tarefas metalingüísticas como juízos de gramaticalidade (ing. *grammaticality judgements*) ou exercícios de correção de frases (ing. *sentence correction*).

Por outro lado, as pesquisas mostram efeitos variados do fator educação sobre o atrito. No estudo de KÖPKE (1999, p. 341) não exerce nenhuma influência sobre a produção oral dos participantes. Já os resultados de YAĞMUR et al. (1999, p. 63-66), são ambivalentes: um

⁷⁷ Como pontualizam MONTRUL (2000, passim) e SCHMID e DE BOT (2004, p. 219) não se deve falar de atrito no caso de uma aquisição falida ou incompleta.

nível mais alto de educação pode facilitar a substituição (ing. *shift*) da L1 pela L2 ou favorecer a manutenção da L1.

2.6.3 Contato

Parece evidente que o atrito da L1 pode depender em grande medida do contato que o indivíduo tem com falantes dessa língua e muitas pesquisas confirmam essa idéia⁷⁸. Porém, outras não encontraram correlação entre contato e nível do atrito⁷⁹.

Como apontam SCHMID e DE BOT (2004, p. 221-2), trata-se de um fator difícil de quantificar. Além disso, só pode ser estabelecido por meio de informações dos próprios falantes e, sendo a questão da proficiência lingüística muito sensível, os dados podem refletir mais as aspirações da pessoa do que a realidade.

Os mesmos autores (id.) explicam que o contato depende de dois fatores: oportunidade e opção. É, portanto, um fator complexo, no qual é difícil decidir até que ponto está influenciado pela atitude ou, simplesmente, fica fora do controle do falante por motivos sócio-geográficos. O imigrante pode-se encontrar num lugar onde não há falantes da sua L1; mas também o contato pode estar reduzido a um pequeno número de pessoas em contextos específicos, como o familiar. Não obstante, também é possível que o imigrante tenha contato com falantes da sua L1, mas opte por não usar essa língua na interação com eles.

Segundo KÖPKE e SCHMID (2004, p. 14), numa tentativa de avaliar este fator de forma mais rigorosa, várias pesquisas aplicaram a Teoria da Rede Social de Contatos (ing. *Social Network Theory*). Trata-se de estabelecer um vínculo entre o atrito e a multiplicidade e a densidade de relações que o indivíduo mantém com outros falantes da L1. Contudo, os resultados não são conclusivos; por exemplo, na pesquisa de HULSEN⁸⁰, citada por KÖPKE e SCHMID (2004, p. 14), um maior número de contatos em L1 teve conseqüências negativas sobre as respostas corretas no teste aplicado. Isso poderia ser interpretado como um efeito de grupo (cf. seção 2.2.2): quando o falante faz parte de uma comunidade de imigrantes, os contatos em L1 podem efetivamente ser freqüentes, mas com outros imigrantes cuja L1 também deve ter sido afetada pelo atrito. Desse modo, o insumo que recebe não provém da L1 padrão, mas de uma variedade imigrante já modificada.

⁷⁸ Por exemplo DE BOT et al. (1991), KÖPKE (1999) e SCHOENMAKERS (1989).

⁷⁹ Assim como JASPAERT, K.; KROON, S. Social determinants of language loss. I.T.L. **Review of Applied Linguistics**, 83/84, 1989, p. 75-98, citado por KÖPKE; SCHMID (2004, p. 14).

⁸⁰ HULSEN, M. **Language Loss and Language Processing**. Three generations of Dutch migrants in New Zealand. Tese de doutorado não publicada. Nijmegen: Katholieke Universiteit Nijmegen, 2000.

2.6.4. Duração da Imigração

KÖPKE e SCHMID (2004, p.11) mencionam estudos psicolinguísticos segundo os quais a imersão em um meio linguístico diferente leva a uma mudança na dominância, isto é, o acesso à L1 torna-se mais lento do que o acesso à L2, mesmo se a competência nesta última não alcança o nível de nativo. Essa mudança na dominância não é exatamente atrito; porém, é muito provável que o atrito esteja precedido por uma alteração desse tipo (cf. seção 2.1.1).

Contudo, como lembram SCHMID e DE BOT (2004, p. 220), os resultados de numerosas pesquisas mostram que a duração da imigração não tem a relevância que se poderia pensar (o tempo transcorrido desde o começo do atrito parece não ser um fator tão importante quanto se pensava). DE BOT et al. (1991, p. 94), por exemplo, sugerem que o tempo transcorrido desde o começo da imigração unicamente tem um efeito quando há pouco contato com a L1.

De modo geral, parece existir consenso na literatura (SCHMID e DE BOT, 2004, p. 220) que o atrito se produz na primeira década da imigração: os imigrantes que conseguem manter sua L1 durante esses primeiros 10 anos, têm altas probabilidades de continuar sendo fluentes nessa língua, mesmo depois de muitas décadas num ambiente de L2 (por exemplo, SCHMID, 2004).

2.6.5. Atitudes

Na opinião de KÖPKE e SCHMID (2004, p. 12), as atitudes aparecem como um fator bastante mais decisivo do que o tempo, ainda que muito mais difíceis de se mensurar. As pesquisas sobre aquisição de L2 têm mostrado o forte impacto que atitudes, motivações e outros fatores afetivos exercem sobre a aprendizagem linguística. Parece, portanto, razoável assumir que elas influam também no atrito.

De fato, como apontam SCHMID e DE BOT (2004, p. 222), as atitudes são cruciais na hora de se determinar se o resultado do processo de aquisição é um bilingüismo aditivo ou subtrativo. No primeiro caso, trata-se de uma experiência enriquecedora que soma uma L2 sem perder a L1. Já no segundo caso, a aquisição tem efeitos nocivos sobre a L1, isto é, pode desencadear um processo de atrito nessa língua.

Segundo esses mesmos autores (id.), atitudes e motivações têm como base as percepções individuais da situação e o modo como o grupo minoritário e o majoritário se percebem mutuamente. Por conseguinte, estes fatores estão relacionados com questões sociais como a identidade.

Pesquisas como as de DEWAELE (2004), PAVLENKO (2002) e SCHMID (2002) aportam evidências em favor da influência dos fatores afetivos e atitudinais no processo de atrito. Na pesquisa de SCHMID (id.) sobre atrito na L1/Alemão de Judeus-Alemães que emigraram para países anglófonos, a consequência da perseguição Nazista, o grau de trauma sofrido é o único fator que pode explicar as maiores perdas lingüísticas do grupo que emigrou por último. O atrito observado no grupo que saiu da Alemanha em primeiro lugar e, portanto, passou mais tempo no ambiente de L2, é muito menor, mas as suas atitudes para com a Alemanha são menos negativas, dado que não chegaram a sofrer as piores agressões, como o Pogrom da *Reichskristallnacht*.

Existem duas formas de medir as atitudes; a primeira seria a elicitación aberta (ing. *overt*) mediante questionários. Neste caso, os resultados podem-se ver distorcidos porque os sujeitos, por cortesia ou para serem politicamente corretos, podem dizer o que eles acham que os outros querem ouvir, não o que pensam na realidade. A segunda é a elicitación velada⁸¹ (ing. *covert*) que pretende testar atitudes de uma maneira menos óbvia, indiretamente (SCHMID, 2006).

2.7 ALTERNÂNCIA DE CÓDIGO VERSUS ATRITO

De acordo com SILVA-CORVALÁN (1995, p. 9-10), o empréstimo léxico⁸² e alternância de código fazem parte das estratégias usadas pelos bilíngües para tornar mais leve a carga cognitiva que emplica usar duas línguas. Ao mesmo tempo, empréstimos léxicos e decalques estão entre os traços mais característicos do processo de atrito. Porém, os fenômenos de contato lingüístico são, pelo seu caráter “miscigenado”, de difícil classificação. Quando um dos participantes nesta pesquisa utiliza as palavras “farol” ou “divisa”, idênticas em espanhol e português, com o significado correspondente ao português, trata-se de um

⁸¹ Por exemplo, o teste chamado *Matched Guise*, que consiste em apresentar ao sujeito várias gravações do mesmo texto lido pelas mesmas pessoas em línguas diferentes; a seguir, ele deve qualificar as pessoas como mais ou menos inteligentes, simpáticas, confiáveis, etc.

⁸² Com o termo “empréstimo” se traduz o inglês *borrowing*, que na literatura anglófona é utilizado freqüentemente para fazer referência a formas de transferência ou influência interlingüística que se produzem na fala de indivíduos bilíngües dentro do processo do atrito. Todavia, como lembra EDWARDS (2004, p. 18), um “empréstimo individual” (o que ele denomina *loan word*) cujo uso se generaliza, transforma-se em *permanent borrowing*, isto é, um empréstimo a nível de sistema lingüístico, que é o sentido que normalmente tem o termo em português: “Há empréstimo lingüístico quando um sistema A utiliza e acaba por integrar uma unidade ou um traço lingüístico que existia antes num sistema lingüístico B e que A não possuía. A unidade ou o traço tomados como empréstimo são eles próprios chamados empréstimos” (Dicionário de Termos Lingüísticos da Associação de Informação Terminológica, disponível em http://www.ait.pt/index2.htm?http://www.ait.pt/recursos/dic_term_ling/, acesso em nov 2006).

decalque semântico ou de alternância de código? O participante está usando as formas espanholas com um significado modificado, ou as portuguesas? Em geral, estabelecer fronteiras entre esses fenômenos é uma tarefa intrincada, tanto pela própria natureza difusa e mutante dos processos, como pela falta de acordo entre os pesquisadores. Assim surgem duas questões levantadas por numerosos autores⁸³: podemos considerar a alternância como evidência de atrito?, é possível distinguir entre empréstimos (ou decalques) e alternância de código?

A alternância de código (ing. *code-switching*) consiste no uso alternativo de dois ou mais códigos lingüísticos no mesmo evento conversacional (TORIBIO, 2000, p. 174). É usada pelos bilíngües como estratégia comunicativa e marca de pertença a um grupo étnico em situações de comunicação bilíngüe. Existem dois tipos: a alternância que se produz entre orações distintas ou inter-oracional (114) (IV-155: “*tú no dices buenos días. no . yo no . eu não falo bom dia*”), e a alternância dentro de uma mesma unidade oracional ou intra-oracional⁸⁴ (V-182: “*unas ideas medias medias ... libres*”). As primeiras são reguladas principalmente por fatores sociais e discursivos, enquanto as intra-oracionais se regulam mais por restrições sintáticas⁸⁵. As pesquisas mais recentes têm centrado sua atenção neste segundo tipo (FONTANA; VALLDUVÍ, 1990, p. 172).

Segundo TORIBIO (2000, p. 175) e MUYSKEN (2004, p. 157) essas alternâncias intra-oracionais exigem um domínio dos sistemas envolvidos maior do que outras formas de contato lingüístico como o empréstimo (exemplo de TORIBIO: *Leí el libro en el “reference room”*), que pode aparecer mesmo entre falantes monolíngües. Assim, o uso de um ou vários elementos da L2 não significa que o falante tenha perdido os correspondentes da L1; simplesmente, pode considerar que é mais apropriado ou que aporta “cor local”⁸⁶ (SCHMID;

⁸³ TORIBIO (2000) dedica um artigo integralmente à primeira questão; da segunda se ocupa LIPSKI (2005).

⁸⁴ Porém, MUYSKEN (2004, p. 149) denomina essas alternâncias intra-oracionais “mistura de código” (ing. *code mixing*) para diferenciá-las da mais específica alternância de código inter-oracional.

⁸⁵ Segundo APPEL e MUYSKEN (1996, p. 183-191) existem restrições particulares e universais. As primeiras permitem a alternância em alguns contextos mas não em outros; por exemplo, é possível entre um núcleo nominal e uma oração relativa, mas auxiliar e verbo principal devem estar na mesma língua. As universais são de dois tipos: as restrições lineares e as de dependência. De acordo com as restrições lineais, a alternância tende a aparecer nos pontos em que a estrutura superficial de ambas as línguas é similar. As restrições de dependência ou de regência prevêm que não pode haver alternância entre dois elementos quando dependem um do outro. Como apontam TORIBIO e RUBIN (1996, p. 203), alguns autores põem em dúvida a própria existência dessas restrições sintáticas, dado que, como as pesquisas têm mostrado, todas elas têm exceções.

⁸⁶ De fato, na literatura aparece um outro tipo de alternância, a emblemática, a qual consiste na utilização de exclamações, locuções ou palavras com função pragmática de uma língua dentro de orações numa

DE BOT, 2004, p.215). Conseqüentemente, a alternância de código não denota necessariamente a existência de atrito, embora tenha sido considerada no passado um sinal de incompetência lingüística (HAMERS; BLANC, 2000, p. 258) e continue gerando atitudes negativas.

BEN-RAFAEL (2004, p. 168-175) numa pesquisa sobre israelenses francófonos considera que a alternância é sinal de atrito unicamente quando utilizada como estratégia para suprir termos franceses que se tornaram inacessíveis por causa do processo de atrito. Noutras ocasiões, a alternância compensa a ausência de termos franceses apropriados para refletir os valores culturais israelenses; a autora denomina estes casos “alternância sem atrito”.

Em algumas pesquisas a alternância aparece como catalisador do processo de atrito. Neste sentido, HAMERS e BLANC (ibid., p. 77) mencionam uma pesquisa de CLYNE (1977) sobre atrito entre imigrantes holandeses residentes na Austrália, cujo comportamento lingüístico mostra fenômenos de erosão e, ao mesmo tempo, um freqüente uso da alternância de código.

SELIGER e VAGO (1991, p. 6), de sua parte, consideram que em situações normais de bilingüismo, a alternância de código pode ser controlada pelo falante⁸⁷; mas, quando o bilíngüe começa a perder o controle das condições que regulam (*constrain*) essa alternância, esta pode tornar-se precursora do atrito⁸⁸. De fato, segundo EDWARDS (2004, p. 19), em geral, a alternância se produz de forma consciente e está mais influenciada por fatores extralingüísticos; já os fenômenos de interferência (para ele, transferências, decalques, empréstimos) estão determinados por fatores internos. No mesmo sentido, KÖPKE (1999, p. 54) considera que a alternância é intencional, à diferença das interferências, que seriam não-intencionais.

A respeito da diferenciação entre empréstimos (ou decalques, interferências enfim) e alternância de código, LIPSKI (2005, p. 2) aponta que a linha de separação não é clara, especialmente no caso da inserção de elementos funcionais como conjunções. Se essas alternâncias se tornam freqüentes, o resultado pode ser a gramaticalização e incorporação do elemento emprestado à língua receptora. De fato, de acordo com FONTANA e VALLDUVÍ (1990, p. 173) os empréstimos ocasionais ou espontâneos (ing. *nonce-borrowings*) não seriam

língua diferente. Essas expressões expletivas funcionam como emblemas do caráter bilíngüe de orações pelo resto completamente monolíngües (APPEL; MUYSKEN, 1996, p. 176).

⁸⁷ No mesmo sentido TORIBIO (2000, p. 177).

⁸⁸ Também em RASO (2003, p. 24).

uma alternância de código genuína, já que não se produz uma alternância de gramáticas, mas um “processo puramente léxico, por meio do qual se introduz um elemento do léxico de uma língua (X1) numa oração gerada pela gramática de outra (GRAM 2).”⁸⁹ (ib., p. 178). Todavia, para outros autores como SÁNCHEZ⁹⁰, citado por MUYSKEN, 2004, p. 157), a interferência léxica (isto é, empréstimos ou decalques de palavras lexicais) não gera mudanças sintáticas na gramática bilíngüe; unicamente a interferência em aspectos funcionais produz essas mudanças.

Um dos critérios utilizados⁹¹ para diferenciar empréstimos de alternância de código é a adaptação fonológica e morfológica à língua anfitriã, que se produz no caso dos empréstimos, mas não na alternância. Existem, não obstante, exemplos de empréstimos não adaptados e que não podem ser considerados alternância de código (*whisky* em português ou espanhol, por exemplo, pronunciado com a seqüência [wi-] estranha aos padrões fonológicos de ambas as línguas, FONTANA e VALLDUVÍ, 1990, p. 174-5; APPEL e MUYSKEN, 1996, p. 257)⁹².

A partir de estudos da área de alternância de código (ing. *code-switching*) de MYERS-SCOTTON e JAKE (2001), BOLONYAI (2000), SCHMITT (2004) e outros, tem-se desenvolvido um modelo teórico para o estudo do atrito composto por três modelos inter-relacionados: o Marco da Língua Matriz (ing. *Matrix Language Frame*), o modelo 4-M (quatro tipos de morfemas) e o modelo do Nível Abstrato (ing. *Abstract Level*) (HANSEN, 2001, p. 61). Segundo esses modelos, os mesmos princípios que configuram a fala bilíngüe operam no atrito, o que pode ser explicado em termos de convergência com a L2 e alternância de código (SCHMITT, 2004, p. 299). Assim, os morfemas de conteúdo ou léxicos (ing. *content morphemes*) e os morfemas gramaticais “anteriores”⁹³ (ing. *early system morphemes*) ligados diretamente aos léxicos, são ativados ou selecionados antes que os morfemas gramaticais “posteriores”⁹⁴ (ing. *late system morphemes*), designados estruturalmente. Desse

⁸⁹ “...proceso puramente léxico, por medio del cual se introduce un elemento del lexicon de una lengua (X1) en una oración generada por la gramática de otra (GRAM 2).”

⁹⁰ SÁNCHEZ, L. **Interference and convergence in functional categories**: A study on Quechua-Spanish child bilingualism at the Steady State. MS, Rutgers University, em preparação.

⁹¹ Entre outros, por MUYSKEN (2004, p. 158); por OTHEGUY, G. O.; FERNÁNDEZ M. Transferring, Switching, and Modeling in West New York Spanish: An Intergenerational Study. In: WHERRIT, I.; GARCÍA, O. (Ed.) **US Spanish**: The Language of Latinos. International Journal of the Sociology of Language, special issue n. 79, 1989, p. 41-52, citado por SILVA-CORVALÁN (1994, p. 170); e por SERRANO; HOWARD (2003, p. 5).

⁹² Contudo, desconhecendo a autora a existência de um método mais confiável, na análise dos dados será este o critério empregado para determinar os casos de alternância de código.

⁹³ Por exemplo, os artigos e as preposições quando regidas por um verbo.

⁹⁴ Por exemplo, as desinências verbais de pessoa e os pronomes clíticos.

modo, os primeiros são mais afetados pelo atrito, já que são diretamente escolhidos pelo falante e suas intenções. Os morfemas gramaticais “posteriores” são menos vulneráveis ao atrito, porque estão longe das decisões do falante (MYERS-SCOTTON; JAKE 2001, p. 84, 99). De fato, as pesquisas (TSIMPLI et al., 2002?; SCHMID; DE BOT, 2004, p. 215) mostram que o atrito aparece primeiro nos morfemas léxicos, os elementos de classe aberta do léxico que permitem a incorporação de novos itens. Estes são também mais propensos à alternância de códigos do que os elementos de classe fechada (determinantes, pronomes, preposições), com menor conteúdo semântico e que constituem inventários muito restritos, pouco flexíveis para novas incorporações.

3 METODOLOGIA

Uma das diferenças fundamentais entre o conhecimento científico e o popular se refere precisamente ao método. O conhecimento popular, segundo LAKATOS e MARCONI (2000, p.20), é assistemático, já que não procura formulações gerais que sistematizem as idéias. No entanto, também aplica métodos (indução, dedução), mas não de forma planejada como o conhecimento científico; este é consciente e consensual, dado que a comunidade científica chega a um consenso sobre os métodos e os critérios a utilizar. Poderíamos dizer que o conhecimento científico não é apenas metódico, mas “metodológico”, no sentido de que existe uma reflexão sobre o método.

Assim, este capítulo está dedicado à justificação das opções metodológicas que norteiam a presente pesquisa. Em primeiro lugar, serão explicitadas as razões que nos levaram a escolher os instrumentos para a coleta de dados utilizados. A seguir, abordaremos as questões relativas à seleção dos participantes. Por último, ocupar-nos-emos dos problemas do ponto de referência e da avaliação dos desvios ou erros.

O objetivo da presente pesquisa é heurístico, já que busca fazer descobertas e compreender melhor o fenômeno do atrito da L1. Tenta-se descrever os traços que caracterizam o fenômeno e descobrir os fatores mais importantes de maneira indutiva. Dadas as características mencionadas, foi escolhido o método qualitativo como melhor alternativa para a realização do estudo.

Os dados proporcionados pelos instrumentos usados para a coleta foram, portanto, analisados de forma essencialmente qualitativa e não foi realizado tratamento estatístico. Todavia, foram efetuadas de forma pontual análises quantitativas básicas para obter uma visão de conjunto do grupo pesquisado.

Devido ao reduzido número de participantes, oito, a pesquisa enquadra-se dentro dos estudos de caso. Estes, como afirma NUNAN (1997, p. 88-9) são apropriados para estudos de pequena escala, nos quais “o problema da validade externa é menos importante”⁹⁵, já que não é possível fazer generalizações a partir de populações tão pequenas. Por outro lado, segundo KÖPKE (1999, p.140), os estudos sobre atrito confrontam-se habitualmente com populações muito heterogêneas, de modo que o estudo de caso aparece como a melhor solução.

⁹⁵ “... the problem of external validity is less significant ...”.

3.1 INSTRUMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

Como destacam SELIGER e SHOHAMY (1995, p.153-197) o primeiro critério de qualidade científica, e talvez o mais importante, é a adequação dos procedimentos de coleta de dados aos objetivos da pesquisa. Segundo eles, os procedimentos pouco explícitos, abertos e “informais” (ing. *informal*), são os mais utilizados nas pesquisas heurísticas, como é o caso da presente. Assim, os métodos utilizados neste estudo foram dois: entrevistas semi-estruturadas e um questionário sociolinguístico. A entrevista se inscreve dentro dos chamados em inglês *naturalistic methods*, os quais, de acordo com KÖPKE e SCHMID (2004, p.27) são os mais indicados quando se trata de estudos preliminares para identificar áreas sensíveis.

De acordo com SCHMID e DE BOT (2004, p.225-6), a grande maioria das pesquisas realizadas até o momento nesta área assume como idéia básica que o atrito supõe uma habilidade linguística diminuída e que a melhor forma de se medir essa redução é com base nos erros ou desvios da norma⁹⁶. Neste tipo de estudos a diferença (dependendo de como sejam obtidos) entre dados naturalísticos (ing. *free data*) e dados elicitados por meio de testes formais é especialmente importante, já que, como está demonstrado⁹⁷, a forma de coleta dos dados influi sobremaneira no número de erros. Assim, os dados elicitados por meios formais contêm, geralmente, maior número de erros do que o discurso livre. Por este motivo, SCHMID (2004, p. 241) propõe que as pesquisas sobre atrito incluam “dados obtidos por meio de testes menos formais, para se chegar a uma avaliação realista da variedade de léxico conservado”⁹⁸.

Em todo caso, como SELIGER e SHOHAMY (1995, p.184-5) lembram, qualquer procedimento de coleta afeta os dados. Assim, embora a intenção da entrevista realizada para a presente pesquisa fosse obter uma fala espontânea e com o menor nível de monitoração possível, é claro que não se trata de fala completamente natural; a observação impede o acesso à língua mais natural, como sustenta, na sua vigência, o “paradoxo do observador” de LABOV⁹⁹, citado por SELIGER e SHOHAMY (1995, p.183-4).

⁹⁶ SCHMID (2004, p. 239) e DE BOT (2004, p. 234-5) consideram que as pesquisas sobre atrito colocam um foco excessivo nos erros e não estabelecem comparações com falantes sem atrito. Como DE BOT (id.) lembra “uma pessoa só precisa monitorar a própria fala em cinco minutos de conversação livre, para perceber que dificilmente há uma única frase produzida com fluência e livre de erros”.

⁹⁷ Em pesquisas sobre aquisição de L1 (SCHMID; DE BOT, 2004, p.225) e sobre perdas linguísticas patológicas (KÖPKE; SCHMID, 2004, p.24-5).

⁹⁸ “...data, obtained through less formal tests, in order to arrive at a realistic assessment of the range of lexicon which is retained”.

⁹⁹ LABOV, W. The study of language in its social context. *Studium Generale*, v. 23, 1970, p.30-87.

O questionário sociolinguístico¹⁰⁰ utilizado neste estudo é basicamente estruturado. Foi elaborado tomando como modelo o questionário que SCHMID (2005?, p.41-6) apresenta no seu manual de pesquisa sobre atrito. Está redigido em espanhol e consta de 77 perguntas, das quais 72 são fechadas, dado que o participante deve selecionar entre um número de opções ou responder com dados concretos como datas ou nomes. As cinco restantes são questões abertas, que o participante pode responder de forma descritiva. Quatro dos participantes (P1, P2, P4, P8)¹⁰¹, preencheram o questionário antes da entrevista. Nos casos em que isto não foi possível, o questionário foi utilizado como roteiro para a entrevista semi-estruturada e a própria pesquisadora anotou parte das respostas. Assim aconteceu com os participantes P3 e P7 que moram em Goiás e foi aproveitada uma breve visita a Brasília para realizar a entrevista. Nos casos de P5 e P10, a sua limitada disponibilidade foi o motivo que impediu que completassem previamente o questionário.

Não foi testado o nível dos participantes em L2/português. A sua proficiência nessa língua foi medida apenas por auto-avaliação, mediante as perguntas 11, 22 e 23 do questionário. Seguindo a argumentação de KÖPKE (1999, p. 135), parte-se do princípio de que a duração da sua estadia no Brasil (uma média de 42 anos, cf. tab. 3, p. 50) e a frequência de utilização da L2/português permitam afirmar que eles têm um bom domínio funcional da L2.

O questionário sociolinguístico proporciona informação variada sobre os participantes que ajuda a explicar alguns dos resultados. Os dados coletados mediante o questionário podem ser agrupados nas seguintes subvariáveis ou temas:

a) Características pessoais

- Idade (pergunta 1)
- Sexo (pergunta 2)
- Tempo no Brasil (pergunta 7)
- Educação (pergunta 6)
- Profissão (perguntas 15, 16)

b) Contato com a L1

- Frequência de visitas à Espanha (pergunta 18)
- Frequência de uso (pergunta 26, 69)
- Língua materna do cônjuge ou companheiro (pergunta 34)
- Língua materna dos amigos (perguntas 29, 56)
- Quantidade de contato com amigos e família na Espanha (pergunta 51)

c) Eleição da língua (language choice)

- Língua dos ofícios religiosos (pergunta 21)

¹⁰⁰ Encontra-se no anexo 1, p. 130.

¹⁰¹ Os 8 participantes são identificados como P1, P2, P3, P4, P5, P7, P8 e P10.

Uso da L1 com o cônjuge ou companheiro (perguntas 38, 39)
Uso da L1 com filhos e netos (perguntas 42, 43, 45, 46)
Uso de meios de comunicação em L1 (perguntas 63-7)
Redes de contatos (*network*) (perguntas 58, 59)
Pertença a clubes ou organizações espanhóis no Brasil (perguntas 60, 61)

d) Auto-avaliação da competência em L1

Competência atual (pergunta 25)
Competência antes da emigração (pergunta 24)
Mudança na competência (pergunta 68)
Bilíngüe (pergunta 72)

e) Auto-avaliação da competência em L2

Aulas de L2 antes da emigração (pergunta 11)
Competência antes da emigração (pergunta 22)
Competência atual (pergunta 23)

f) Atitudes

Importância de manter a L1 (pergunta 27)
Importância da aquisição da L1 por parte dos filhos (perguntas 28, 47, 48, 49, 50)
Preferência cultural (pergunta 30)
Preferência lingüística (pergunta 31)
Importância da L1 como meio de contato na casa (pergunta 54)
Saudades da Espanha (pergunta 62)
Embaraço na hora de falar espanhol (perguntas 70, 71)
Incômodo ante um forte sotaque de L1 na L2 (pergunta 73)
Intenção de retornar (perguntas 74, 75)
Valoração do tempo passado no Brasil (pergunta 76)

(SCHMID, 2005?, p.16-7)

Os dados de fala foram elicitados mediante entrevistas semi-estruturadas gravadas em situação informal e ambiente descontraído, dado o efeito que pode produzir a formalidade da situação sobre as variáveis lingüísticas (DEWAELE; PAVLENKO, 2002, p.280). Desse modo, espera-se ter obtido uma fala o mais espontânea possível e, portanto, uma imagem mais aproximada do comportamento lingüístico real dos participantes.

A língua utilizada tanto nas entrevistas como nos contatos telefônicos com os participantes foi sempre o espanhol, L1 dos entrevistados e da própria autora, e objeto de estudo nesta pesquisa.

Exceto no caso de P8¹⁰², as entrevistas utilizaram como roteiro algumas das perguntas centrais do questionário, basicamente sobre as histórias de vida de cada indivíduo. Em geral¹⁰³, as conversas discorreram sobre os mesmos temas: as experiências do participante na Espanha antes da imigração, as circunstâncias que envolveram a sua decisão de vir ao Brasil e as dificuldades que experimentaram no novo lugar de residência. Todos os participantes se mostraram satisfeitos de poder contar as suas histórias de vida e, em muitas seções das

¹⁰² O participante P8, que preencheu o questionário antes da entrevista, quis relatar uma viagem.

¹⁰³ Com a exceção já mencionada de P8.

gravações, os participantes falaram sem interrupção durante longos períodos. Esse envolvimento dos participantes na conversação pode indicar que não se sentiam afetados pelo ambiente de pesquisa.

As entrevistas, com uma duração aproximada de 30 minutos (+ / - 5 min.), foram realizadas entre fevereiro e maio de 2006. Todas elas foram conversações face a face entre um dos participantes e a autora. Cada um deles foi entrevistado apenas uma vez num lugar da sua escolha: três no seu domicílio, outros três no seu local de trabalho, um na Embaixada da Espanha de Brasília e o último numa sala de aula da Universidade de Brasília. Posteriormente, as entrevistas gravadas foram transcritas¹⁰⁴. Nessa transcrição as intervenções da pesquisadora reduziram-se às estritamente necessárias para a compreensão das respostas dos participantes. Também foram omitidos alguns trechos para proteger a privacidade dos participantes.

As entrevistas têm uma utilidade dupla (RAMÍREZ, 2003, p. 2). Em primeiro lugar, foram usadas para obter um corpus de fala no qual se pudesse procurar sinais de atrito lingüístico e obter informação sobre a competência lingüística (SELIGER; SHOHAMY, 1995, p.167). Ao mesmo tempo, proporcionaram, conjuntamente com o questionário, informações biográficas e sociolingüísticas sobre os participantes.

3.2 SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES

Nesta seção, apresentam-se os critérios e os meios utilizados para a seleção dos participantes.

Os participantes, residentes em Brasília e Goiás, foram contatados por meio de conhecidos e amigos da autora, e através da Embaixada da Espanha em Brasília. No contato telefônico inicial, foi-lhes indicado que o estudo tratava do bilingüismo e do modo pelo qual duas línguas se influenciam mutuamente, em particular, sobre o espanhol falado pelos imigrantes espanhóis no Brasil. É comum que para se conseguir uma produção lingüística mais “real” ou espontânea, os pesquisadores não informem aos participantes os verdadeiros objetivos do estudo¹⁰⁵. Isso apresenta um problema ético sobre o papel dos participantes que CELANI (2005, p.110) explica de forma muito ilustrativa:

¹⁰⁴ A transcrição das oito entrevistas figura nos anexos.

¹⁰⁵ Assim como, por exemplo, GROSS (2004, p.290).

A proteção dos participantes é essencial (Denzin & Lincoln, 1998). Para isso é indispensável o consentimento informado, esclarecido, na forma de diálogo contínuo e reafirmação de consentimento ao longo da pesquisa. Esse diálogo possibilitará ao pesquisador certificar-se de que os participantes entenderam os objetivos da pesquisa, seu papel como participantes, ao mesmo tempo que deixa clara a esses a liberdade que têm de desistir de sua participação a qualquer momento. A preocupação do pesquisador deve ser sempre a de evitar danos e prejuízos a todos os participantes a todo custo, salvaguardando direitos, interesses e suscetibilidades. Já que não poderá nunca eliminar a relação assimétrica de poder, porque, afinal de contas, quem toma decisões do ponto de vista epistemológico, e também do ponto de vista dos procedimentos a serem adotados é o pesquisador (Cameron et al., 1992).

É certo que CELANI (2005, p.110) se refere nesse trecho à pesquisa educacional crítica, mas os valores destacados podem ser aplicados à grande maioria das pesquisas em Linguística Aplicada.

Sendo a presente pesquisa um estudo de pequena escala cuja intenção não é fazer generalizações, o corpus de dados utilizado não parte de variáveis conhecidas como no caso da amostragem estatística aleatória. De acordo com BAUER e AARTS (2002, p.39), na pesquisa qualitativa “ ‘construção de corpus’ significa escolha sistemática de algum racional alternativo”. Dentre os racionais utilizados, cabe destacar a nacionalidade dos participantes, que são espanhóis como a própria pesquisadora. Pretende-se, com isso, evitar que variações dialetais regionais pudessem ser identificadas como desvios ou erros (SCHMID; DE BOT, 2004, p.227).

É necessário lembrar neste ponto que na Espanha existem cinco *Comunidades Autônomas*¹⁰⁶ com língua própria¹⁰⁷: o galego na Galícia, o basco no País basco e o catalão em Catalunha, Ilhas Baleares e Valença. Nessas regiões bilíngües, podemos encontrar em diferentes proporções falantes bilíngües, falantes monolíngües de espanhol e falantes monolíngües da língua vernácula (LLÁCER, 1996, p. 421, 436).

Assim, dado que o tema da pesquisa é o atrito do espanhol como L1, o primeiro critério de seleção dos participantes foi que tivessem o espanhol como L1. Por esse motivo, foi excluído um participante que, na entrevista, afirmou não ser o espanhol a sua L1. Porém, foram incluídos dois participantes bilíngües precoces espanhol / catalão que declararam ter aprendido as duas línguas de forma simultânea e ter um domínio semelhante em ambas. Nesse caso, o espanhol pode ser considerado uma das duas L1 do indivíduo.

Em outros dois casos, os participantes, originários da Galícia, afirmaram que o espanhol era a sua língua dominante no momento da imigração, dado que nessa época a

¹⁰⁶ As *Comunidades Autônomas* espanholas podem ser consideradas equivalentes aproximados dos Estados Brasileiros.

¹⁰⁷ Que também é oficial junto com o espanhol.

ditadura tinha proibido o uso de galego, basco e catalão. Além disso, os dois são originários de áreas urbanas, mais afetadas pela proibição. Vários candidatos foram excluídos por proceder de zonas rurais, onde o galego era a língua dominante mesmo na época da ditadura.

A opção de incluir estes participantes bilíngües na pesquisa foi, na realidade, uma imposição das circunstâncias. Por um lado, é impossível obviar a realidade multilingüe da Espanha, com 5 das 17 *Comunidades Autónomas* bilíngües. Por outro, sendo Galícia uma das comunidades espanholas com taxas mais altas de emigração, não é estranho que muitos dos candidatos a participante fossem dessa origem. Por estes motivos, não é fácil encontrar participantes espanhóis monolíngües em espanhol.

Sete dos oito participantes têm residido de forma continuada no Brasil por mais de 40 anos (ver 4.1.2, tabela 3, p. 50). Só num caso o tempo de imigração no Brasil é de 6 anos. Este participante foi incluído porque algumas pesquisas sobre atrito reduzem o tempo de imigração a 7 ou 5 anos¹⁰⁸. De modo geral, existe consenso em que o atrito se produz na primeira década da imigração: os imigrantes que conseguem manter sua L1 durante esses primeiros 10 anos têm altas probabilidades de continuar sendo fluentes nessa língua, mesmo depois de muitas décadas num ambiente de L2 (SCHMID; DE BOT, 2004, p. 220). Segundo DE BOT et al. (1991, p. 94), o tempo transcorrido desde o começo da imigração só parece ser um fator relevante quando não existe muito contato com a L1. Foram excluídas as pessoas com menos de 6 anos no Brasil para evitar participantes que se encontrassem ainda em situação de aprendizagem da L2/português.

Trata-se de um estudo transversal com imigrantes de primeira geração. Todos os participantes emigraram ao Brasil depois dos onze anos de idade (ver 4.1.2, tabela 3). Esta idade de corte, do mesmo modo que a inclusão de participantes bilíngües, não foi de fato uma opção planejada; surgiu de forma casual, por causa da já mencionada dificuldade para localizar em Brasília ou em zonas próximas, imigrantes espanhóis com o espanhol como L1 e disponíveis para participar da pesquisa. Em geral, é estabelecida uma idade de corte porque se considera que existe uma “idade crítica” na qual as estruturas da L1 já estão firmemente adquiridas. Embora um certo número de pesquisas sobre atrito escolha como idade limite 14 ou 16 anos¹⁰⁹, KÖPKE e SCHMID (2004, p.10) lembram que outros estudos rebaixam essa

¹⁰⁸ KÖPKE (1999, p. 144) e SILVA-CORVALÁN (1994, p. 15), respectivamente.

¹⁰⁹ Por exemplo KÖPKE (1999, p. 144) e GROSS (2004, p. 289).

idade aos 12 anos. SILVA-CORVALÁN (1994, p. 15), por exemplo, utiliza como idade de corte os 11 anos.

3.3 PONTO DE REFERÊNCIA

Existem várias formas para se definirem as particularidades que caracterizam o uso lingüístico de um indivíduo com atrito em comparação com um falante não atingido por processos desse tipo. Uma delas é coletar dados de um grupo de controle monolíngüe e confrontar o uso lingüístico destes sujeitos com o do grupo de atrito. Não fazer este tipo de comparações supõe assumir tacitamente a existência de uma “fala nativa homogênea e sem erros” (KÖPKE; SCHMID, 2004, p.28). Contudo, não é fácil encontrar um grupo de controle monolíngüe com um nível cultural médio similar ao dos falantes com atrito. Assim, por exemplo, no estudo de KÖPKE (1999, p. 147), o nível de escolaridade do grupo de controle é mais baixo do que nos grupos experimentais, o que pode tornar inválidas as comparações (SCHMID, 2006). Por outro lado, a língua falada no país de origem no momento da pesquisa não é necessariamente idêntica à língua que os participantes praticavam 40 ou 50 anos antes, quando emigraram (KÖPKE, 1999, p. 141; SCHOENMAKERS, 1989, p. 107).

No entanto, SCHMID e DE BOT (2004, p.228) consideram que o estudo ideal sobre atrito da L1 deveria ser uma pesquisa longitudinal, a qual permitisse comparar a proficiência dos sujeitos em diferentes estágios do processo de atrito. Mas também os estudos longitudinais apresentam problemas. De um lado, o fato de se repetirem os testes tem efeitos de treinamento que podem em si mesmos prevenir o atrito; de outro, raramente são praticáveis por causa dos longos intervalos que devem passar entre uma medição e a seguinte.

Essas considerações e o limitado alcance deste estudo fizeram com que fosse decidido utilizar, no lugar de um grupo de controle, corpora lingüísticos para estabelecer o ponto de referência. Os dois utilizados foram o *Corpus de Referencia del Español Actual* (CREA), da Real Academia Espanhola, e o *Corpus Oral de Referencia del Español Contemporáneo* (COREC), da Universidade Autônoma de Madri, editado por MARCOS MARÍN.

3.4 AVALIAÇÃO DOS DESVIOS OU ERROS

Segundo ANDERSEN (1982, p. 91), o atrito é caracterizado pelo que chama de “*lack of adherence to the linguistic norm*”¹¹⁰. Isso significa que a fala de uma pessoa que experimenta atrito deve apresentar mais erros ou desvios da norma do que um falante competente dessa língua (cf. 3.1). Portanto, na procura de sinais de atrito, foram inventariados os erros do corpus de fala coletado nas entrevistas dos participantes. Para minimizar as distorções que pode produzir o fato de ser o pesquisador o único que avalia os dados, recorreu-se a dois lingüistas espanhóis que examinaram o corpus e as listas de erros destacados pela autora. De fato, trata-se de uma forma de triangulação, a qual aumenta a confiabilidade da pesquisa ao incorporar outras perspectivas (BAUER; GASKELL, 2002, p. 482-3). Os desvios marcados pela autora que os dois “juízes” independentes consideraram não ser erro não foram contabilizados. Aqueles que ao menos um dos juízes e a autora avaliaram como erro foram inclusos na classificação.

Ademais, esses mesmos juízes avaliaram a competência aparente em L1 dos participantes. Para isso, eles escutaram trechos de aproximadamente cinco minutos de cada uma das entrevistas e classificaram cada falante numa escala de 1 (perfeitamente nativo) a 3 (não nativo)¹¹¹.

¹¹⁰ Não-observância da norma lingüística.

¹¹¹ Procedimento utilizado por SCHMID (2004, p. 242-3).

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este capítulo consta de duas seções; na primeira serão delineadas as características sociolingüísticas dos participantes, proporcionadas pelos questionários e a entrevista. Na segunda seção será analisado o corpus lingüístico das entrevistas. Em primeiro lugar, figura uma análise quantitativa sucinta do número de desvios e a avaliação da competência em L1 dos participantes realizada pelos “juízes” independentes. A seguir, se apresenta a análise qualitativa dos traços característicos da L1/espanhol dos participantes. Nela serão marcados, classificados e descritos esses traços.

4.1 PERFIL SOCIOLINGÜÍSTICO DOS PARTICIPANTES

Nesta seção, apresentam-se as características dos participantes¹¹² recolhidas nos questionários e nas entrevistas, começando pelas variáveis demográficas.

4.1.1 Variáveis Demográficas

Como se pode observar na tabela 2, o grupo de participantes contém o mesmo número de homens que de mulheres, quatro em cada caso.

TABELA 2 – VARIÁVEIS DEMOGRÁFICAS

| PARTICIPANTE | SEXO | IDADE | GRAU DE INSTRUÇÃO | OCUPAÇÃO ATUAL |
|--------------|------|-------------------|------------------------------|--|
| P1 | F | 62 | Universitário | Professora universitária (de espanhol) |
| P2 | M | não computada 40? | Universitário | Professor de espanhol |
| P3 | M | 79 | Segundo grau (enfermagem) | Aposentado |
| P4 | F | 77 | Magistério | Professora de espanhol Aposentada |
| P5 | M | 69 | Segundo grau (Contabilidade) | Empresário |
| P7 | M | 70 | Médio (Projetista) | Empresário |
| P8 | F | 54 | Médio | Contadora |
| P10 | F | 78 | Primeiro grau | Dona de casa |

FONTE: A autora - Pesquisa de campo

Com respeito à idade (tabela 2), um dos participantes que preencheu pessoalmente o questionário antes da entrevista, não respondeu a questão correspondente ao ano de

¹¹² Os 8 participantes são identificados como P1, P2, P3, P4, P5, P7, P8 e P10. Os números que faltam, P6 e P9 correspondem a participantes entrevistados mas não incluídos na pesquisa (cf. 3.2).

nascimento. Dado que a autora entrevistou pessoalmente o participante, aponta-se uma idade provável de 40 anos.

Assim, a idade escalona-se entre os possíveis 40 anos de P2 e os 79 de P3, sendo, portanto, a idade média bastante elevada, 66 anos. Como já foi apontado, cinco dos participantes contam com mais de 69 anos. Isso significa que se trata de uma população majoritariamente idosa, o que de acordo com pesquisadores como KÖPKE (1999, p. 144-145) e GROSS (2004, p. 282) pode introduzir um problema: até que ponto os desvios ou erros achados na fala destes participantes são produto do atrito ou efeito do processo de envelhecimento normal? De acordo com GROSS (2004, p. 282), a literatura sobre perdas lingüísticas não patológicas “reporta que indivíduos com uma idade superior aos 70 anos parecem apresentar mais dificuldades na recuperação léxica (...) [e] mais erros gramaticais que seus homólogos mais jovens”¹¹³.

Contudo, a impressão pessoal da autora é que todos os participantes continuavam levando, apesar da idade, uma vida consideravelmente ativa. O processo de envelhecimento não lhes parecia afetar de forma notável.

O grau de instrução (tabela 2) revela-se alto, já que dos participantes dois contam com estudos universitários, outro com um curso de magistério e apenas um com estudos primários. A maioria, quatro, cursou estudos médios de caráter profissionalizante. Dado que o grupo não foi selecionado por meio de amostragem estatística aleatória, esta distribuição provavelmente não se corresponde à real entre os imigrantes espanhóis em Brasil.

Com respeito à ocupação, observa-se a presença de três professores de espanhol. Alguns pesquisadores como KÖPKE (1999, p. 146) ou OPITZ (2006)¹¹⁴, decidiram excluí-los, dado que apresentam um comportamento atípico determinado pela sua profissão. KÖPKE (1999, p. 146), por exemplo, assinala a hipercorreção nos “testes de gramaticalidade”. Do mesmo modo, o nível de monitoração durante as entrevistas é normalmente maior nos professores do que em indivíduos com outras profissões. Por outra parte, os professores mantêm um uso maior do espanhol já que eles utilizam a L1 no meio de trabalho. Dado que esta pesquisa não pretende fazer generalizações dos resultados, o possível comportamento atípico dos professores de espanhol não supõe um problema e, portanto, foram mantidos. Por outro lado, existe no Brasil um número nada desprezível de espanhóis (e latino-americanos)

¹¹³ “...report that individuals over the age of seventy appear to exhibit more difficulties in lexical retrieval (...) [and] more grammatical errors than their younger counterparts.”

¹¹⁴ Informação verbal em apresentação durante oficina sobre o atrito (Amsterdã, jan. 2006).

que se dedicam ao ensino do espanhol, de forma que, na realidade, não constituem um grupo tão atípico.

4.1.2 Variáveis Concernentes à Imigração

No que se refere às variáveis relacionadas com a imigração, duração da mesma e idade na chegada, a tabela 3 recolhe todos os dados coletados. Essas variáveis já foram objeto de análise na seção 3.2 da metodologia.

TABELA 3 – VARIÁVEIS CONCERNENTES À IMIGRAÇÃO

| PARTICIPANTE | ANOS NO BRASIL | IDADE NA CHEGADA |
|--------------|----------------|------------------|
| P1 | 51 | 11 |
| P2 | 6 | - |
| P3 | 53 | 26 |
| P4 | 43 | 34 |
| P5 | 52 | 17 |
| P7 | 44 | 26 |
| P8 | 43 | 11 |
| P10 | 49 | 29 |
| MÉDIA | 42 | 26 |

FONTE: A autora - Pesquisa de campo

4.1.3 Conhecimentos Lingüísticos

O questionário inclui perguntas sobre línguas adquiridas na Espanha e cursos de L2 antes de emigrarem. As respostas dos participantes estão resumidas na tabela 4, a seguir:

TABELA 4 - CONHECIMENTOS LINGÜÍSTICOS

| PARTICIPANTE | LÍNGUA/S ADQUIRIDAS NA ESPANHA | ENSINO FORMAL DE L2 ANTES DA EMIGRAÇÃO |
|--------------|--------------------------------|--|
| P1 | espanhol / galego | Não |
| P2 | espanhol | Não |
| P3 | espanhol / catalão / basco | Não |
| P4 | espanhol | Não |
| P5 | espanhol / galego | Não |
| P7 | espanhol | Não |
| P8 | espanhol | Não |
| P10 | espanhol / catalão | Não |

FONTE: A autora - Pesquisa de campo

O mais destacável desta tabela é que nenhum dos participantes realizou cursos de L2 antes da chegada no Brasil, prática habitual entre os emigrantes espanhóis em épocas passadas.

No que se refere às línguas adquiridas na Espanha antes da emigração, observa-se a presença de três participantes bilíngües e um trilingüe (vide 3.2).

P1, P3 e P5 declararam na entrevista que, no momento da emigração, o espanhol era a sua língua dominante. No caso de P10, o espanhol, língua da sua mãe, foi sempre o meio de comunicação no ambiente familiar.

A singularidade de P3, o participante trilingüe, provém das terríveis circunstâncias da sua vida: nascido na Catalunha, aprendeu catalão e espanhol, mas ainda criança perdeu a sua família durante a Guerra Civil Espanhola e foi mais tarde acolhido por uma família basca com quem aprendeu essa língua.

No questionário também foram incluídas perguntas nas quais os participantes deviam auto-avaliar a sua competência em L1 e L2. As respostas estão compendiadas na tabela 5 a seguir:

TABELA 5 – AUTO-AVALIAÇÃO DE COMPETÊNCIA EM L1 E L2

| PARTICIPANTES | COMPETÊNCIA NA L2 COMPARADA COM A L1 | | | MUDANÇA NA COMPETÊNCIA EM L1 DEPOIS DA IMIGRAÇÃO | | |
|---------------|--------------------------------------|---------------|---------------------|--|-------|------|
| | L2 MELHOR DO QUE L1 | L2 IGUAL A L1 | L1 MELHOR DO QUE L2 | MELHOR | IGUAL | PIOR |
| P1 | | x | | x | | |
| P2 | | | x | | x | |
| P3 | | x | | | | x |
| P4 | | | x | | x | |
| P5 | | x | | | | x |
| P7 | | x | | | | x |
| P8 | | x | | x | | |
| P10 | | x | | | | x |

FONTE: A autora - Pesquisa de campo

O aspecto mais destacado desta tabela é o fato de que nenhum dos participantes considera sua competência em L2 melhor do que a de L1. Não obstante, 4 dentre eles admitem uma diminuição da sua competência em L1. Essas mesmas pessoas declaram ter um domínio semelhante da L1 e da L2. Uma interpretação possível é que P3, P5, P7 e P10 julguem sua competência lingüística em ambas as línguas incompleta; isto é, poderia ser um reflexo da sensação de falta de domínio e de mistura entre ambos os códigos que com frequência expressam os imigrantes em frases como a mencionada na Introdução, “já não falo nem espanhol nem português, mas portunhol”.

Dos três professores de espanhol, P2 e P4 apresentam uma coincidência surpreendente nas suas respostas, tanto mais se lembramos a diferença de tempo de residência no Brasil: P2 apenas 6 anos e P4, 43 anos. Ambos afirmam, de forma coerente, que a sua competência na L1 não mudou e que a competência em L2 é pior do que em L1. A explicação provável é, no caso de P2, o curto tempo transcorrido desde o início da imigração e, no caso de P4, a sua

atitude extremamente positiva para com a língua e a cultura espanholas (vide seção 4.1.5, tab. 8 e a transcrição da entrevista nos anexos). De fato, é o único participante que avalia de forma negativa sua vinda ao Brasil.

4.1.4 Utilização das Línguas

Um grupo de variáveis muito importante neste campo de estudo são aquelas que concernem à utilização das línguas, já que o atrito pode depender em grande medida do contato que o indivíduo afetado tem com falantes da L1. Segundo SCHMID e DE BOT (2004, p.221-2) e SCHMID (2005?, p.16-7), existem dois fatores que influenciam o contato: a oportunidade e a eleição; o primeiro está além do controle do indivíduo, o outro não. De fato, pode suceder que no entorno de um imigrante não se encontrem outros falantes da sua L1, de modo que o uso dessa língua para a interação diária não seja mais uma opção. Não obstante, também é possível que o imigrante tenha ainda contato com falantes da L1, mas decida não usar essa língua nas interações com eles (DE BOT; SCHMID, 2004, p.221-2).

Na tabela 6, recolhem-se as respostas relacionadas com esse primeiro fator, a oportunidade de contatos com a L1.

Em geral, observa-se muito contato com a Espanha, tanto pelas visitas freqüentes (2 participantes uma vez por ano, 4 a cada dois ou três anos e só dois nunca voltaram), como pelo contato com familiares e amigos de lá por meio de telefone ou correio eletrônico. De forma coerente, os mesmos participantes que nunca retornaram à Espanha, P3 e P7, são os que menos contato têm com familiares ou amigos de lá (P3 nunca e P7 raramente).

No que se refere às visitas relativamente freqüentes à Espanha, esse dado é ainda mais significativo se levarmos em conta que a grande distância que separa esse país do Brasil. KÖPKE (1999, p. 339-340) aponta que muitas pesquisas sobre imigrantes europeus na Europa constataam uma incidência escassa ou nula do atrito, enquanto outros estudos sobre emigrantes a países mais distantes mostram uma incidência maior de fenômenos de atrito.

A situação no Brasil é bem diferente, já que, na maioria dos casos, a língua das pessoas mais próximas (cônjuge e amigos) é o português. Não obstante, observa-se uma freqüência de uso da L1 relativamente elevada: cinco dos oito participantes declaram usar a L1 diariamente, dois algumas vezes por semana e só um poucas vezes por ano. Isso pode significar que os contatos freqüentes com família e amigos na Espanha possibilitem o uso da L1.

Em todo caso, deve-se lembrar que três dos participantes que usam a L1 diariamente são professores de espanhol.

TABELA 6 – CONTATOS COM A L1

| PARTICIPANTE | FREQÜÊNCIA DE VISITAS À ESPANHA | FREQÜÊNCIA DE USO DA L1 | LÍNGUA MATERNA DO CÔNJUGE | LÍNGUA MATERNA DOS AMIGOS | CONTATO C/ FAMÍLIA E AMIGOS NA ESPANHA |
|--------------|---------------------------------|---------------------------|---------------------------|---------------------------|--|
| P1 | ° cada 2 ou 3 anos | Diariamente | ¹ L1 / Gal | + L2 | Muito freqüentemente |
| P2 | 1 vez por ano | Diariamente | L2 | + L2 | Muito freqüentemente |
| P3 | Nunca | ² Semanalmente | L2 | + L2 | Nunca |
| P4 | ° cada 2 ou 3 anos | Diariamente | L1 | + L1 | Muito freqüentemente |
| P5 | 1 vez por ano | ² Semanalmente | L2 | + L2 | Muito freqüentemente |
| P7 | Nunca | ³ Anualmente | L2 | + L2 | Raramente |
| P8 | ° cada 2 ou 3 anos | Diariamente | L2 | + L2 | Muito freqüentemente |
| P10 | ° cada 2 ou 3 anos | Diariamente | L1 | + L2 | Muito freqüentemente |

FONTE: A autora - Pesquisa de campo

NOTA: ° 1 vez cada 2 ou 3 anos.

¹ espanhol e galego.

² Algumas vezes por semana.

³ Poucas vezes por ano.

O segundo fator que influencia o contato é, como já foi dito, a eleição da língua. Para examinar este aspecto foi realizada a tabela 7, na qual estão compendiadas as respostas às questões relativas à língua usada nos diversos relacionamentos. Nela podemos observar que a L2 é a língua mais usada em todos os âmbitos, especialmente com os amigos, esfera na qual unicamente dois participantes afirmam usar mais a L1. Relacionado diretamente com o anterior está o fato de nenhum deles pertencer a clubes ou organizações espanhóis no Brasil. Isso é um indício de que os imigrantes espanhóis, ao menos em Brasília e Goiás, não formam um grupo étnico organizado.

Pelo que se refere aos filhos, as respostas mostram que apenas dois participantes usam a L1 nesse relacionamento, um de forma exclusiva, o outro de forma preferencial. Dois outros alternam o uso da L1 e da L2 e a maioria (4) usa a L2 de forma preferente (3) ou exclusiva (1). Isso pode ser interpretado como a ausência de uma atuação clara por parte dos participantes para transmitir a L1 aos filhos.

Observa-se também que um dos participantes usa a L2 com o cônjuge, mesmo sendo a L1 a língua materna deste.

No caso da língua dos ofícios religiosos, a ausência de respostas de quatro dos participantes se deve à não-inclusão desta pergunta no roteiro da entrevista. As respostas existentes provêm dos questionários¹¹⁵ completados pelos próprios participantes.

Por último, adverte-se uma elevada utilização de meios de comunicação em L1 que favorece muito o contato. De fato, um dos participantes declarou na entrevista que a TV em espanhol era o meio que tinha para se atualizar nessa língua.

TABELA 7 – ELEIÇÃO DA LÍNGUA

| PAR TICI PAN TES | LÍNGUA USADA COM CÔNJUGE | LÍNGUA USADA COM FILHOS | LÍNGUA USADA NO TRABALHO | LÍNGUA USADA COM AMIGOS | LÍNGUA OFÍCIOS RELIGIO -SOS | USO DE MÍDIA EM L1 | MEMBRO DE CLUBES ESPAÑHÓIS NO BRASIL |
|---------------------------|--------------------------------|----------------------------------|--------------------------------|----------------------------------|--------------------------------------|--------------------------|---|
| P1 | + L2 | + L2 | + L1 | + L1 | L2 | TV, M, J, L | Não |
| P2 | L2 | L1 | + L1 | + L2 | L2 | M, R, J, L | Não |
| P3 | L2 | L1 e L2 | L2 | + L2 | - | J, L | Não |
| P4 | L1 | L1 e L2 | L1 | + L1 | L2 | todos | Não |
| P5 | L2 | L2 | L2 | + L2 | - | TV | Não |
| P7 | L2 | + L2 | + L2 | + L2 | - | M, J, L | Não |
| P8 | L2 | + L2 | L1 | + L2 | L1 e L2 | todos | Não |
| P10 | L1 | + L1 | - | + L2 | - | TV | Não |

FONTE: A autora - Pesquisa de campo

NOTA: Sinais convencionais utilizados:

- + L2 = A L2 é mais usada.
- + L1 = A L1 é mais usada.
- L2 = somente L2.
- L1 = somente L1.
- M = música
- J = jornais
- L = livros
- R = rádio

4.1.5 Atitudes

O último bloco de perguntas analisado é o que faz referência a questões relativas às atitudes e às preferências. As respostas foram compendiadas na tabela 8. De modo geral, os participantes mostram atitudes positivas para com a L1 e a sua cultura.

Todos os participantes consideram importante (3) ou muito importante (5), a maioria, manter a L1. As respostas a este item mostram em todos os casos, exceto um (P1), uma correspondência lógica com as respostas ao segundo item: o sentimento de pesar por os filhos não falarem a L1. Aqueles participantes que consideram muito importante manter a L1, manifestam sentir muito pesar no caso dos filhos não falarem a L1. Já aqueles para quem manter a L1 é apenas importante, revelam pouco pesar. A exceção mencionada, P1, considera muito importante manter a L1, mas não sente pesar pelo fato dos filhos não falarem a L1. P1 é

¹¹⁵ Como já foi explicado em 3.1, apenas quatro participantes completaram o questionário pessoalmente antes da entrevista.

também o único participante que utiliza mais a L2 com o cônjuge mesmo sendo este de L1/espanhol (cf. tab. 6 e 7).

Voltando ao segundo item da tabela 7, comprova-se que, em geral, os participantes que sentem pouco ou nada de pesar por os filhos não falarem L1, utilizam mais a L2 no seu relacionamento com eles (com exceção de P10 que declara usar mais a L1). Pelo contrário, aqueles que sentem muito pesar usam, em alguma medida, a L1 com os filhos (com a exceção, desta vez, de P7 que utiliza mais a L2).

TABELA 8 - ATITUDES

| PARTICIPANTE | IMPORTÂNCIA DE MANTER A L1 | PESAR POR OS FILHOS NÃO FALAREM L1 | PREFERÊNCIA CULTURAL | PREFERÊNCIA LINGÜÍSTICA | VALORAÇÃO DA IMIGRAÇÃO |
|--------------|----------------------------|------------------------------------|----------------------|-------------------------|------------------------|
| P1 | muito importante | não | igual | igual | positiva |
| P2 | muito importante | muito | igual | L1 | positiva |
| P3 | muito importante | muito | igual | L1 | positiva |
| P4 | muito importante | muito | cultura L1 | L1 | negativa |
| P5 | importante | pouco | igual | igual | positiva |
| P7 | muito importante | muito | cultura L1 | igual | não sabe |
| P8 | importante | pouco | igual | igual | não sabe |
| P10 | importante | pouco | Igual | igual | positiva |

FONTE: A autora - Pesquisa de campo

Observa-se na tabela 8 que nenhum dos participantes declara ter preferência pela L2 ou a sua cultura. Nesse sentido, se compararmos a preferência lingüística com a auto-avaliação de competência na L2 (tab. 5), comprova-se que a preferência coincide com a auto-avaliação: aqueles que não manifestam preferência porque se sentem igualmente cómodos com ambas as línguas consideram que têm a mesma competência em L2 e em L1. Já os que preferem a L1 acham que têm menos competência em L2 do que em L1; isso com a exceção de P3, para quem a sua competência em ambas as línguas é igual, mas manifesta preferência pela L1.

Com respeito à valoração da imigração, só um dos participantes, P4, emite um juízo negativo sobre esse período da sua vida. De fato, é o participante que mostra atitudes mais positivas para com a L1, além de grande contato e freqüente utilização.

4.2 ANÁLISE DO CORPUS: TRAÇOS LINGÜÍSTICOS

4.2.1 Número de Desvios e Avaliação da Competência em L1 dos Participantes

Em primeiro lugar, foi realizada uma análise quantitativa sumária do corpus. Na tabela 9 são recolhidas as dimensões das entrevistas, incluídas as intervenções¹¹⁶ da entrevistadora, e o número de desvios, interferências ou erros por participante¹¹⁷, mesmo quando estavam seguidos por uma autocorreção¹¹⁸. A contagem não pretende ser exaustiva; a intenção é fornecer uma visão global da situação lingüística. Na verdade, uma apuração completa dos desvios ou erros resulta uma tarefa difícil, já que é necessário contar com a diferença de percepção entre falantes. De fato, em múltiplas ocasiões, não existiu acordo sobre o que deveria ser considerado desvio ou erro entre os “juízes” independentes e a autora (vide 3.4).

TABELA 9 – NÚMERO DE DESVIOS / INTERFERÊNCIAS (POR PARTICIPANTE)

| PARTICIPANTE | NÚMERO DE DESVIOS / INTERFERÊNCIAS | EXTENSÃO DAS ENTREVISTAS |
|--------------|------------------------------------|--------------------------|
| P1 | 31 | 306 l. / 7 p. |
| P2 | 9 | 284 l. / 7 p. |
| P3 | 47 | 412 l. / 10 p. |
| P4 | 10 | 414 l. / 9 p. |
| P5 | 81 | 374 l. / 9 p. |
| P7 | 134 | 344 l. / 9 p. |
| P8 | 48 | 368 l. / 9 p. |
| P10 | 40 | 318 l. / 8 p. |
| TOTAL | 400 | 2820 l. / 68 p. |

FONTE: A autora - Pesquisa de campo

NOTA: Sinais convencionais utilizados:

l. = linhas p. = páginas

Por outro lado, dado que não foi realizada uma análise da proficiência (riqueza léxica, complexidade gramatical), o número de desvios ou erros pode oferecer uma imagem distorcida do desempenho real do falante. Este pode ter desenvolvido estratégias de evitamento (*avoidance strategies*) para compensar as suas capacidades reduzidas; o resultado pode ser uma fala com poucos desvios ou erros SCHMID (2004, p. 242).

Igualmente, como já foi exposto em 3.4, dois juízes independentes avaliaram a competência em L1 de cada participante. Após escutar trechos de aproximadamente cinco

¹¹⁶ Como já foi mencionado em 3.1, as intervenções da autora foram limitadas nas transcrições às estritamente necessárias para a compreensão das respostas.

¹¹⁷ As intervenções da entrevistadora não foram analisadas, embora também apareçam nelas sinais de atrito da L1/espanhol.

¹¹⁸ Assim como em KÖPKE (1999, p. 134).

minutos de cada uma das entrevistas, classificaram os participantes como pode ser observado na tabela 10.

TABELA 10 - AVALIAÇÃO DA COMPETÊNCIA EM L1

| PARTICIPANTE | PERFEITAMENTE NATIVO (1) | | (2) NATIVO COM INTERFERÊNCIAS | | NÃO-NATIVO (3) | |
|--------------|--------------------------|--------|-------------------------------|--------|----------------|--------|
| | JUIZ 1 | JUIZ 2 | JUIZ 1 | JUIZ 2 | JUIZ 1 | JUIZ 2 |
| P1 | x | x | | | | |
| P2 | x | x | | | | |
| P3 | | | x | x | | |
| P4 | x | x | | | | |
| P5 | | | x | x | | |
| P7 | | | x | x | | |
| P8 | x | | | x | | |
| P10 | x | | | x | | |

FONTE: A autora - Pesquisa de campo

O aspecto mais significativo desta tabela é que nenhum dos participantes foi considerado não-nativo pelos juízes. Isso pode ser um indício de que os desvios da norma e interferências que implica o atrito não afetam as habilidades comunicativas do sujeito na interação com falantes nativos da sua L1 (vide seção 2.2 e nota 25).

Ao se compararem as tabelas 9 e 10, observa-se que os resultados de ambas são coerentes: os participantes considerados pelos juízes “perfeitamente nativos” (tab. 10: P1, P2 e P4), são também aqueles que apresentam um número menor de desvios ou interferências na sua fala (tab. 9, p. 56). Do mesmo modo, dos três participantes que os dois juizes coincidem em qualificar como “nativo com interferências”, dois, P5 e P7, são os que têm um número maior de desvios.

Outro ponto relevante na tabela 10 refere-se à diferente apreciação dos juízes nos casos de P8 e P10. O juiz 1 os avaliou como perfeitamente nativos e o juiz 2 como nativos com interferências. A opinião da própria autora coincide com a avaliação do juiz 2.

4.2.2 Análise Qualitativa

A seguir será realizada uma análise qualitativa dos traços lingüísticos presentes no corpus que singularizam o espanhol/L1 dos participantes e que podem ser interpretados como sinais de atrito. O objetivo é descobrir e mostrar os efeitos experimentados pela L1, o espanhol, quando exposto ao contato prolongado com a L2, o português do Brasil.

O foco é, portanto, estudar os fenômenos de contato, aqueles nos quais o atrito da L1 parece devido à interferência da L2¹¹⁹. No entanto, como já foi citado no capítulo 2, a influência interlingüística (ing. *Crosslinguistic Influence*) não deve ser considerada a única causa de regressão lingüística; fenômenos como a redução do insumo da L1, tanto em quantidade como em qualidade, e a simplificação influem igualmente no processo de atrito (RASO, 2003, p.1). Como lembra SCHMID (2004, p. 239), para se obter um “quadro holístico” do nível de competência do indivíduo que experimenta atrito, é preciso se considerar não só aquilo que foi perdido, isto é, os desvios da norma, mas também o que foi retido. Nesse sentido, seria adequado analisar a riqueza léxica ou a complexidade gramatical, aspectos que não foram examinados nesta pesquisa.

Os traços singulares ou desvios da norma foram, portanto, classificados¹²⁰ em duas grandes categorias: desvios interlinguais e desvios intralinguais. A primeira categoria está por sua vez dividida em quatro seções correspondentes ao nível lingüístico (nível fonético, léxico, morfossintático e sintático), mais uma outra subdivisão onde estão incluídos os casos de alternância de código (ing. *code-switching*) em L2/português (cf. seções 2.7 e 4.2.2.5).

A respeito das duas primeiras categorias, a classificação etiológica dos erros ou desvios é habitualmente utilizada na área de aquisição de LE/L2¹²¹. BROWN (2000, p. 94) distingue dois tipos de fenômenos como causa ou origem dos desvios: os intralinguais (hipergeneralização e aplicação incompleta de padrões da LE/L2) e os interlinguais ou interferências da L1. Como aponta ANDERSEN (1982, p. 86), dado que o atrito faz parte das mudanças normais que se produzem na competência lingüística ao longo do tempo, a melhor forma de estudá-lo, descrevê-lo e explicá-lo é dentro de um modelo teórico que inclua todos os outros fenômenos de aquisição e uso lingüístico. Assim, a utilização das mencionadas categorias está justificada e é prática freqüente (por exemplo, KÖPKE, 1999). Na presente análise, essa categorização é fundamental já que ela faz parte das perguntas de pesquisa, as quais focalizam o papel da influência interlingüística e a importância dos desvios interlinguais comparados com os intralinguais.

Porém, como aponta SELINKER (1972, p. 221), nem sempre é possível identificar claramente a origem do erro; na realidade podem intervir vários fenômenos ao mesmo tempo.

¹¹⁹ Assim como no estudo de RASO (2003, p.1) sobre a erosão (atrito) da L1 de imigrantes Italianos cultos no Brasil.

¹²⁰ Foram utilizadas como modelo as classificações de KÖPKE (1999, p. 176) e RASO (2003, p. 6 et seq.).

¹²¹ Assim como, por exemplo, em BROWN e FLORES (1998).

Além disso, existe diferença entre desvios ou erros mais ou menos sistemáticos e lapsos ou enganos ocasionais que também sofrem os falantes nativos. No caso do discurso espontâneo, como o das entrevistas do presente corpus, a análise dos desvios vem a ser particularmente problemática. Um mesmo erro pode ser interpretado como interferência ou como fenômeno intralingual. Como indica KÖPKE (1999, p. 308-310), dado que não se pede ao falante que justifique a sua eleição, o motivo que o levou a produzir o desvio nos escapa. De fato, alguns pesquisadores do atrito como SCHMID (2004, p. 244) consideram interferências todos os desvios; mas outros como SILVA-CORVALÁN (1994, p. 131-132) estabelecem claras diferenças entre causas internas e externas dos desvios, e favorecem em muitas ocasiões as interpretações intralingüísticas. No mesmo sentido, KÖPKE (1999, p. 308) considera interlinguais apenas aqueles desvios nos quais a influência é manifesta, como os decalques léxicos.

No que diz respeito à classificação em níveis lingüísticos, às vezes é difícil estabelecer limites precisos entre eles e não existe uniformidade de critérios entre os autores (no mesmo sentido ver WEINREICH, 1968, p. 29). Segundo KÖPKE (1999, p. 136), os erros relacionados com as preposições, numerosos tanto na sua pesquisa quanto nesta, podem ser de natureza léxica ou sintática e, “com frequência, é difícil decidir entre as duas”¹²². Todavia, RASO (2003, p. 13-14) classifica as preposições dentro do nível morfosintático, linha que foi adotada de modo geral nesta pesquisa. Por exemplo, em (VIII-388) *viajar de coche [en coche]* (= de carro) se produz uma substituição de uma preposição (*en*) por outra (*de*) similar às que ocorrem no léxico, com a diferença de que o significado das preposições é geralmente muito amplo (KÖPKE, 1999, p. 312) (cf. seção 4.2.2.3.4); no entanto, esses desvios são categorizados de forma habitual no nível morfosintático, e assim figuram neste trabalho. Já no caso da omissão da preposição *a* no objeto direto pessoal (vide 4.2.2.4.7), isso supõe uma mudança nas relações no eixo sintagmático (KÖPKE, 1999, p. 135) e conseqüentemente foi classificado no nível sintático.

Em resumo, a distribuição dos traços por níveis que foi efetuada pode não ser acertada, mas permitiu destacar e analisar as características principais dos desvios observados.

As interferências, ou variantes de contato na terminologia usada por PY e GROSJEAN (2002, p. 20-21), são comparadas com variantes padrão, estruturas cuja legitimidade é

¹²² “...souvent difficile de trancher entre les deux”.

reconhecida pelos dicionários e gramáticas coetâneos do espanhol¹²³. Entre os dicionários, os mais empregados foram o *Diccionario de Uso del Español* (2001), de MARÍA MOLINER (MM), o *Diccionario del Español Actual* (1999), de SECO et al. (SE) e os dicionários on-line da *Real Academia Española*, o *Diccionario de la lengua española* (RAE) e o *Diccionario panhispánico de dudas* (DP). Entre as gramáticas, as mais utilizadas foram a de ALARCOS (1999) e a de MONZÚ FREIRE (1994).

Para o português, os dicionários empregados foram o *Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI* (AE) (1999) e o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua portuguesa* (HO) (2001), assim como as gramáticas de PERINI (2002), BECHARA (2001) e CUNHA (1981).

Contudo, algumas das formas contabilizadas como desvios não são na realidade agramaticais; trata-se de erros de uso, já que supõem a utilização de formas pouco habituais. De acordo com SILVA-CORVALÁN (1994, p. 4), essa maior frequência de uso é um exemplo de transferência indireta (*indirect transfer*). É isso que acontece no que foi designado neste trabalho como “decalques de uso” (v. 4.2.2.2.3). Assim, as frases (36) (VII-342) *los tiempos mudaron* ou (40) (III-260) *restan cinco (hijos)* não contêm nenhum desvio da norma, mas do uso: os verbos *mudaron* e *restan* são infreqüentes nesses contextos e o mais provável é que um falante espanhol não afetado pelo atrito, sem contato com a L2/português, tivesse utilizado no lugar deles *cambiaron* e *quedan*, respectivamente.

Além do *Corpus de Referencia del Español Actual* (CREA), da Real Academia Espanhola (vide seção 3.3), também foi utilizado o buscador *Google* como ferramenta para se obter informação sobre frequência de uso de palavras e expressões. Tomando como inspiração o uso do buscador por parte de tradutores¹²⁴ para averiguar o termo mais usado num determinado contexto, considerou-se que a palavra ou expressão que produzia mais resultados é a mais freqüente. Obviamente, o método apresenta problemas de confiabilidade e validade, mas pode ser visto como um indicador preliminar.

¹²³ Não obstante, também foi utilizado como fator de comparação o conhecimento lingüístico dos juízes independentes (dois lingüistas Espanhóis) que examinaram o corpus e as listas de erros destacadas pela autora, além de avaliar a competência em L1 dos participantes (cf. seções 3.4 e 4.2.1).

¹²⁴ Informação verbal do professor da UnB Mark D. Ridd.

4.2.2.1 Nível fonético

Embora não seja o foco desta pesquisa¹²⁵, foram observados alguns indícios interessantes de atrito na realização alofônica de certos fonemas. O aspecto mais notável é que as três primeiras interferências que serão descritas a seguir são observadas cada uma delas em um participante diferente.

O caso mais claro é a velarização do fonema /r/ no participante P8. O fonema /r/ em espanhol é uma alveolar vibrante múltipla sonora¹²⁶, que P8 realiza em várias ocasiões (VIII-47, 160, 180)¹²⁷, mas não de forma constante, como a velar vibrante sonora [R] do português¹²⁸. Por exemplo, em palavras como *rosa*, *realmente*, *carretera*, *romper*, *arriba*¹²⁹, etc.

O participante P3 numa intervenção (III-144) pronuncia a africada palatal surda [tʃ] do espanhol como fricativa pós-alveolar surda, [ʃ]: *ella me daba mucho chocolate . mucho leche condensada . mucha muchas cosas* (= ela me dava muito chocolate, muito leite condensado, muita muitas coisas)¹³⁰.

O terceiro caso é a realização alveolar, como o som [s] do português, do fonema interdental fricativo surdo espanhol /θ/¹³¹. Assim em *vez* e *mezcla* (X-62, 96, 114), o participante P10 realiza o fonema /θ/ como [s], no lugar de [θ] que é a realização mais comum na Espanha, mas não geral. De fato, em parte da Andaluzia e na Catalunha, lugar de origem do participante, a realização habitual corresponde a [s]. Conseqüentemente, neste caso não se pode afirmar a existência de interferência do português.

Aparecem dois casos de conversão em hiato de um ditongo espanhol, seguindo o modelo da palavra portuguesa correspondente; são eles os heterófonos: *financie*¹³², pronunciado como em português, com o vogal i tônico, e não como em espanhol *financie*; e *hemorragia*, pronunciado como em português, sendo em espanhol *hemorragia*.

¹²⁵ Daí não ter sido realizada uma transcrição fonética das entrevistas.

¹²⁶ Como em RÍOS MESTRE (1999, seção 6.1.2.9).

¹²⁷ O número romano indica a entrevista e o número árabe a linha (do modo em que estão numeradas na entrevista) em que aparece a formada citada.

¹²⁸ Como em HORA (2000, p.28).

¹²⁹ Utiliza-se o itálico para as palavras ou frases em espanhol das entrevistas.

¹³⁰ Entre parênteses, com o sinal =, indica-se a tradução ao português.

¹³¹ Esse fenômeno é conhecido como *seseo* e supõe a perda de oposição entre o fonema /θ/, correspondente às letras “c” e “z”, e o fonema /s/, em favor de um único fonema de articulação não interdental, isto é /s/ (*caza=casa*). Está generalizado na América.

¹³² A letra em negrito indica a vogal tônica.

Por último, se detectam dois /e/ paragógicos acrescentados no fim de dois nomes comerciais. Este fenômeno é comum no português do Brasil na pronúncia popular de empréstimos terminados em consoantes e também em siglas e nomes estrangeiros¹³³. Assim o nome da operadora de televisão a cabo NET é pronunciado como *Nete* (X-253, V-332) e CEUB, Centro de Ensino Unificado de Brasília, aparece como *Ceube* (IV-187).

4.2.2.2 Nível léxico

Como vimos na seção 2.5, de acordo com a literatura, o nível léxico é o primeiro afetado pelo atrito. Os itens lexicais, de classe aberta, são mais facilmente transferíveis e suscetíveis de sofrer atrito. A seguir, serão analisados os diferentes tipos de interferências lexicais presentes no corpus.

4.2.2.2.1 Extensões ou decalques semânticos

espanhol e português são duas línguas muito próximas, especialmente no nível léxico, onde segundo ULSH¹³⁴, citado por ALMEIDA FILHO (1995, p. 15), 85% do vocabulário português tem cognatos em espanhol. De acordo com SHARWOOD SMITH (1989, p. 193-5), a similitude estrutural é um dos fatores que facilitam o atrito. Assim, dado o elevado número de palavras homófonas, cognatos e falsos cognatos que existem em português e espanhol, se produzem transferências de significado e uso. É o que SELIGER e VAGO (1991, p. 8) denominam extensões semânticas e RASO (2003, p. 6) decalques semânticos. SILVA-CORVALÁN (1994, p. 4) considera essas incorporações de significado um exemplo de transferência direta, junto com as incorporações de formas, os denominados aqui decalques léxicos. As maiores freqüências de uso de certas formas (decalques de uso) e a perda de categorias, traços ou formas são para ela mostras de transferência indireta.

Aparecem, portanto, no corpus palavras da L1/espanhol às quais é adjudicado um significado diferente ao se estabelecer uma correspondência com uma palavra idêntica ou similar da L2/português. De modo geral, essas palavras idênticas ou muito similares coincidem semanticamente em algumas das acepções, mas há outras não coincidentes; por uma questão de economia¹³⁵, as acepções não coincidentes são eliminadas da L1,

¹³³ (HO) : “no port. moderno, acrescenta-se o /e/ paragógico a empréstimos terminados em consoantes como fr. *chic* > port. *chique*; ing. *club* > port. *clube*”. Também em <<http://www.paulohernandes.pro.br/vocesabia/001/vcsabia060.html>> Acesso em: 21 oct. 2006.

¹³⁴ ULSH, J.L. (ed.). **From Spanish to Portuguese**. Washington, D.C.: Foreign Service Institute, 1971.

¹³⁵ Vide SELIGER (1989, p. 182-3) e seção 2.3.1.

acrescentam-se as acepções da L2 e as palavras se tornam equivalentes semanticamente, prevalecendo os significados da L2. Nos seguintes casos podemos observar esse fenômeno:

(1)-(I-30) *el programa que tú has firmado [has suscrito]* (= o programa que você assinou)¹³⁶. *Firmar* e “assinar” compartilham a acepção de (AE): “Pôr firma ou assinatura em”, mas não a de “Tomar assinatura de publicação periódica, transmissão de televisão, série de espetáculos, etc.”. Neste caso, o espanhol utiliza *suscribir*.

(2)-(I-226) *y llevamos como tres años más sin vernos [pasamos]* (= e levamos uns três anos mais sem nos ver). O significado dos verbos quase idênticos “levar” e *llevar* é amplamente coincidente, exceto quando se referem a tempo. Nesse caso o verbo espanhol indica que alguém passou um determinado período de tempo numa mesma situação ou num mesmo lugar: (MM): “*Llevar: con un complemento de tiempo, haberlo pasado hasta el momento en que se habla o de que se habla de la manera que se expresa o haciendo la cosa que se expresa: ‘Lleva tres semanas sin venir por aquí. Llevo una semana en Madrid’*”. Em português aparece como sinônimo de “passar”: (AE) “Levar: passar, consumir, tomar (certo período de tempo): Levou a tarde inteira a chorar”.

(3)-(I-237) *le echaba montones de de de defecto(s) [le sacaba, ponía]* (= colocava, botava um monte de defeitos nele). É provável que se trate de uma tradução errada do verbo “botar”, o qual ocasionalmente pode ser traduzido ao espanhol como *echar*, por exemplo na cotidiana frase “botar no lixo”, que em espanhol pode ser *echar a la basura*.

(4)-(I-311,2) *consigo exprimir mejor los sentimientos [expresar]* (= consigo exprimir melhor os sentimentos). *Exprimir* tem habitualmente o sentido de “espremer”; é certo que também figura entre as suas acepções a de “exprimir, expressar”, mas é muito pouco freqüente¹³⁷.

(5)-(II-30) *yo era padre [sacerdote, cura]* (= eu era padre). Em Español *padre* pode ser utilizado como forma de tratamento que se dá aos eclesiásticos, sacerdotes e clérigos,

¹³⁶ Nos exemplos, está em itálico a palavra ou frase do corpus em espanhol, precedida pelo número da entrevista e o número da linha em que aparece; sublinhado, o desvio ou interferência; entre colchetes, a forma em espanhol padrão; entre parênteses, precedido por =, a tradução ao português.

¹³⁷ Apenas dois casos entre 70 no CREA; em SE esse uso é qualificado como “*literario, raro*”.

anteposto ao nome ou ao sobrenome, ou para se dirigir a eles: (MM) “*El padre Antonio*”. Porém, não é como em português sinônimo de sacerdote; o seu significado usual é “pai”.

(6)-(II-92) *los discursos que ellos tienen que hablar* [pronunciar, decir] (= os discursos que eles têm de dar).

(7)-(VIII-29) *este señor además de hablarnos que...* [*decirnos que*] (= este senhor além de nos falar que...).

Nos exemplos 6 e 7 se observa um uso transitivo do verbo *hablar* em espanhol, que, em geral, é intransitivo¹³⁸. A origem é uma interferência do português brasileiro que emprega “falar” como sinônimo de “dizer”; assim no HO: “transitivo direto e bitransitivo. Regionalismo: Brasil. dizer, declarar. Ex.: ele (nos) falou que vinha”.

(8)-(III-129,130) *yo tengo astillazo aquí de bomba . aquí en la espalda* [*una esquirla, un fragmento*] (= eu tenho estilhaço aqui de bomba, aqui nas costas). Esta palavra muito pouco usual¹³⁹ foi incluída aqui porque de fato aparece em alguns dicionários como “*Golpe que da una astilla al desprenderse de la madera*” (RAE) e “*Chasquido que se produce al rajarse la madera*” (MM). Também produz 138 resultados em Google.es, mas se trata na maioria dos casos do substantivo *astilla* (“estilha, farpa, lasca de madeira”) mais o sufixo *-azo*, que em espanhol “*significa golpe dado con la base derivativa*” (RAE). Em todo caso, o participante a utiliza com um sentido muito semelhante ao português “estilhaço”: (AE) “Fragmento de qualquer objeto despedaçado e projetado com violência: estilhaço de granada; estilhaço de pedra. 2. Peçaço, fragmento, lasca”.

(9)-(III-143,4,7) *esta monja pues . me me cariñaba mucho* [*me mimaba, me consentía*] (= esta freira me acarinhava muito). A palavra *cariñar*, embora exista, é muito pouco empregada em espanhol. Utiliza-se na região de Aragão para exprimir o pesar pela ausência de alguém que nos é querido¹⁴⁰. O mais provável é que se trate de uma interferência do verbo português

¹³⁸ Exceto nos dois casos seguintes: (MM) “*tr. Tratar un asunto entre dos o más personas: ‘Eso es para hablarlo más despacio’. tr. Poder utilizar cierto idioma para expresarse: ‘Habla [el] alemán. Puede hablar latín’.*”

¹³⁹ Não figura no *Diccionario del Español Actual* (1999) de SECO.

¹⁴⁰ (MM) “*Cariñar : (¿del lat. «carere», carecer?; Ar.) intr. y prnl. Sentir añoranza una persona al separarse de otras o de un sitio: ‘El niño se cariñaba en el colegio y tuvieron que ir a buscarle’.*”

“acarinhar”: (AE) “Tratar com carinho; amimar, mimar, acaridar: ‘Ao ver a filha, Dona Maria do Carmo abraçou-se nela, a acarinhá-la, num choro convulsivo’”.

(10)-(IV-99) *después desembarcamos en Santos (...) y bueno el salto . allá allí estaba mi marido esperándome [llegada, bajada]* (= depois desembarcamos em Santos (..) e bom aí saltamos . lá ali estava meu marido me esperando). O verbo *saltar*, idêntico nas duas línguas, comparte o significado básico de (AE) “dar salto(s)”, mas não a segunda acepção do português: (AE) “Descer ou apear-se de um salto: ‘Saltei do trem’”. Em espanhol os verbos habituais nesse sentido são ‘bajarse’ e ‘aparse’, não ‘saltar’.

(11)-(V-54, 94/2, 105, 155, 290) *mi negocio* [*mi problema, historia, asunto*] (= meu negócio).

(12)-(V-155) *va a encontrar un negocito pequeñito* [*va a encontrar una cosita pequeñita*] (= vai achar um negócio pequenininho).

As palavras *negocio/negócio*, idênticas formalmente, também compartilham o mesmo significado, mas no português oral é utilizada como elemento anafórico, de modo semelhante a “coisa”/*cosa* (PERINI, 2002, p. 535). Este uso de *negocio*, que não há no espanhol, determina que apareça substituindo diversas palavras, entre elas a própria *cosa* (12).

(13)-(V-120) *el que derrumbó Getúlio Vargas* [*derribó*] (= o que derrubou G.V). Tanto em espanhol como em português existe a mesma dupla de verbos *derribar/derribar* e *derrumbar/derrubar*. As quatro formas verbais compartilham o significado básico de “fazer cair”, mas em espanhol quando se trata de um chefe de governo ou um regime político utiliza-se *derribar*: (MM) “*tr. Hacer caer al suelo una cosa que está en un lugar alto: ‘El caballo derribó al jinete. Derribar una estatua’. Tirar. Particularmente, hacer caer a una persona de un empleo, privanza o posición elevada*”. Já em português tanto “derribar” (AE: “Obrigar a exonerar-se; destituir; depor: derribar um chefe de governo”), como “derrubar” (AE: “Bras. Gír. Agir deslealmente em prejuízo de; dar uma rasteira em: ‘Fez tudo para derrubar o amigo, tomar-lhe a namorada’.”) seriam justos no contexto do exemplo.

(14)-(V-212) *tiene hijos? —sí. tres (...) este es el más viejo [mayor] (= este é o mais velho).* Como explica o dicionário MM¹⁴¹, em espanhol tanto *más viejo* como *mayor* indicam de mais idade, mas o primeiro é utilizado preferentemente para pessoas anciãs e *mayor* para crianças. O português não tem essa restrição e utiliza “mais velho” para crianças. Google mostra as diferentes frequências: 72.100 páginas em espanhol de *mi hijo mayor* frente a seis de *mi hijo mas viejo*; a situação se inverte em português: 29 para “meu filho maior” e 9.470 para “meu filho mais velho”.

(15)-(V-213) *es formado en hotelería y turismo [licenciado] (= é formado em hotelaria e turismo).*

(16)-(V-222) *se está *s(e) formando [licenciando] (= está se formando).* O verbo “formar” comparte em ambas as línguas os significados básicos de “dar forma, compor, educar”; mas o português acrescenta uma acepção ausente em espanhol: (AE) “Adquirir a formatura universitária”. É este significado (em espanhol expressado com *licenciarse*) que o participante adiciona ao verbo *formar*, tornando-o equivalente ao homófono português.

(17)-(V-309) *me están llenando [me están hartando, cansando] (= estão me enchendo).* O verbo espanhol *llenar* é habitualmente traduzido por “encher”, mas não neste caso. Aqui o participante está traduzindo literalmente a gíria brasileira (AE) “encher o saco: Bras. Gir Aborrecer-se, chatear-se; amolar-se”, que em espanhol poderia ser expressa de diferentes formas, entre elas *hartar* ou *cansar*.

(18)-(V-368) *mi oído no es afilado [fino, agudo] (= meu ouvido não é afiado).* Os adjetivos *afilado* e “afiado” compartilham o significado básico (AE: “De gume muito cortante; aguçado: faca afiada”), mas o espanhol não se aplica em geral aos sentidos, como acontece em português (AE: “Fig. Apurado, aprimorado, aperfeiçoado, aguçado. 4.Fig. Perspicaz, penetrante, agudo: olhar afiado”). Nesse contexto o espanhol utiliza os adjetivos *fino* (MM: “Aplicado a los sentidos, *agudo: ‘No tiene un olfato muy fino’.”) ou *agudo* (MM: “Aplicado a personas y, correspondientemente, a sus sentidos”).

¹⁴¹ “De más *edad; se emplea especialmente refiriéndose a niños: ‘Tu hijo es mayor que el mío’; y menos refiriéndose a personas ancianas; se puede decir ‘mi abuela es mayor que mi abuelo’, pero es más frecuente usar cualquier otra fórmula; como ‘tiene más años’ o ‘es más vieja’.”

(19)-(V-371)-(X-219) *quiero ir * pasear (a España) [ir de viaje, de excursión]* (= quero ir passear). O verbo espanhol *pasear*, habitualmente, aparece em combinação com expressões como *por este parque, a caballo por el campo, por la calle, por centros comerciales, a cualquier hora, al perro*¹⁴², mas não com nomes de países, como acontece em português (assim em Google Brasil, por exemplo, “ir passear na Áustria”, “na França” ou “na Alemanha”). *Pasear* em espanhol é algo que se faz perto do lugar de residência. Para “passeios” mais longe utiliza-se normalmente *ir de viaje* ou *de excursión*.

(20)-(VII-136) *yo había aumentado la metraje* [los metros, las medidas, la medición] (= eu tinha aumentado a metragem). A palavra espanhola *metraje*, que além do mais é masculina, tem como sentido único o de comprimento de um filme, uma das acepções da portuguesa “metragem”; esta inclui também o sentido de (AE) “Medição em metros. Número de metros”. Assim, o substantivo espanhol é usado com o sentido do português, isto é, passa a coincidir semanticamente com a palavra portuguesa.

(21)-(VII-190, 311, 317, 319)- *ligué pa(ra) San Pablo [llamé a]* (= liguei para São Paulo). O verbo ligar comparte em ambas as línguas o significado básico de (AE): “Apertar, prender, atar com laço ou ligadura; fazer nó ou laço em; prender, fixar”; mas em espanhol não está presente a acepção utilizada pelo participante (AE): “Bras. Comunicar-se, ou tentar comunicar-se, por telefone; telefonar”. Em espanhol esse sentido se expressa com *llamar (por teléfono)*.

(22)-(VIII-41) *dos duplas [parejas]* (= duas duplas). Em espanhol existe *duplo* como substantivo ou adjetivo do mesmo significado de “duplo” em português (HO: “que ou o que contém duas vezes a mesma quantidade”). Já o substantivo feminino “dupla” pode ser traduzido ao espanhol como *par*, quando se trata de dois objetos ou entidades, ou como *pareja* quando se refere a pessoas ou animais.

(23)-(X-132) *me dio la loca [me dio la locura]* (= me deu a louca). Como se pode observar existe uma locução quase idêntica de forma e significado em ambas as línguas, mas no

¹⁴² Ejemplos do corpus CREA e de Google España.

espanhol *loca* é adjetivo e, portanto, usa-se o substantivo *locura*. No exemplo, ele é substituído pelo adjetivo a exemplo do português.

(24)-(VIII-220) *el farol del fin del mundo* [*el faro*] (= o farol do fim do mundo). A palavra espanhola *farol* tem o significado básico de “lanterna”; é *faro* que traduz o português “farol”.

(25)-(VIII-227) *hace divisa con Chile* [*hace frontera con*] (= faz divisa, fronteira com o Chile). A palavra “divisa”, idêntica em ambas as línguas, coincide semanticamente exceto na acepção que utiliza o participante (HO: “demarcação, fronteira; limite”). Nesse sentido, o espanhol utiliza o substantivo *frontera*.

(26)-(VIII-379)-(X-24) *aquí era su escritorio* [*despacho, oficina*] (= aqui era o seu escritório). O substantivo *escritorio* em espanhol tem o valor básico de “escrivania”, embora atualmente também seja utilizado na área da informática¹⁴³. Para indicar o (AE) “lugar onde se faz o expediente relativo a qualquer administração, obra, etc., se tratam negócios, se recebem clientes, etc.”, o espanhol conta com duas palavras: *despacho* e *oficina*.

(27)-(X-30, 87) *me pegaron* [*me cogieron, tomaron*] (= me pegaram).

(28)-(X-87) *pues ya pego y me voy* [*pues ya cojo y me voy*] (= aí eu já pego e vou). Nos dois exemplos anteriores usa-se no lugar de *coger*, o verbo *pegar*, cujo homônimo português é a tradução mais freqüente do espanhol *coger*. Porém, *pegar* em espanhol significa basicamente “colar, aderir”, apenas uma das acepções do verbo “pegar” em português. No segundo caso, X-87, o verbo *pegar* substitui *coger* numa construção coloquial na qual o significado deste último é (RAE) “Tomar. Resolverse o determinarse a efectuar una acción. Cogió y se fue”¹⁴⁴. A ação que se resolve realizar é a indicada pelo segundo verbo, neste caso *me voy* (= vou embora).

(29)-(X-141, 153) *colé la postal* [*pegué*] (= coleí o cartão). Comparando este exemplo com os dois anteriores, observa-se que o verbo espanhol *pegar* sofreu um deslocamento semântico na

¹⁴³ (SE): “Pantalla en que aparecen los iconos de los distintos elementos de trabajo de un ordenador”.

¹⁴⁴ Definição de MM: “(pop.) intr. Seguido de «y» y un verbo, *realizar la acción expresada por éste: ‘Se cansó de esperar y cogió y se fue a América’.”. Para uma análise mais detalhada dessa construção ver COSERIU, Eugenio. Tomo y me voy. **Estudios de Lingüística Románica**. Madrid: Gredos. 1977.

direção do seu homônimo português: ele deveria ser utilizado no presente exemplo, mas é substituído por *colar* por interferência do português. *Colar* em espanhol significa basicamente “coar, filtrar” e coloquialmente é usado na forma pronominal para errar e desrespeitar direitos de precedência, furar uma fila, por exemplo.

(30)-(X-30) *me pegaron*¹⁴⁵ *un trecho* [*me cogieron, tomaron un trozo*] (= me pegaram um trecho). O participante está se referindo a uma gravação em vídeo para a TV, mas o substantivo espanhol *trecho* é usado principalmente para indicar uma parte de um caminho ou longitude que se percorre. Ele não inclui entre as suas acepções a de (AE): “Excerto de uma obra literária ou musical; fragmento, extrato. Parte de um todo”. Para esse sentido o espanhol usa *trozo, pedazo, fragmento*.

(31)-(X-109) *un monte de sangre *misturada* [*un montón de sangre mezclada*] (= um monte de sangue misturado). A palavra “monte” coincide em ambas as línguas no significado básico de (AE): “Elevação notável de terreno acima do solo que a cerca; serra”, mas para a segunda acepção em português (AE: “Qualquer amontoado de coisas em forma de monte”), o espanhol utiliza a palavra *montón*.

4.2.2.2.2 Aglutinação semântica

Nos exemplos seguintes observa-se o que PRESTON¹⁴⁶, citado por SHARWOOD SMITH (1989, p. 191), denomina *collapse*: a L1/espanhol possui duas palavras para expressar conceitos que em L2/português são expressos por uma forma só. Como consequência da influência da L2, os dois termos da L1 se aglutinam, perdendo as diferenças¹⁴⁷, a exemplo da forma única da L2. O termo da L1 mais semelhante ao único termo da L2 é o que predomina. Deste modo, se produz uma verdadeira redução de vocabulário.

(32)-(V-302) *fue un una exploración* [*explotación*] (= foi uma exploração). O espanhol possui duas palavras para traduzir os significados do português “exploração”: *exploración*, que

¹⁴⁵ Ver nos exemplos 27 e 28 a análise da utilização não padrão do verbo *pegar*.

¹⁴⁶ PRESTON, D. How to lose a language. *Interlanguage Studies Bulletin*, 6, 2, 1982, p. 64-87.

¹⁴⁷ PAVLENKO (2002, p. 51) descreve um processo similar no contato L1/russo L2/inglês: “*the speakers appear to have collapsed the distinctions between two Russian translation equivalents of an English word*”.

corresponde às duas primeiras acepções no AE (“1.Ato ou efeito de explorar: exploração de uma região. 2. Pesquisa, sondagem”) e *explotación*, para as duas segundas (AE “3. Desenvolvimento de uma indústria, de um negócio, com fins especulativos: A exploração da fábrica toma-lhe o tempo. 4. Ato ou efeito de explorar (5 a 7): Este preço é uma exploração”).

(33)-(VII-208) *la creación de puercos* [*cría, explotación de puercos*] (= criação de porcos). Em espanhol existem dois verbos para expressar o significado do português “criar”: *crear* e *criar*. O primeiro coincide com as seguintes acepções de “criar”: (HO) “conceber, tirar aparentemente do nada, dar existência a, (...) inventar”; o segundo com: (HO) “alimentar ao seio; amamentar, (...) sustentar, (...) manter procriação de (animais)”. *Creación* é o substantivo correspondente a *crear* e, portanto, não adequado no contexto de exemplo. Na linha 221 da mesma entrevista o participante emprega *criación*, palavra não existente em espanhol, formada a partir da portuguesa “criação”.

(34)-(VII-288) *moral de la historia* [*moraleja, conclusión*] (= moral da história). De novo aqui as duas palavras Espanholas *moral* e *moraleja* se aglutinam na única forma em português, “moral”. A primeira, *moral*, corresponde às seguintes acepções de “moral” em português: (HO) “estado de espírito (...) conjunto de valores como a honestidade, a bondade, a virtude etc., considerados universalmente como norteadores das relações sociais e da conduta dos homens”; a segunda, *moraleja*, com: (HO) “Moral da história: Conclusão ou lição moral inerente a um fato narrado. [Us., às vezes, ironicamente.]”. O participante utiliza a primeira palavra *moral*, idêntica à única forma portuguesa, numa colocação análoga à do dicionário (HO: “moral da história”).

(35)-(X-134,7) *cartones de Navidad* [*tarjetas (postales)*] (= cartões de Natal). Neste caso também o espanhol conta com duas palavras, *cartón* (HO: “papel encorpado, obtido por colagem e prensagem de várias folhas, ou utilizando a polpa na fabricação à máquina”) e *tarjeta* (HO: “pedaço pequeno e retangular dessa espécie de papel, us. para diversas finalidades”; também cartão de crédito), para expressar o conteúdo básico do português “cartão”.

4.2.2.2.3 Decalques de uso

Com a expressão decalque de uso se faz referência a casos de redução da sinonímia, nos quais se observa uma utilização preferencial da forma usada em L2, mesmo sendo esta a menos freqüente em L1.

(36)-(VII-342) *los tiempos mudaron [cambiaron]* (= os tempos mudaram).

(37)-(VIII-289) *muda el color [cambia]* (= muda a cor).

(38)-(X-221) *la cosa ya muda [cambia]* (= a coisa já muda). Em espanhol, os verbos *mudar* e *cambiar* são sinônimos em determinados contextos¹⁴⁸, mas *mudar* é pouco freqüente; de fato, o CREA oral recolhe apenas um caso de *mudar* por 367 de *cambiar*. Em português, a situação se inverte e, além de não serem esses verbos sinônimos, o mais freqüente em Google Brasil é “mudar” (12.500.000 páginas em português sobre “mudar”; 186.000 páginas sobre “cambiar”).

(39)-(X-109) *sangre misturada [sangre mezclada]* (= sangue misturado). *Misturar*, variante ortográfica de *mixturar* e sinônimo de *mezclar*, é uma forma muito pouco usada, tal como mostra o RAE: “*tr. p. us. Mezclar*”. No corpus CREA oral aparecem 13 casos de *mezclar*, mas nenhum de *misturar*. Como acontecia no exemplo anterior, em português o par “misturar/mesclar” não guarda uma relação de sinonímia, sendo “misturar” a forma que produz mais resultados em Google Brasil, 579.000 por 122.000 de “mesclar”.

(40)-(III-260) *restan cinco (hijos) [quedan cinco]* (= restam cinco (filhos)). O verbo espanhol *restar* na sua acepção de “ficar de sobra, sobrar, subsistir, faltar”¹⁴⁹, é mais formal e menos usado do que *quedar*. Assim, no corpus CREA oral aparecem 9 casos de *restan*, frente a 329 de *quedan*. A preferência por *restar* seria, portanto, resultado da influência do português.

(41)-(VII-129) *estrada [camino, carretera]* (= estrada). Tanto em MM como em SE, estrada aparece como palavra inusual.

¹⁴⁸ (MM): “*intr. y, no frec., prnl. Ponerse una cosa distinta de como era o estaba, en el aspecto que se expresa: ‘He mudado de gustos. Su pelo ha mudado de color, pero él no ha mudado de carácter’. Cambiar, variar*”.

¹⁴⁹ (MM): “*Haber todavía algo de cierta cosa: ‘Nos restan todavía algunas esperanzas’. Quedar*”.

(42)-(VII-207, 208, 222/2¹⁵⁰) *puercos* [*cerdos*] (= porcos). A palavra *puerco* existe em espanhol como adjetivo e substantivo com o mesmo sentido do português, mas na Espanha é muito mais utilizado *cerdo*. Assim o prova o CREA, que registra apenas 92 casos para *puerco* e 1525 para *cerdo*¹⁵¹.

(43)-(V-163) *hay que providenciar una barrena* [*preparar, agenciarse, buscar, coger*] (= tem que providenciar uma broca). (VII-198) *puede providenciar mandar a otro* [*buscarse a otro*] (= pode providenciar mandar um outro). O verbo espanhol *providenciar*, embora tenha um significado muito semelhante ao do português, é pouco usado (assim em MM) e de caráter literário (SE). No corpus CREA não aparece nenhum caso. Nos exemplos mencionados o nível de língua é coloquial e, portanto, *providenciar* não é o verbo adequado. Em português, pelo contrário, é um verbo muito produtivo. Essa situação se reflete no Google: “providenciar” produz 16.000 páginas em espanhol, frente a 1.500.000 em português.

(44)-(VII-111, 115, 202) *una gleba de tierras* [*una finca, propiedad, unas tierras*] (= uma gleba (de terras)). O substantivo *gleba* em espanhol, apesar de ter o sentido de “terreno para cultura” (AE, MM) como em português, é utilizado principalmente no campo da história associado ao regime feudal, em expressões como *siervos de la gleba*; assim no corpus CREA. Ao contrário, em português é mais utilizado com o sentido de “terreno próprio para cultura”, como reflete a pesquisa em Google Brasil (349.000 resultados, muitos referidos a parcelamentos e desenvolvimentos rurais).

(45)-(VII-152, 194)- *él vino para conferir* [*comparar, comprobar, ver si estaba bien, cotejar*] (= ele veio para conferir). O verbo “conferir” formalmente idêntico em ambas as línguas, também coincide semanticamente, mas a acepção mais usada em português (AE: “Ver se está certo; comparar, confrontar, verificar”) é inusual em espanhol (MM: “cotejar”)¹⁵². Trata-se,

¹⁵⁰ /2 depois do número da linha indica que a palavra aparece duas vezes.

¹⁵¹ Uma frequência semelhante mostra Google.es: 77.400 resultados para *puerco* frente a 1.220.000 para *cerdo*.

¹⁵² As acepções mais comuns em espanhol são (MM): “*Dar a alguien cierta cosa como un honor, un empleo o ciertas atribuciones: ‘Le confirieron la más alta distinción’. (form.) Comunicar una cosa a otra o a una persona, a las que se incorpora, una cualidad no física que las mejora o ennoblece*”. Ambas também existem em português: (AE) “Dar; outorgar: ‘Conferiu um título honorífico ao general vitorioso’. 6. Dar; imprimir: ‘Conferiu à exposição um tom solene’.”

portanto de um caso de preferência da forma menos usada em L1 por ser a mais freqüente em L2.

(46)-(V-175) *todo era pago* [*pagado*] (= tudo era pago). Tanto em espanhol como em português o verbo “pagar”, formalmente idêntico em ambas as línguas, possui dois participípios: um regular “pagado” e outro irregular “pago”. Todavia, as preferências de uso são opostas; segundo HO: “o part. pagado, pelo menos no Brasil, vem caindo em desuso, superado por pago: ser pago, tinha pago”; no caso do espanhol o preferido é *pagado*¹⁵³.

4.2.2.2.4 Decalques léxicos

Dada a proximidade de português e espanhol, os casos de “criação” de palavras não são muito numerosos, já que essa afinidade de origem facilita as transferências semânticas entre palavras semelhantes formalmente. Essas palavras “criadas” ou decalques léxicos consistem em lexemas portugueses adaptados fonética e morfologicamente ao espanhol.

(47)-(IV-24) *chillante* [*chillona*] (= gritante). A palavra *chillante* segundo o RAE é utilizada em Nicarágua para se fazer referência a uma cor muito viva. No exemplo do corpus, sendo que se trata de uma variedade diferente, o espanhol peninsular, considera-se que a palavra foi “criada” a partir de uma raiz espanhola (a do verbo *chillar* = gritar), com o mesmo sufixo utilizado pela palavra portuguesa (-ante, como em “gritante”, no lugar do usado em espanhol, -ona, *chillona*).

(48)-(V-134) *soy *diseñista*¹⁵⁴ [*diseñador*] (= desenhista).

(49)-(V-191) *había *morido* [*muerto*] (= tinha morrido).

(50)-(V-209) **noviado* [*noviazgo*] (= noivado).

(51)-(V-38) **bobage* [*tontería*] (= bobagem).

¹⁵³ Assim como no RAE: “*pago: part. irreg. coloq. p. us. de pagar*”.

¹⁵⁴ O asterisco indica que se trata de formas não existentes em espanhol.

(52)-(VII-112) *treinta mil *alqueres* [4,84 *hectáreas*] (= trinta mil alqueires).

(53)-(VII-221) **criación* [*cría*, vide 4.2.2.2, l. 208] (= criação).

(54)-(VII-235) **engarrafación* [*embotellado*] (= engarrafagem, engarrafamento).

(55)-(VII-322) *están *sorpresos* [*sorprendidos*] (= surpresos).

(56)-(VIII-146) *una *fera* [*feria*] (= feira).

(57)-(VIII-159) *el *vulcán* [*el volcán*] (= vulcão). Este exemplo poderia ser considerado um caso de alternância de código, mas a pronúncia sem nasalização de um falante com pleno domínio do português¹⁵⁵, parece indicar que a intenção era usar uma palavra espanhola.

(58)-(VIII-366) **piñeros* [*pinos*] (= pinheiros).

(59)-(VIII-302) *se *grieta* [*agrieta*] (= greta-se).

(60)-(X-156) **bananera* [*plátano*] (= bananeira). Como lembra MM a palavra *banano* é “*poco frec. en España*”; usa-se em seu lugar *plátano*”.

4.2.2.3 Nível morfossintático

Segundo as pesquisas, o nível morfossintático é afetado pelo atrito após o léxico, que seria o primeiro e mais atingido (TSIMPLI et al., 2002?, p. 2; SCHMID e DE BOT, 2004, p. 215-7; SCHMITT, 2004, p. 299), (vide seção 2.5).

4.2.2.3.1 O gênero

No corpus aparecem poucos casos de mudança de gênero na L1 por interferências da L2. Talvez a explicação seja a grande coincidência existente entre espanhol e português. O mais significativo é que em todas as ocasiões exceto duas (V-141: *la* [*el*] *puente*; VII-136: *la*

¹⁵⁵ A afirmação está baseada não só na auto-avaliação do participante, que considera a sua competência em L2 igual a da L1 (cf. tab. 5), mas também no fato de P8 ter chegado ao Brasil com 11 anos de idade (cf. tab. 3).

[*el metraje*]), os participantes corrigem-se ou utilizam a palavra com os dois gêneros. Assim, em um caso o substantivo feminino *leche* (= leite) aparece acompanhado de dois adjetivos um masculino, como em português, e outro feminino, como em espanhol: (III-145) *mucho* [*mucha*] *leche condensada* (= muito leite condensado). O substantivo *árbol*, masculino, (= árvore, feminino) aparece em cinco ocasiões corretamente como masculino, mas na frase seguinte adjetivos e pronomes a ele referidos são femininos: (VIII-236,7) *es un tipo de árbol más blanducha* [*blanducho*] *que el viento las* [*los*] *dobra y están to(d)as dobladas* . *to(d)as dobladas* [*todos doblados*] (= é um tipo de árvore mais molenga que o vento dobra e estão todas dobradas).

Com a palavra *punte*, masculina em espanhol¹⁵⁶, acontece algo semelhante: em nove ocasiões é utilizada corretamente como masculina, mas em dez outras figura como feminina; por exemplo: (VII-134,5) *las mediciones de unas* [*unos*] *puentes* . *de unos puentes* (= as medições de umas pontes).

Por último, em VII-345 o participante parece escolher primeiro o artigo feminino correto em espanhol (*la*), mas finalmente utiliza o masculino, como em português: *la libertad de la* . *de los* [*las*] *costumbres* (= a liberdade dos costumes)¹⁵⁷.

4.2.2.3.2 O artigo

Esta primeira análise do corpus revelou apenas quatro casos de uso incorreto ou pouco habitual do artigo por influência do português.

No primeiro caso, foi acrescentado incorretamente um artigo determinado na expressão (III-125) *nos dio *el tiempo* que MM recolhe como *dar tiempo*. Em português a construção aparece tanto com quanto sem artigo: “nos deu o tempo” ou “nos deu tempo”.

Em espanhol não se utiliza geralmente o artigo *el* diante da expressão dos anos completa, com quatro dígitos (por exemplo, *en mil novecientos noventa y dos*)¹⁵⁸; mas quando

¹⁵⁶ Embora já tenha sido usada como feminina, assim em MM e RAE. Em “*El Quijote*”, por exemplo, aparece como feminina.

¹⁵⁷ Como aponta RASO (2003, p.9) a autocorreção da forma correta na L1 pela forma da L2 é um sinal evidente de atrito.

¹⁵⁸ Assim o explica o DP: “4. *En relación con el uso del artículo el (y, en consecuencia, de la contracción del) delante de la expresión de los años, hay que tener en cuenta lo siguiente: a) Del año 1 al 1100 es más frecuente el empleo del artículo, al menos en la lengua hablada: Los árabes invadieron la Península en el 711. Pero no faltan abundantes testimonios sin artículo en la lengua escrita: «Ya en 206 a. de J. C. tiene lugar la fundación de Itálica» (Lapesa Lengua [Esp. 1942]). b) Del año 1101 a 1999 es claramente mayoritario el uso sin artículo: Los Reyes Católicos conquistaron Granada en 1492, si bien no dejan de encontrarse ejemplos con artículo: «Nací en el 1964» (Rdgz Juliá Cruce [P. Rico 1989]). Si se menciona abreviadamente el año, suprimiendo los dos primeros dígitos, es obligatorio el empleo del artículo: En el 92 se celebraron las*

estes são expressos em dezenas é habitual, ao contrário do que sucede em português, o uso do artigo. Assim em (VII-309) *en noventa y dos* [*en el noventa y dos*] (= em noventa e dois).

O espanhol conta com um artigo neutro *lo* inexistente em português. No seguinte caso, esse artigo neutro está omitido a exemplo do português: (V-60,1) (L2) *tudo * que* [*todo lo que*] (= tudo que).

Por último, (IV-396) *veo televisión* [*veo la televisión*] (= vejo televisão), construção que, no espanhol peninsular, é mais freqüente com o artigo *la*: *veo la televisión*. Assim, no CREA aparecem dez casos de *ver la televisión* por dois para *ver televisión*. Google em português apresenta freqüências contrárias: 53.100 páginas para "ver televisão" e apenas 1.970 para "ver a televisão".

4.2.2.3.3 A regência verbal

Dentro do nível morfossintático, as mudanças de regência preposicional do verbo¹⁵⁹ conformam o grupo mais numeroso de interferências.

O caso mais repetido é a utilização da preposição *en* no lugar de *a* com verbos de movimento. No português coloquial é freqüente esse emprego, embora não seja aceito pela língua padrão (BECHARA, 1975, p. 292). Assim: (III- 195) *llegué en Buenos Aires* [*a Buenos Aires*] (= cheguei em Buenos Aires); (IV-153) *venía en casa* [*a casa*] (= vinha em casa); (V-355) *en Rotterdam ya fui* [*a Rotterdam ya fui*] (= em Rotterdam já fui); (VII-94) *(venir) en el Brasil* [*a/al Brasil*] (= vir ao Brasil); (VII-211, 212, 256, 260, 261) *vaya de noche en casa (...)* *fue en la casa* [*a casa, a la casa*] (= vá à noite em casa (...) foi na casa).

Outros exemplos de verbos que trocam a sua regência preposicional pela do português são: (I-129) *parecido con quién* [*parecido a quién*] (= parecido com quem); (V-353) *es parecido con . con . con la capital* [*es parecido a la capital*] (= é parecido com a capital); (V-83) *acostumbrarse con ellos* [*acostumbrarse a ellos*] (= se acostumar com eles).

Em várias ocasiões, a influência do português não supõe uma troca de preposições, mas o acréscimo de uma onde não havia nenhuma. Assim, se acrescenta a preposição *de*

Olimpiadas de Barcelona. c) A partir del año 2000, la novedad que supuso el cambio de millar explica la tendencia mayoritaria inicial al uso del artículo: Fui al Caribe en el verano del 2000 o La autovía estará terminada en el 2010".

¹⁵⁹ No caso do português ver LUFT (2003); para o espanhol foram utilizados os dicionários MM, RAE e SE.

quando em espanhol a construção é direta, sem preposição: (I-262) *necesitar*¹⁶⁰ del *portugués* [*necesitar el portugués*] (= necessitar do português); (IV-175) *necesitaba* de *una profesora* [*necesitaba una profesora*] (= necessitava de uma professora); (III-81) *nos prohibieron* de *ha(blar)* [*nos prohibieron hablar*] (= nos proibiram de falar); (VII-118) *precisaban* (...) *de un español* [*precisaban un español*] (= precisavam de um espanhol); (VIII-93, 98, 100, 101, 104, 106, 107, 108, 111/2) *le llama de D* [*le llama D*] (= chama ele de D).

Por último, um exemplo contrário aos anteriores, no qual se perde uma preposição em espanhol por influência do português: (VII-135) *desconfió* *que* [*desconfió de que*] (= desconfiou que). Segundo HO, “depois de desconfiar, a prep. de é freq. omitida antes de complemento oracional (p.ex., desconfio (de) que ele esteja precisando de ajuda), o que faz com que alguns autores considerem este verbo tb. transitivo direto”.

4.2.2.3.4 As preposições

O caso mais reiterado é a utilização da preposição *de* no lugar de *en* para introduzir o meio de transporte com verbos de movimento. Assim (VII-124,132,133,149) (*ir, venir, llegar, aparecer*) de *avión* [*en avión*] (= (ir, vir, chegar, aparecer) de avião); (VIII-216) *paseo* de *barco* [*en barco*] (= de barco); (VIII-388) *viajar* de *coche* [*en coche*] (= de carro).

Em três ocasiões, é utilizada uma preposição desnecessária em espanhol, mas possível no português coloquial: (VIII-39, 41) *íbamos* en *tres* [*íbamos tres*] (= íamos em três); (VIII-41) *íbamos* de *dos duplas* [*íbamos dos parejas*] (= íamos de duas duplas).

Aparecem também duas preposições associadas à palavra *teléfono* infreqüentes em espanhol: (III-364) *me llamó* al *teléfono* [*por teléfono*] (= me ligou); (VII-349) *me decía también* en *el teléfono* [*por teléfono*] (= me dizia também no telefone). Ambas parecem provir do português¹⁶¹ “falar/dizer ao/no telefone”.

Em geral, a palavra espanhola *hasta*, coincide com “até” nos seus valores preposicionais e adverbiais, exceto quando se combina com “que”. Nesse caso, a forma espanhola *hasta que* tem o mesmo valor da preposição (MM: “*momento, lugar, etc., en que se interrumpe o queda realizada una acción (...) ‘No parará hasta que lo consiga.’*”), mas não no valor adverbial de *incluso*; isso a diferencia do português “até que”, o qual possui o sentido

¹⁶⁰ O verbo *necesitar* pode ser construído com *de* também em espanhol (ver RAE e MM), mas é muito mais freqüente como transitivo direto. No CREA, *necesitar* aparece 483 vezes, delas apenas em 25 ocasiões seguido por *de*.

¹⁶¹ Poderiam tratar-se de desvios não devidos à interferência, mas a problemas para recuperar da memória a preposição adequada em espanhol.

adverbial de “inclusive, mesmo, ainda” (HO). Em dois exemplos *hasta que* é empregado com o valor do “até que” português: (X-336) *a mí hasta que me gusta [a mí incluso me gusta]* (= eu até que gosto); (V-234) *por mí hasta que no había problema [por mí no había problema]* (= por mim até que não tinha problema). Neste último caso, em espanhol padrão não seria usado *hasta que*. O mais provável é que não houvesse nada no lugar de *hasta que* (*por mí no había problema*), ou, talvez, aparecesse uma outra forma como *incluso*, *la verdad es que* ou *en realidad* (*por mí la verdad es que no había problema*).

4.2.2.3.5 Advérbios e conjunções

Aparecem no corpus advérbios e conjunções formalmente semelhantes, homófonos ou idênticos em ambas as línguas, cujo uso na L1 supõe um decalque do uso na L2.

O caso mais generalizado (em cinco das oito entrevistas) é o advérbio *ahí*, com diferente grafia em português, “aí”, mas de idêntica pronúncia. Trata-se de um conectivo textual típico do português brasileiro com uma função claramente pragmática (PERINI, 2002, p. 546; RASO, 2003, p. 14). Dado que se trata de palavras homófonas, é impossível discriminar se o falante utiliza a forma espanhola ou a portuguesa; conseqüentemente, neste caso a diferenciação entre interferência da L2 ou alternância de código é inexequível.

De forma resumida, o advérbio *ahí* / *aí* comparte em espanhol e português o valor referido a lugar (HO: “em posição próxima da pessoa a quem se fala”; MM: “*Designa un lugar próximo a la vez a quien habla y a la persona a quien se habla*”), mas não o temporal, presente apenas em português (HO: “nesse ou naquele tempo, nessa ou naquela época; então; nesse momento, nessa ocasião”). Com este sentido, o espanhol utiliza geralmente *entonces* (=então) ou locuções como *en eso*, *en tal caso*, *siendo así*. A seguir alguns exemplos presentes no corpus:

(61)-(I-234, etc.)¹⁶² *y ahí empezamos [y entonces empezamos]* (= e aí começamos).

(62)-(III-123, etc.) *ahí fuimos saliendo [entonces fuimos saliendo]* (= aí fomos saindo).

¹⁶² Devido ao grande número de exemplos coletados nas entrevistas (superior a 10, exceto no caso de II, IV e VIII, nas quais não aparecem casos de utilização inadequada de *ahí*), será mostrado apenas um exemplo de cada participante.

(63)-(V-167, etc.) *podía trabajar en eso ahí* [*podía trabajar en eso*] (= podia trabalhar nisso aí). Neste caso, *ahí* é um elemento desnecessário em espanhol.

(64)-(VII-133, etc.) *bueno ahí .. después de unos seis años* [*bueno entonces ..*] (= bom aí .. depois de uns seis anos).

(65)-(X-187) *ahí lo puse colga(d)o en el cuarto* [*entonces lo puse colgado en el cuarto*] (= aí o coloquei pendurado no quarto).

E como acontece com freqüência nessa relação de ida e volta entre português e espanhol, *ahí* ocupa o lugar de *entonces* e este é utilizado como interjeição à maneira do português. Assim no exemplo: (X-63) *uy . el chico entonces es fanático* [*uy . el chico no veas, sobre todo es fanático*] (= ui, o garoto então é fanático).

Outros advérbios são “criados” tomando como modelo formas portuguesas. Por exemplo, (VII-50, 273, 274) *también no* [*tampoco*] (= também não); (VII-138) *no salió también* [*no salió tampoco*] (= não saiu também). Em espanhol o uso de *tampoco* em frases negativas é obrigatório. Em português, embora exista a forma negativa “tampouco”, é mais freqüente “também não”¹⁶³.

Em duas ocasiões são reproduzidas locuções adverbiais do português com a palavra “frente”, que em espanhol se constroem com *delante* (=diante) ou *adelante*. Assim: (VII-282) *en la frente* [*enfrente, delante*], formado provavelmente a partir de “na frente”, e (VII-278) *de ahí pa(ra) frente* [*de ahí en adelante*, ou uma versão muito mais popular *de ahí ‘palante’*] (= daí pra frente).

Em (III-60) *abajo de* [*debajo de*] (= embaixo de), observa-se um desaparecimento de restrições da L1 a exemplo da L2. Na variedade da Espanha, do par de advérbios com o mesmo significado *abajo / debajo*, apenas este último aceita geralmente¹⁶⁴ a construção com *de* (MM). Em português, pelo contrário, tanto “embaixo” como “debaixo” admitem “de” (AE). Todavia, na Hispanoamérica, *abajo de* é mais freqüente (MM). Dado que o participante mora no Brasil e seu espanhol está em contato intenso com o português, o mais razoável é pensar que se trata de uma interferência da L2, não de outra variedade de espanhol.

¹⁶³ De fato, nos dicionários HO e AE a forma “também não” aparece nos exemplos da entrada; assim HO: “não foste ao casamento dela e ela t. não irá ao teu” e AE: “Se águia não é, também não é graúna”.

¹⁶⁴ No CREA, de 5981 ocorrências de *abajo*, apenas em 188 ocasiões aparece seguido por *de*.

Algo similar acontece com os advérbios *acá* e *allá*, muito empregados na América, mas muito menos freqüentes na Espanha do que *aquí* e *allí*¹⁶⁵, advérbios com o mesmo significado. Na entrevista II-22, 23 a freqüência de uso de *acá* não é habitual: “*acá . esto . yo vine acá hace hace seis años . yo vine acá para trabajar . y siempre en la educación porque yo en España estuve trabajando en la educación y vine acá pa(ra) trabajar*”. Talvez poderia tratar-se de uma interferência das formas Portuguesas “*cá*” e “*lá*”; porém segundo HO “há diferença sensível na preferência do emprego dos adv. *cá* e *aquí* entre os utentes do Brasil, de um lado, e os de Portugal e África, de outro, mas ainda não houve mensuração do fenômeno no estudo da língua”.

O exemplo (V-25) *luego (de) la guerra [después de la guerra]* (= logo após a guerra), mostra um uso de *luego* inabitual no espanhol (exceto em Argentina e México, RAE). Mesmo sendo possível a influência de uma dessas variedades, o mais provável é que se trate de uma interferência do português “logo após”.

A respeito das conjunções, em primeiro lugar, observa-se um uso incorreto da adversativa *pero*: (I-38) *la lengua no pero el idioma [la lengua no sino el idioma]* (= a língua não, mas o idioma). As conjunções adversativas “mas” e *pero* coincidem no seu uso, com exceção da restrição da conjunção espanhola *pero* que é substituída por *sino*¹⁶⁶ quando está precedida por uma negação como no exemplo presente.

Existem três outros exemplos relacionados com *pero*: (VII-176) *mas tú no vas* e (VII-232) *pocos mas bueno*, e (X-28) *mas no sé quién son*. Nos três casos a conjunção usada, *mas*, é sinônimo de *pero*, mas de uso literário (assim em SE) e, portanto, inabitual no discurso oral. Dado que é idêntica a conjunção portuguesa, seu uso supõe uma interferência da L2.

Nos dois últimos exemplos, a conjunção concessiva espanhola *aunque* é substituída por uma tradução literal de locuções Portuguesas equivalentes em significado. Assim (III-399) *ni que¹⁶⁷ fuese para verla [aunque (sólo) fuese para verla]* (= nem que fosse para vê-la); e (VII-223) *mismo que son (L2) vacunados [aunque son vacunados]* (= mesmo que sejam vacinados). Observa-se neste último exemplo que é conservado o indicativo, correto em espanhol, mas incorreto em português.

¹⁶⁵ No CREA oral aparecem 146 casos de *acá* por 6504 de *aquí*, e 545 de *allá* por 2450 de *allí*.

¹⁶⁶ Assim é definida *sino* no dicionário MM: “*conjunción adversativa con la que se contrapone a una cosa que se niega la que se afirma en vez de ella: ‘No vino él sino su hermano’.*”

¹⁶⁷ MM: “*¡Ni que...! Expresa que cierta cosa consabida tendría explicación sólo si ocurriese lo que se dice a continuación, lo cual está muy lejos de ocurrir: ‘¡Ni que fuese yo tonto! ¡Ni que fuese el sabio Salomón!’.* *¡Como si...! Absurdo, disparate*”.

4.2.2.3.6 Verbos pronominais

Em três ocasiões é pronominalizado um verbo espanhol não pronominal por interferência do português: (V-340) *eso sí que se pasa*¹⁶⁸ [*eso sí que pasa*] (= isso se passa sim); (VII-50) *no se importó con eso* [*no le importó eso*] (= não se importou com isso); (VIII-148) *nos encantamos con el camarero* [*nos encantó el camarero*] (= encantamo-nos com o garçom). Nos dois últimos casos, a pronominalização implica a aparição de uma preposição, *con*, inexistente em espanhol.

Em duas outras ocasiões, o verbo da L1 perde a pronominalização a exemplo do verbo português equivalente: (V-208) *quedamos siete años* [*nos quedamos siete años*] (= ficamos sete anos); (VIII-346) *yo he cansa(d)o de ver* [*me he cansado, estoy cansada de ver*] (= cansei de ver). Embora de acordo com HO o verbo “cansar” em português possa ser pronominal ou não, segundo AE na acepção usada no exemplo não existe essa opção: “V. t. i. Fazer (algo) diversas vezes, repetidas vezes, ou excessivamente: ‘Cansei de avisá-lo do risco que corria’.”

4.2.2.3.7 Outras interferências morfossintáticas

No seguinte exemplo, observa-se um uso “pronominal” do substantivo *la gente* que supõe um decalque do uso coloquial do português “a gente”: (VII-346) *y la gente al final los tiene que dejar* [*y al final los tenemos que dejar*] (= e a gente no final tem que deixá-los). Segundo CUNHA (1981, p. 174), “na linguagem coloquial, emprega-se ‘a gente’ por ‘nós’ e, também, por ‘eu’”¹⁶⁹. De fato, *la gente* em espanhol tem o valor que o português brasileiro atribui a “as pessoas”.

O pronome indefinido *otro* aparece precedido pelo artigo indeterminado *un*, combinação inexistente em espanhol (ver MM), mas possível em português; assim em (V-170) *un otro* [*otro*] (= um outro).

Apenas em um caso um numeral sofre a interferência da L2. Trata-se de (V-51) *ciento y un años* [*ciento un años*] (= cento e um anos). Em espanhol *y* (= e) usa-se apenas para separar dezenas de unidades.

Apesar da grande coincidência no uso de “ser” e “estar” (em espanhol de forma idêntica), em ambas as línguas, existem casos de divergência. Assim acontece nos dois

¹⁶⁸ O verbo espanhol *pasar* é pronominal em algumas das suas acepções (MM): “*intr. y prnl. *Ir a un sitio con cierto objeto, sin detenerse en él mucho tiempo; prnl. Dejar de existir cierto estado o cierto tiempo; prnl. Perder su lozania las flores o las plantas. Ô Ajarse, marchitarse*”.

¹⁶⁹ Ver também BECHARA (2001, p. 96).

exemplos seguintes, nos quais se utiliza *ser* no lugar de *estar* a exemplo do português: (I-64) *era prohibido* [*estaba prohibido*] (= era proibido); (VII-382) *tú eres obligado a...* [*tú estás obligado a...*] (= você é obrigado a...).

Em uma ocasião, o verbo *estar* ocupa o lugar de *hacer* (= fazer) na referência ao tempo meteorológico seguindo o modelo português: (V-281) *está un frío* [*hace un frío*] (= está um frio).

Por último, encontraram-se três exemplos com construções impessoais agramaticais. Em duas ocasiões, o verbo *tener* substitui ao impessoal *haber*, como sucede no português coloquial¹⁷⁰. Assim (VII-263) *tenía otro P mandando* [*había otro P mandando*] (= tinha outro P mandando); (X-260) *tiene otro*¹⁷¹ *tele ahí* [*hay otra tele ahí*] (= tem outra TV aí).

No terceiro caso, um verbo impessoal aparece na 3ª pessoa do plural, erro que BECHARA (2001, p. 31-2) considera comum no português. No espanhol da Espanha, ao contrário, não é habitual¹⁷². O exemplo é (III-328) *van a hacer cincuenta y siete (años) que salí de España* [*va a hacer cincuenta y siete (años) que salí de España*] (= vão fazer cinquenta e sete (anos) que saí da Espanha).

4.2.2.4. Nível sintático

No nível sintático, uma das áreas que apresenta mais interferências são os pronomes, apesar de serem muito semelhantes em ambas as línguas¹⁷³. Todavia, essa semelhança “normativa” está se mitigando por causa de dois movimentos contrários que podem-se observar no português brasileiro: de um lado, o “preenchimento” do sujeito pronominal¹⁷⁴, devido à redução do paradigma flexional número-pessoal do verbo, isto é, a perda do chamado parâmetro *pro-drop*; do outro, o “apagamento” dos pronomes clíticos (MATTOS E SILVA, 2004)¹⁷⁵.

¹⁷⁰ Ver BECHARA (2001, p. 33).

¹⁷¹ Ver seção 4.2.2.6, ex. 142.

¹⁷² Em outras variedades de espanhol, está generalizado o uso da terceira pessoa do plural em impessoais seguidas por substantivo no plural, assim, por exemplo, no Uruguai, na Argentina e no Chile.

¹⁷³ No espanhol da Espanha os pronomes retos utilizados são: singular, 1ª *yo* / 2ª *tú* (informal), *usted* (formal) / 3ª *él, ella*; plural, 1ª *nosotros* / 2ª *vosotros* (informal), *ustedes* (formal) / 3ª *ellos, ellas*. Os oblíquos átonos: singular, 1ª *me* / 2ª *te* / 3ª *lo, la, le, se*; plural, 1ª *nos* / 2ª *os* / 3ª *los, las, les, se*. Os oblíquos tônicos: singular, 1ª *mí* / 2ª *ti, usted* / 3ª *él, ella, sí*; plural, 1ª *nosotros* / 2ª *vosotros, ustedes* / 3ª *ellos, ellas, sí*.

¹⁷⁴ Ver PERINI (2002, p. 530).

¹⁷⁵ Na prática, isso significa que no espanhol os pronomes clíticos são mais frequentes do que no português, e que neste último são os tônicos os mais frequentes, isto é, os pronomes retos e os oblíquos, que exceto nas duas primeiras pessoas do singular, *mim* e *ti*, coincidem. Por exemplo, no diálogo: “Onde está o livro do Luis? –Eu já devolvi para ele”, a resposta contém dois pronomes “tônicos”, “eu” como sujeito e “para ele”

Assim, esses dois movimentos de apagamento e preenchimento são os que provocam os fenômenos que analisaremos a seguir: a maior frequência de expressão do sujeito pronominal, a omissão dos clíticos, e ainda, de forma indireta, a substituição do possessivo de 3ª pessoa pelas formas *de él/ella/ellos/ellas*.

4.2.2.4.1 A expressão do sujeito pronominal

No português brasileiro atual, com a expansão de “você” e “a gente” como pronomes pessoais e com a redução do uso do “tu” e do “vós”, a 3ª pessoa verbal se generaliza¹⁷⁶. Quanto mais reduzida é a flexão verbal, mais necessário se faz o uso do sujeito pronominal. Conseqüentemente, o português do Brasil, especialmente o falado, mostra uma tendência marcada à expressão do sujeito pronominal e se aproxima às línguas *non-pro-drop*, que não permitem o sujeito nulo¹⁷⁷.

O espanhol, pelo contrário, permite o parâmetro do sujeito nulo e pode ser considerado uma língua *pro-drop*¹⁷⁸. De acordo com LUJÁN (2000, p. 1277-1283), nessas línguas, são as próprias desinências verbais, uma diferente para cada pessoa gramatical, as que desempenham o papel dos pronomes sujeito nas línguas *non-pro-drop*, como o inglês ou o francês. A expressão (frente à omissão habitual) do pronome em espanhol não é pleonástica ou opcional; está condicionada por regras semântico-pragmáticas e pode ter diferentes valores: mudança de sujeito (referência disjuntiva/contrastiva), marca de ênfase, estratégia de desambiguação (*disambiguation*), ou pronome relativo¹⁷⁹.

Conseqüentemente, em contato com o português, o espanhol dos imigrantes começa a perder essas restrições semântico-pragmáticas e observa-se no corpus uma maior ocorrência de pronomes sujeito explícitos¹⁸⁰, como ocorre no português.

como objeto indireto. Já em espanhol essa frase seria: *¿Dónde está el libro de Luis? –Ya se lo he devuelto*, com dois pronomes clíticos, *se* como objeto indireto (o “para ele” do português) e *lo* como objeto direto, ausente este em português.

¹⁷⁶ Sobre os pronomes em português ver MATTOS E SILVA (2004); PERINI (2002).

¹⁷⁷ O português Europeu conserva o parâmetro do sujeito nulo, já que nele não ocorrem essas reduções pronominais.

¹⁷⁸ Sobre os pronomes em espanhol ver FERNÁNDEZ FUERTES (2001); LUJÁN (2000).

¹⁷⁹ Segundo LUJÁN (2000, p. 1281): “... *en las posiciones em que el pronombre tónico parece redundante, en realidad, no lo es. En lo que concierne a su interpretación semântica, este pronombre es equivalente a una variable ligada por um operador, y se identifica por su significado con un pronombre de relativo. (...) a. Él trabaja demasiado. (...) Él es el que trabaja demasiado*”.

¹⁸⁰ Existem várias pesquisas que analisam esse mesmo fenômeno no espanhol em contato com o inglês. Assim, o excelente estudo de SILVA-CORVALÁN (1994, cap. 5) e também LAPIDUS; OTHEGUY (2005) e LIPSKI (1996). Por outro lado, ELIZAINCÍN (1995) analisa o uso dos pronomes com entidades inanimadas no espanhol Uruguaio em contato com o português.

Foi realizada uma análise quantitativa preliminar dos pronomes sujeito expressados em extratos de 1000 palavras das entrevistas do corpus. Para estabelecer uma comparação com falantes espanhóis em situação monolíngüe, foi contabilizado o número de pronomes sujeito usados em dois extratos, também de 1000 palavras, do corpus oral COREC¹⁸¹. Os resultados estão recolhidos na tabela 11.

TABELA 11 – NÚMERO DE PRONOMES SUJEITO USADOS POR 1000 PALAVRAS

| PRONOMES | ENTREVISTAS | | | | | | | | CORPUS MONOLÍNGÜE | |
|----------|-------------|----|-----|----|----|-----|------|----|-------------------|-------------------|
| | I | II | III | IV | V | VII | VIII | X | COREC entrevista | COREC conversação |
| YO | 25 | 20 | 22 | 27 | 24 | 19 | 16 | 13 | 3 | 9 |
| TU | 1 | 4 | | 5 | 7 | 2 | 1 | 2 | 2 | 4 |
| ÉL | | 1 | | | 1 | 2 | | 4 | | |
| ELLA | | 5 | 5 | | | 1 | | | | |
| USTED | | | | | 6 | 4 | | | 1 | 4 |
| NOSOTROS | | | 2 | | | 3 | 1 | | | 1 |
| VOSOTROS | | | | | | | | | | |
| ELLOS | 1 | 2 | | | | | | | | |
| ELLAS | | | | | | | | | 1 | |

FONTE: A autora - Pesquisa de campo

A tabela mostra nas entrevistas um número de pronomes sujeito de primeira pessoa, *yo* “eu”, que, se comparado com os corpora monolíngües, é consideravelmente elevado. A média de pronomes *yo* usados nas entrevistas é de 20, frente a 6 nas amostras do COREC. Também se observa um aumento do uso dos pronomes de terceira pessoa, especialmente do singular, *él* “ele” e *ella* “ela”; nos extratos das entrevistas aparecem estes 19 vezes, mas nenhuma no COREC.

Segundo SILVA-CORVALÁN (1994, p.163), a maior porcentagem de expressão do pronome *yo* é comum em outras variedades de espanhol sem contato ou monolíngües. Na sua opinião, poderia ser explicado como “conseqüência da natureza egocêntrica da comunicação verbal”¹⁸².

Embora esta análise não seja exaustiva, a maior freqüência dos pronomes é um indício de mudança nos padrões de uso destes, que implica uma certa convergência na direção dos padrões do português brasileiro. Essa modificação, como as observadas por SILVA-CORVALÁN (1995, p.10), não produz estruturas agramaticais. Trata-se, portanto, de interferências relativamente diferentes das observadas no nível léxico, no qual se produzia a

¹⁸¹ Tanto na entrevista do COREC, como na conversação, intervêm dois falantes.

¹⁸² “... a consequence of the egocentric nature of verbal communication ”.

incorporação de elementos ou traços da L2. Neste caso, são transferências indiretas que envolvem “diferentes distribuições de frequência” (ibid. p. 7).

De acordo com SELIGER (1989, p. 173), o fenômeno que nos ocupa poderia ser interpretado como uma manifestação do Princípio de Redução da Redundância (ing. *redundancy reduction*): a regra que determina a expressão/omissão do pronome sujeito no espanhol é relativamente complexa; conseqüentemente, é substituída pela regra do português (que tende a não permitir o sujeito nulo), formalmente menos complexa e com uma distribuição maior (cf. seção 2.3.1). A seguir, alguns exemplos de sujeitos pronominais das entrevistas¹⁸³:

(66)-(I-30-2) *a lo mejor el programa que tú has firmado es otro programa .. yo exigí que XXX yo lo máximo que tuviera en español (risos) porque es la forma que yo tengo de . de ... vamos a ver yo sólo tengo contacto...*(= talvez o programa que você assinou seja um outro programa .. eu exigi que XXX eu o máximo que tivesse em espanhol . porque é a forma que eu tenho de . de ... vamos ver eu só tenho contato...).

O uso dos dois primeiros pronomes, *tú* e *yo*, está justificado porque indica uma mudança de sujeito. Os outros três pronomes *yo* são correferentes (*coreferencial*) ao sujeito das frases precedentes e, muito provavelmente, não teriam sido expressados por um falante monolingüe (igual em c).

(67)-(I-172) *él trajo libros y entonces él me ponía: clases...*(= ele trouxe livros e então ele me passava aulas...).

O primeiro *él* poderia ser explicado como marca de ênfase, mas o segundo é correferente ao sujeito precedente e, portanto, claramente omitível.

(68)-(IV-141) *ellas quieren que yo lea . que yo escriba . que yo tenga mi actividad mental...*(= elas querem que eu leia . que eu escreva . que eu tenha a minha atividade mental...).

(69)-(VII-141-2) *él no tenía hijos . él era español . aquel aquel señor era español . él comenzó la vida descargando sacos...*(= ele não tinha filhos . ele era espanhol . aquele aquele senhor era espanhol . ele começou a vida descarregando sacos...).

¹⁸³ Nos exemplos aparecem sublinhados os pronomes que são considerados omitíveis.

(70)-(X-291) *cuando yo llegué aquí yo empezaba a ...*(= quando eu cheguei aqui eu começava...).

De novo nos exemplos (69) e (70), trata-se de casos de correferencialidade que não demandam em espanhol a expressão do sujeito pronominal ou completo.

(71)-(VIII-255-6) *porque él se mueve . él camina . él camina* (= porque ele mexe, se desloca . ele caminha . ele caminha).

(72)-(III-67) *a ver si yo tengo una foto ...* (= deixa ver se eu tenho uma foto...).

4.2.2.4.2 A omissão de clíticos

Observa-se no português brasileiro uma tendência clara à eliminação dos pronomes clíticos, sobretudo os de terceira pessoa, “o, a, os, as, lhe, lhes”. Prefere-se, em seu lugar, o pronome sujeito correspondente, o chamado “ele acusativo” (ex: “eu vi ele ontem”), o pronome tônico com preposição (ex: “eu disse para ele”), ou ainda a supressão do pronome complemento (ex: “eu vi ontem”), segundo MATTOS E SILVA (2004) uma “estratégia de esquiva muito freqüente”¹⁸⁴.

No seguinte exemplo, aparece um caso muito claro de transferência ao espanhol desse fenômeno de substituição de um clítico por um pronome sujeito, colocação impossível nesta língua: (VII-63) *consiguieron localizar ella* [*localizarla*] (= conseguiram localizar ela).

Nos exemplos a seguir, o pronome clítico de objeto direto, necessário em espanhol com os verbos transitivos, é omitido¹⁸⁵: (I-280,1) *fue ella la que * pidió* [*fue ella la que lo pidió*] (= foi ela que pediu); (V-237) *entonces . * vas dejando* [*entonces . lo vas dejando*] (= então você vai deixando); (VII-67) **descubrieron* [*lo descubrieron*] (= descobriram).

Em espanhol, quando se emprega um pronome pessoal tônico com preposição *a*, em geral se repete pleonasticamente na forma átona correspondente, antes do verbo. No exemplo (V-379) *y * tuvo * usted* [*lo tuvo a usted*] (= e teve o senhor, isto é, trouxe ao mundo o

¹⁸⁴ Ver também PERINI (2002, p. 533).

¹⁸⁵ A posição da omissão é marcada com um asterisco.

senhor), estão omitidos tanto a preposição *a* que deveria acompanhar o complemento pronominal *usted*, como o pronome *lo*, clítico pleonástico.

Por último, um outro caso de omissão de difícil explicação e cuja origem não está clara: (I-225) *lo llevó allí para conocer* porque le parecía muy guapa* [*lo llevó allí para conocerme porque...*] (= levou ele lá para me conhecer porque eu lhe parecia muito bonita). O pronome ausente em espanhol, *me*, é geralmente utilizado em português. Todavia, talvez um registro mais coloquial possa eliminar esse pronome. Outra possibilidade é que seja a posição do pronome, proclítico em português e enclítico em espanhol, o que faz o participante hesitar e finalmente desistir do uso do pronome.

4.2.2.4.3 A substituição do possessivo por *de* + pronome

O uso extensivo de “você”, em lugar de “tu”, cria no português brasileiro uma ambigüidade para o possessivo “seu(s), sua(s)”, que pode referir-se ao interlocutor ou não. Para evitá-lo, são substituídos pelas formas “dele(s)”, “dela(s)”, “de você(s)”, “do(s) senhor(es)” ou “da(s) senhora(s)”, as quais se transformaram em verdadeiros possessivos utilizados além das ambigüidades (CUNHA, 1981, p. 183)¹⁸⁶.

Em espanhol também se produz essa substituição, mas unicamente nos casos de estrita anfibologia¹⁸⁷. Todavia, no corpus aparecem vários exemplos de substituição em casos nos quais não existe verdadeira ambigüidade já que o possessivo só pode se referir a uma pessoa:

(73)-(II-211) *mi madre feliz de la vida . le han puesto el nombre de ella X [... le han puesto su nombre X]* (= lhe puseram o nome dela).

(74)-(III-175) *me puso allá en la casa de él* [me puso allá en su casa] (= me pôs lá na casa dele).

¹⁸⁶ Ver também ROCHA (2000).

¹⁸⁷ Assim o explica MM: “*El poseedor puede ser «él, ella, ellos, ellas, usted» o «ustedes»: ‘Aquí tienen ustedes su paquete’. Como esto hace que se preste a equívocos, se recurre a diversos procedimientos cuando es preciso aclarar quién es el verdadero poseedor; puede repetirse pleonásticamente el pronombre que representa al poseedor: ‘Durante la enfermedad de su madre de él’; este recurso va siendo cada vez menos usado y el genitivo del pronombre correspondiente va sustituyendo en todos los casos al adjetivo posesivo: ‘Viven con la madre de ella. Nos ocupamos del asunto de ustedes’. Cuando también de esta manera puede haber anfibología, se recurre a otros pronombres: ‘Juan y Antonio estudiaban en casa de aquél [o del primero]’; o bien, ‘de éste [del segundo o del último]’.*”.

(75)-(VII-48) *se tenía que casar con una prima de él [suya]* (= tinha que casar com uma prima dele).

(76)-(VII-141) *apareció un sobrino de él [apareció un sobrino suyo]* (= apareceu um sobrinho dele).

(77)-(VII-319) *la esposa d(e) él [su esposa]* (= a esposa dele).

(78)-(VIII-381) *un primo de él [un primo suyo]* (= um primo dele).

(79)-(X-254) *es habitación de él [es su habitación]* (= é o quarto dele).

4.2.2.4.4 A posição dos pronomes

O derradeiro problema que aparece em relação aos pronomes é o da sua posição com respeito ao verbo. No português brasileiro atual, existe uma marcada preferência pela próclise e inclusive são aceites de forma generalizada os clíticos na primeira posição da sentença, exceto os acusativos “o, a, os, as”. Essa tendência o aproxima do espanhol que utiliza a próclise em todos os casos, exceto quando se trata de imperativo, infinitivo e gerúndio. Com estes tempos verbais a ênclise é obrigatória. É precisamente neste ponto que surgem as interferências com construções perifrásticas¹⁸⁸. Em duas ocasiões se trata de gerúndios precedidos por um clítico: (VII-315) *llevo unos tiempos *me preparando [llevo unos tiempos preparándome]* (= levo uns tempos me preparando) e (VII-359) *acabaron *se casando [acabaron casándose ou se acabaron casando]* (= acabaram se casando). Neste último caso, assim como em V-223, no próximo parágrafo, o espanhol permite duas posições do pronome, antes do primeiro verbo ou depois do gerúndio.

Outros dois casos mostram uma vacilação que leva o falante a repetir o pronome em posição proclítica, agramatical, e enclítica: (VII-132) *conseguí *me recuperarme [conseguí recuperarme]* (= consegui me recuperar) e (V-223) *se está *s(e) formando [se está formando ou está formándose]* (= está se formando).

¹⁸⁸ Situação na qual o português liga o pronome átono ao verbo que o rege, nestes casos gerúndio, infinitivo e particípio, em ênclise (BECHARA, 2001, p. 329).

Para finalizar, um tempo composto com um pronome posicionado entre o auxiliar e o participípio, colocação impossível em espanhol moderno, mas presente no português¹⁸⁹: (X-32) *había me casado* [*me había casado*] (= tinha me casado).

4.2.2.4.5 A ordem das palavras

Segundo ALMEIDA FILHO (2001, p. 14) “a ordem canônica da oração” em espanhol e português é amplamente coincidente, daí aparecerem no corpus poucas mudanças deste tipo. Entre elas, duas estão relacionadas com o advérbio *más* (mais), que em espanhol se situa posposto ao nome ou pronome, ao contrário do português. Assim nos exemplos seguintes: (V-32) *más nada* [*nada más*] (= mais nada); (VII-161) *dio más medio metro* [*dio medio metro más*] (= deu mais meio metro).

Os exemplos restantes estão relacionados com a posição posposta dos indefinidos *ninguna* e *alguno*, que em espanhol são habitualmente antepostos. Não se trata de uma ordem alheia ao espanhol, já que existe a possibilidade de pospô-los, mas é pouco freqüente, especialmente na língua coloquial. Assim, a locução adverbial *de ninguna manera* (RAE) aparece no corpus como (V-72) *de manera ninguna*, ordem incomum em espanhol¹⁹⁰. Em português, “de maneira nenhuma” é provavelmente mais freqüente¹⁹¹.

Por último, em três ocasiões (V-160, 284, 285) o mesmo participante utiliza *problema ninguno*, que habitualmente é *ningún problema*. No CREA oral aparecem dois casos da primeira colocação por 116 da segunda. No português coloquial “problema nenhum” parece tão freqüente como “nenhum problema”.

4.2.2.4.6 As respostas com repetição

Uma outra estrutura da língua portuguesa do Brasil que influencia a L1 dos participantes são as respostas com repetição. No lugar de utilizar os advérbios “sim” ou “não”, repete-se algum elemento da pergunta formulada¹⁹². Essa estrutura é pouco freqüente em espanhol e a sua utilização pode ser uma marca de ênfase ou até indicar impaciência.

A seguir mostram-se alguns exemplos do corpus:

¹⁸⁹ Ver BECHARA (2001, p. 329).

¹⁹⁰ No corpus CREA oral não aparece.

¹⁹¹ Google Brasil mostra 26.500 páginas para “de nenhuma maneira” e 72.100 para “de maneira nenhuma”.

¹⁹² Assim como em PERINI (2002, p. 438), RASO (2003, p. 22); ver também ROCHA (2000).

(80)-(II-28-9) Pergunta: *pero a tu mujer la conociste aquí?* Resposta: *la conocí aquí*

(= P: mas você conheceu aqui a sua mulher? R: conheci-a aqui).

(81)-(II-116-7) Pergunta: *pero tú no sabías portugués?* Resposta: *yo no sabía portugués pero...*

(= P: mas você não sabia português? R: eu não sabia português mas...).

(82)-(III-61-2) Pergunta: *su mujer es es brasileña?* Resposta: *es brasileña.*

(= P: a sua mulher é brasileira? R: é brasileira).

(83)-(III-173-4) Pergunta: *quieres vivir conmigo . en mi casa?* Resposta: *quiero.*

(= P: você quer morar comigo, na minha casa? R: quero).

(84)-(III-182-3) Pergunta: *entonces aprendió a leer y a escribir solo?* Resposta: *solo.*

(= P: então o senhor aprendeu a ler e escrever sozinho? R: sozinho).

(85)-(III-206-7) Pergunta: *a Buenos Aires llegó en el cuarenta y nueve?* Resposta: *en el cuarenta y nueve.*

(=P: a Buenos Aires chegou em quarenta e nove? R: em quarenta e nove).

(86)-(V-90-1) Pergunta: *Ud. estudió cuando vino a Brasil?* Resposta: *estudié . estudié.*

(= P: o senhor estudou quando veio ao Brasil? R: estudei . estudei).

(87)-(V-113-4) Pergunta: *de un gallego?* Resposta: *fue . de un gallego.*

(= P: de um galego? R: foi . de um galego).

Neste último exemplo, antes da repetição anafórica, aparece *fue*, tradução de “foi”, usado como resposta afirmativa no português coloquial do Brasil.

4.2.2.4.7 Omissão da preposição *a* no objeto direto de pessoa

Tanto no português como no espanhol, a preposição “a” utilizada com o objeto direto tem como função última diferenciar o sujeito do complemento¹⁹³.

¹⁹³ Ver ALARCOS (1999, p. 346-7) para o espanhol e BECHARA (2001, p. 208-10) para o português.

No espanhol, emprega-se *a* com o objeto direto de pessoas¹⁹⁴ ou animais personificados. De acordo com CUNHA (1981, p. 92), no português é obrigatória quando o objeto direto é expresso por pronomes pessoais tônicos ou relativos. Também costuma ser usada “com verbos que exprimem sentimentos (...) para evitar ambigüidade” (id.) e quando o objeto direto vem antecipado. Contudo, o mais freqüente no português coloquial, fora estes casos concretos, é a aplicação básica da regra: objeto direto constrói-se sem preposição. Vem a ser, portanto, mais simples do que a regra do espanhol: objeto direto de coisa sem *a*, de pessoa com *a*.

Nas entrevistas, aparecem vários exemplos de omissão da preposição *a* em objetos diretos de pessoa. Isto indica que a regra do espanhol, mais complicada que a do português, foi simplificada para coincidir assim com esta última. Trata-se de mais uma manifestação do princípio de redução da redundância (SELIGER, 1989, p. 173; ver 4.2.4.1).

A seguir, mostram-se alguns dos casos de omissão da preposição existentes no corpus:

(88)-(IV-303) *cito * Carlos I* [*cito a Carlos I*] (= cito Carlos I).

(89)-(V-44) *dejé * mi papá * mi mamá * mis hermanos* [*dejé a mi papá a mi mamá a mis hermanos*] (= deixei meu pai minha mãe meus irmãos).

(90)-(V-120) *el que derrumbó * Getúlio Vargas* [*el que derribó a G. V.*] (= o/aquele que derrubou G. V).

(91)-(VII-40) *conoció * mi madre* [*conoció a mi madre*] (= conheceu minha mãe).

(92)-(VII-184) *no comen * nadie* [*no comen a nadie*] (= não comem ninguém).

(93)-(VII-250) *fusilaron * mi padre* [*fusilaron a mi padre*] (= fuzilaram meu pai).

¹⁹⁴ Exceto quando se refere a uma pessoa indeterminada ou está precedida por um adjetivo numeral ou de quantidade: “*Busco un buen mecánico*”, “*Encontramos mucha gente nerviosa*” (MONZÚ, 1994, p. 63)

4.2.2.4.8 Omissão da preposição *a* na locução verbal de futuro (*ir + a + infinitivo*)

Tanto no espanhol como no português¹⁹⁵ existe uma locução verbal com valor de futuro ou expressão de intenção formada pelo verbo auxiliar *ir/ir* e o infinitivo. Diferenciam-se pela presença no espanhol da preposição *a*, não empregada no português (por exemplo: *voy a viajar* = vou viajar). Numa das entrevistas do corpus, a influência do português determina a omissão da preposição no espanhol,¹⁹⁶ assim como nos seguintes casos:

(94)-(V-111) *fui * trabajar en un bar* [*fui a trabajar en un bar*] (= fui trabalhar num bar).

(95)-(V-317) *yo fui * inaugurar* [*fui a inaugurar*] (= fui inaugurar).

(96)-(V-372) *quiero ir * pasear* [*quiero ir a pasear, de viaje*] (= quero ir passear).

(97)-(V-114) *después fui ser ayudante de cocina* [*después fui ayudante de cocina*] (= depois fui ser ajudante de cozinha). Neste caso, o espanhol não emprega a locução verbal com *ir*, mas o verbo *ser* apenas.

As omissões da preposição *a* referidas nesta seção e na anterior, somadas à já mencionada substituição da mesma por *en* com verbos de movimento (ver 4.2.2.3.3), refletem, na forma de interferências na L1/espanhol, uma marcada tendência do português brasileiro falado a limitar o uso da dita preposição (PERINI, 2002, p. 446). Mostram, portanto, que o uso da preposição *a* é uma área problemática no contato do espanhol com o português.

4.2.2.4.9 Uso do subjuntivo

As incorreções relacionadas com os tempos verbais são bastante raras no corpus. Apenas em duas ocasiões aparecem problemas com o subjuntivo. São eles duas ocorrências de utilização do presente de indicativo no lugar do correspondente do subjuntivo:

¹⁹⁵ Ver BECHARA (2001, p. 112).

¹⁹⁶ Tanto neste caso como no anterior do objeto direto, a omissão da preposição *a* supõe a substituição de um parâmetro marcado (com *a*) da L1 por um parâmetro não marcado (sem *a*) da L2.

(98)-(III-294) *tal vez en enero ella va* [*tal vez en enero ella vaya*] (= talvez em janeiro ela vá). O advérbio “talvez”/ *tal vez* é mais frequentemente usado com subjuntivo tanto no português como no espanhol. Todavia, a forma de 3ª pessoa do singular do presente de subjuntivo do verbo “ir” em português é idêntica à mesma forma do presente de indicativo espanhol (a única diferença é um acento: “vá” / *va*). Essa semelhança pode ter causado o “esquecimento” da forma espanhola do subjuntivo: *vaya*.

(99)-(IV-393) *la espero cinco minutos siempre a que ella llega* [*la espero cinco minutos siempre a que ella llegue / hasta que llega*] (= espero cinco minutos sempre até ela chegar). Este caso é de difícil explicação. De um lado, pode ser interpretado como uma interferência do infinitivo usado em português, “até ela chegar” > *a que ella llega*, já que a forma do indicativo *llega* é muito mais parecida com o infinitivo “chegar” do que a forma do subjuntivo, *llegue*. Mas, de outro lado, pode tratar-se de um engano que levou o participante a dizer *a* no lugar de *hasta* (= até), preposição com a qual o verbo poderia ser indicativo: *la espero ... hasta que llega*. Neste caso, não poderia ser considerada uma interferência.

4.2.2.4.10 Outros decalques estruturais

A seguir, mostra-se uma série de exemplos nos quais uma estrutura da língua portuguesa é reproduzida em espanhol numa tradução mais ou menos literal. Dentro da sua classificação, SILVA-CORVALÁN (1994, p. 170-184) estabelece uma diferença entre os decalques estruturais (isto é, de mais de uma palavra) “que alteram as características semânticas e/ou sintáticas da língua receptora”¹⁹⁷ e aqueles que não. Estes últimos constituem combinações inusuais de palavras, como nos exemplos do corpus (VII-127) *campos de aviones* e (VII-199) *campo de aviación* [*pista de aterrizaje, aeródromo*], criados a partir do português “campo de aviação”.

Entre os primeiros, existem no corpus casos claros de alterações sintáticas, como nos seguintes exemplos com o verbo *gustar*:

(100)-(V-381) *tú eres obligado a gustar* [*estás obligado a que te guste*] (= você é obrigado a gostar).

¹⁹⁷ “These are multiple-word decalques that alter semantic and/or grammatical features of the replica language”.

(101)-(V-383) *tienes que gustar *de tu padrino* [*te tiene que gustar tu padrino*] (= você tem que gostar do seu padrinho).

No espanhol, as orações com *gustar* têm uma estrutura inversa à do português¹⁹⁸: o sujeito português é objeto indireto em espanhol e o complemento com “de”, sujeito. Os exemplos anteriores reproduzem em espanhol a estrutura do português. No primeiro caso, a mudança de sujeito faz com que os dois verbos, *eres* e *gustar* tenham o mesmo sujeito, *tú*, o que determina a aparição de um infinitivo onde em espanhol seria empregado um subjuntivo, dado que os sujeitos são diferentes: *eres* (*tú*) e *guste* (*él*).

Em outro caso, a reprodução da estrutura portuguesa supõe a substituição de um futuro do pretérito por um infinitivo¹⁹⁹: (VII-311) *ya estábamos combinados para yo ir* [*ya habíamos quedado en que yo iría*] (= tínhamos combinado para eu ir). Além dessa mudança, observa-se um decalque semântico no verbo *combinar*, cujo significado em espanhol não coincide em todas as suas acepções com o português.

Outros exemplos de alterações sintáticas são:

(102)-(I-48) *sea en que lengua sea* [*sea en la lengua que sea*] (= seja em que língua for).

(103)-(III-131) *aquel refugio * que nosotros nos escondíamos* [*aquel refugio en que nos escondíamos*] (= aquele refúgio (em) que nós nos escondíamos). Segundo PERINI (2002, p.513-4), é comum no português falado a omissão da preposição que precede o relativo quando o verbo não produz ambigüidade.

(104)-(X-207) *de todo cuanto tamaño* [*de todos los tamaños*] (= de tudo quanto é tamanho).

(105)-(X-282) *no podías estudiar nada cosa ni una* [*no podías estudiar nada, ninguna cosa, nada*] (= você não podia estudar nada, coisa nenhuma).

¹⁹⁸ A construção com “de” do português também existe no espanhol, mas é muito pouco usada oralmente; nesse sentido o DP afirma: “*La persona que siente el placer es el sujeto y aquello que lo causa se expresa mediante un complemento introducido por de: «Gustaba de reunirse con amigos en su casa» (UPietri Oficio [Ven. 1976]). Es construcción documentada sobre todo en la lengua escrita*”.

¹⁹⁹ Na realidade, uma oração substantiva introduzida por *en que* se transforma em oração reduzida introduzida por *para* seguindo o modelo do português.

Nos exemplos a seguir observa-se a influência do português na topicalização²⁰⁰ com “que”. No primeiro caso, no português coloquial omite-se a preposição que acompanha o relativo; mas, no espanhol²⁰¹, ela é necessária nas frases enfáticas de relativo com o verbo *ser*: (IV-392) *entonces por eso que yo me levanto a las cinco* [*entonces es por eso por lo que me levanto a las cinco*] (= então é por isso que eu me levanto às cinco). Nos dois seguintes exemplos, o relativo *que* ocupa o lugar de outros relativos por influência do português: de *quien* (quem) ou *el que* (o que) no primeiro caso, (VII-115) *ese español es que hizo las mediciones* [*ese español es quien / el que hizo las mediciones*] (= esse espanhol é que fez as medições)²⁰², e de *cuando* no segundo caso, (VII-241) *en esas alturas fue que yo me casé* [*entonces fue cuando me casé, fue en ese momento (entonces) cuando me case*] (= nessa altura foi que eu me casei). Por último, aparece um *que* utilizado em português como reforço da pergunta²⁰³, que no espanhol só poderia ser usado após o verbo *ser*: (III-147) *por qué que sor M te ayuda tanto?* [*por qué será que sor M te ayuda tanto?*] (= por que que sor M te ajuda tanto?).

Existem também traduções literais de locuções idiomáticas portuguesas como as seguintes:

(106)-(III-392) *hago cuestión de hablar el español* [*insisto, me esfuerzo, me empeño en hablar español, siempre que puedo hablo español*] (= faço questão de falar o espanhol). (VII-168) *ahora quien hace cuestión de medir esos puentes soy yo* [*quiere, insiste en*] (= agora quem faz questão de medir essas pontes sou eu). Embora exista em espanhol uma locução ligeiramente semelhante (*hacer de una cosa cuestión personal*²⁰⁴), a utilizada nestes exemplos está muito mais próxima do português “fazer questão de” tanto na forma como no significado.

(107)-(III-156) *íbamos llevándola* [*íbamos tirando*] (= íamos levando a vida).

²⁰⁰ Para a topicalização em português ver PERINI (2002, p. 539-42); para as estruturas espanholas ver DP.

²⁰¹ De acordo com DP, no espanhol da América também é freqüente essa omissão, mas dado que os participantes moram no Brasil e estão em contato intensivo com o português, é altamente provável que o uso dessa estrutura provenha de uma transferência do português.

²⁰² PERINI (2002, p. 424).

²⁰³ Ibid., p. 525.

²⁰⁴ Eis a definição de MM: “Tomar una persona cierta cosa sobre la que se habla o discute o que se hace o ha de hacer como si le atañera personalmente y, por tanto, hablar u obrar con *pasión en relación con ella”.

(108)-(V-49) *con la vieja ya no da pa(ra)...[con la vieja ya no hay nada que hacer, es imposible]* (= com a velha já não dá pra...). No espanhol existe a locução *dar una cosa para*, mas com sentido diferente: (MM) “*Ser *suficiente para lo que se expresa: ‘Esta tela da para dos camisas’.*”.

(109)-(VII-224) *pero tiene horas que...*[hay veces, momentos que...] (= tem horas que...). Observa-se neste exemplo um uso impessoal do verbo *tener* (=ter) não possível no espanhol (cf. 4.2.3.7).

(110)-(VII-261-2) *al final de las cuentas* [*a fin de cuentas*] (= afinal de contas).

A seguir outros exemplos de decalques estruturais:

(111)-(VII-241) *en esas alturas* [*entonces, en ese momento*] (= nessa altura). Existe em espanhol uma locução semelhante na forma, mas de significado diferente: *a estas (esas, aquellas) alturas*, usada para indicar o momento em que se fala, mas dando a entender que aquilo do que se trata deveria ocorrer ou ter ocorrido²⁰⁵.

(112)-(VII-281) *por la mañana temprano unas seis o siete horas* [*por la mañana temprano, sobre, a eso de las seis o las siete*] (= de manhã cedo umas seis ou sete horas).

(113)-(VIII-66) *y a seguir nos fuimos* (*y después, a continuación nos fuimos*) (= e a seguir fomos embora).

4.2.2.5 Alternância de código

A alternância de código, neste caso o uso da L2/português no discurso em L1/espanhol, não deve ser considerada necessariamente evidência de atrito (vide seção 2.7). Todavia, como explicam HAMERS e BLANC (2000, p. 266), a alternância é usada pelos bilíngües em situações de comunicação bilíngüe, isto é, em companhia de outros bilíngües com repertórios lingüísticos similares. Dado que a única língua de comunicação utilizada,

²⁰⁵ Assim em MM: “*En el momento en que se habla, implicando que es natural que la cosa de que se trata ocurriera o hubiese ocurrido ya: ‘A estas alturas todavía no me han avisado’.*”

tanto nas entrevistas como nos contatos prévios com os participantes, foi o espanhol (L1 dos participantes e da entrevistadora), a situação pode ser considerada como monolíngüe. Conseqüentemente, como aponta KÖPKE (1999, p. 140), “o recurso à L2 nas respostas pode ser considerado, se não como um erro, ao menos como um desvio (e na maioria dos casos os sujeitos o sentiram desse modo)”²⁰⁶.

No mesmo sentido, SILVA-CORVALÁN (1994, p. 6) considera que algumas formas de alternância parecem funcionar como estratégia para compensar uma proficiência reduzida ou lapsos de memória.

No presente corpus, observa-se um uso bastante limitado da alternância de código, especialmente daquele que consta de mais de uma palavra. Apenas em três ocasiões aparecem no corpus alternâncias deste tipo. Trata-se de diálogos relatados/referidos pelo participante, nos quais um dos falantes é brasileiro e, portanto, se expressa em L2/português:

(114)-(IV-155) *hijo mío . tú no dices buenos dias . no . yo no (L2) eu não falo bom dia*²⁰⁷.

(115)-(V-275-6) y tú vas con con tres? y:: y: (L2) que que tem? . tudo bem.

(116)-(VIII-335) *me dijo (L2) deixa eu dormir*.

A grande maioria são alternâncias de palavras isoladas, as quais, segundo SILVA-CORVALÁN (1994, p.170-1), devem ser diferenciadas dos decalques léxicos ou empréstimos. O critério empregado foi a assimilação fonológica, de modo que foram consideradas alternâncias de código as palavras em L2/português não adaptadas à fonologia espanhola. Dentro deste tipo, o grupo mais numeroso vem determinado pela realidade extralingüística. Está formado por palavras lexicais, a maioria substantivos, ligadas ao país da L2, o Brasil, ou à experiência do falante no país. Assim nos seguintes exemplos: (II-232) *favela* [barrio de chabolas]; (V-107/2,280,281/2) *dormi* (pronunciado como em português, durmi); (V-128) *el bonde* [tranvía]; (V-135) *un teste* [prueba, test]; (V-140) *la treliça* [estructura]; (V-149) *recalque* [recalcadura]; (V-172) *quien venía pa(ra) Brasilia a: además*

²⁰⁶ “...les recours à la L2 dans les réponses peuvent être considérés si ce n'est comme des erreurs, du moins comme des déviations (et dans la plupart des cas les sujets les ont ressenties de cette manière).”

²⁰⁷ As alternâncias, isto é, as palavras em português, aparecem sublinhadas para diferenciá-las das partes das entrevistas em espanhol.

de ganar la tal (L2) *dobradinha*... [*el doble*] = quem vinha para Brasília, além de ganhar a tal “dobradinha”...; (VII-94) *vir* [*venir*]; (VII-95) *manchetes* [*titulares*]; (VII-145) *afilhados* [*ahijados*]; (VII-151) *contabilidade* [*contabilidad*]; (VII-220) *concorrência* [*competencia*]; (VII-224) *vacinados* [*vacunados*]; (VIII-115-6) *chapeuzinho* [*acento circunflejo*]; (VIII-205/2) *ultrapassar* [*adelantar*]; (VIII-262,324,317) *pingüim* [*pinguino*]; (VIII-266) *bolo* [*bizcocho, pastel*]; (VIII-363) *abacaxi* [*piña*]; (VIII-370) *churrascaria*; (X-231,234) *asa norte* [*ala norte*]. Também aparece o adjetivo (I-176) *simples* [*simple*].

Um outro grupo de alternâncias está formado por palavras funcionais ou gramaticais: (V-60) *tudo* [*todo*]; (V-182/2) *unas ideas meias meias* (...) *libres* [*unas ideas medio medio libres*]; (V-257) *mais* [*más*]; (VII-221) *só* [*solo*]; (VII-313) *eu* [*yo*]; (X-25) *da Pacheco* [*de la*].

O corpus apresenta igualmente alternâncias emblemáticas, as quais consistem no uso de marcadores discursivos e locuções com função pragmática do português:

(117)-(I-113), (VII-185-9) e (VIII-226) *é* [*sí*], a forma “é” terceira pessoa do presente do verbo ser usa-se em português como afirmação, assentimento, no lugar de “sim”.

(118)-(I-200/2) *como é?* [*cómo es?*].

(119)-(III-220,382) e (VII-86) *tá* [*vale, bien, bueno*]. Trata-se de uma variante aferética de *está*, usada no português popular com o valor de “está bem”. Também é usada no Uruguai, mas dado que o contato se produz com o português, o mais provável é que apareça por transferência do português.

(120)-(III-107) *né?* [*no?*]; trata-se da forma contrata de “não é?”, usada segundo HO “como marcador conversacional, indicando pedido de confirmação ou de concordância com o que foi dito, ou apenas assinalando uma pausa”.

(121)-(VII-172) *puxa* [*jobar, hay que fastidiarse*].

Em varias ocasiões, o falante expressa a palavra ou estrutura em L2 e depois se autocorrige: (VII-84) *estive estuve*; (VII-89) *do normal de lo normal*; (VII-130) *quasi casi*;

(VIII-307) *de uma fazenda . de uma hacienda*; (VIII-361) *esto son abóboras . calabacines* [calabazas].

Por último, encontram-se quatro alternâncias identificadas ou marcadas pelo próprio falante:

(122)-(I-191) *fuimos a un (L2) acampamento que es como se llamaba* [campamento] (= fomos a um acampamento que é como se chamava). Na realidade a palavra *acampamento* existe em espanhol, mas é muito rara. Poderia ser considerado um decalque de uso, mas a própria participante indica que está usando uma palavra portuguesa quando afirma que era assim que se chamava.

(123)-(I-229) *lo que se dice aquí (L2) namoro* [noviazgo].

(124)-(IV-164) *no decía ni mano ni (L2) mão decía la *mon*.

(125)-(X-294) *la orquesta . aquí es (L2) orquestra*.

4.2.2.6 Desvios intralinguais

Aparecem no corpus desvios da norma não devidos à interferência que podem ser interpretados como erros intralinguais.

Em primeiro lugar, se podem observar omissões de fonemas características do espanhol peninsular coloquial. Assim, a supressão das /d/ intervocálicas em participios e outras palavras: (III-179) *estudia(d)o*; (I-282) e (V-270) *to(d)as*; (VIII-93) *to(d)o*; (VIII-182) *to(do)s*; (VIII-183) *la(d)o*; (X-132) *pinta(d)o*. Em outros casos, trata-se de contrações como (I-255), (II-202/2) e (VII-260) *pa(ra)*; (III-121) *pal* [para el]; (V-128) *pacá* [para acá]; (VII-167) *patrás* [para atrás].

Um outro grupo está formado por formas incorretas, mas também comuns entre monolíngües, por exemplo: (III-154) **andé* [anduve] (= andei); (III-346) *debe * ser* [debe de ser]²⁰⁸ (= deve de ser); (IV-80) *no debíamos de venir* [no debíamos venir] (= não devíamos vir); (V-120) *del saco* pan* [del saco de pan] (= do saco de pão); (VII-43) *independiente de*

²⁰⁸ Ver ALVAR (1999, p. 194).

tener dinero [*independientemente*] (= independente(mente) de ter dinheiro); (VII-70)
**aereopuerto* [*aeropuerto*] (= aeroporto).

No terceiro grupo recolhem-se hipercorreções originadas pela coincidência entre espanhol e português, que levam o falante a procurar uma diferenciação não existente. Assim nos seguintes exemplos:

(126)-(I-52) *traduciendo* [*traduciendo*] (= traduzindo).

(127)-(V-110) *la primer cosa* [*la primera cosa*] (= a primeira coisa). Existe diferença quando se trata do masculino; neste caso em espanhol, *primero* perde o “o” diante de um nome (*primer libro* = primeiro livro). Já o feminino conserva o “a” final como em português.

(128)-(VII-23) **nuevecientos* [*novecientos*] (= novecentos). O falante ditongou o numeral seguindo o modelo de *nueve* (= nove), diferente este do português; todavia, as centenas coincidem, ao menos na primeira sílaba onde se produz o erro.

(129)-(V-302) *exploración*²⁰⁹ *de manufacturado* [*explotación de mano de obra*] (= exploração de mão de obra). Tanto “manufacturado” como “mão de obra”/*mano de obra* têm o mesmo significado em ambas as línguas.

(130)-(VIII-27) *le preguntamos de la capota* [*le preguntamos por, sobre la capota*] (= preguntamos-lhe pela, sobre a capota).

(131)-(VIII-158) *no me voy a acordar * el nombre* [*no me voy a acordar del nombre*] (= não vou lembrar do nome). À diferença de outras muitas regências verbais, neste caso ambas as línguas usam “de”.

(132)-(X-42) *inauguró el veintiuno de abril* [*fue inaugurada, se inauguró el veintiuno de abril*] (= foi inaugurada em vinte e um de abril).

(133)-(VIII-33) *su mujer es un médico* [*su mujer es médico*] (= a sua mulher é médica).

²⁰⁹ A palavra *exploración* já foi analisada em 4.2.2.2.2 como aglutinação semântica.

(134)-(VIII-320) *se están cambiando de plumas* [*están cambiando las plumas*] (= estão mudando as penas).

(135)-(VII-276) *no me eches en la cara* [*no me eches en cara*²¹⁰] (= não me lanças em rosto)²¹¹.

(136)-(VII-84) *serví * el ejército* [*serví en el ejército*] (= servi no exército)²¹².

Para finalizar, aparecem casos nos quais o atrito se manifesta na perda da capacidade de selecionar a palavra ou estrutura adequada ao contexto. Alguns deles são desvios da norma de difícil explicação e a interpretação dada é apenas uma proposta. São eles casos como os seguintes:

(137)-(V-210) *la pedí en bodas* [*la pedí en matrimonio*] (= pedi-a em casamento).

(138)-(III-127) *se quedaron ahí prontas* [*se quedaron ahí tiradas, en el sitio, muertas*] (= ficaram aí prontas, mortas). O adjetivo “pronto/a” coincide em espanhol e português tanto formal como semanticamente, mas em nenhuma das duas línguas tem o valor de “morto” que o participante lhe atribui nesta frase.

(139)-(III-223) *yo soy español hasta . hasta el otro día* [*hasta el final, el último día, después de la muerte?*] (= eu sou espanhol até o fim, até depois da morte?). A locução *el otro día* significa “uns dias atrás”, mas o participante parece fazer referência a um momento futuro distante e posterior à morte.

(140)-(V-117) *fui hacer entregador de leche* [*fui entregador de leche*] (= fui ser entregador de leite). Na realidade, é possível que se trate de uma interferência da locução verbal portuguesa “fui ser”, que num intento de adaptá-la ao espanhol, o participante quis acrescentar uma preposição *a*, mas pronunciou *fui hacer* no lugar de *fui a ser*. Não obstante, nesta frase não

²¹⁰ Sem artigo em MM e SE.

²¹¹ Sem artigo em AE e HO.

²¹² Assim em AE e em HO, que curiosamente dão o mesmo exemplo: “serviu na Aeronáutica”.

seria possível em espanhol a utilização da locução *ir+a+infinitivo*, no seu lugar seria empregado o verbo *ser*: *fui entregador*.

(141)-(VII-232) *yo hice de socio en la fábrica de *mortandela* [*me hice socio de la fábrica de mortadela*] (= eu me fiz sócio da fábrica de mortadela). *Hacer de* usa-se em espanhol para indicar o papel representado por um ator no teatro, cinema, televisão, etc.

(142)-(X-260) *otro tele* [*otra tele*] (= uma outra TV).

(143)-(VIII-65) *anduvimos por to(d)a la ciudad para ver si *compramos algo* [*anduvimos por toda la ciudad para ver si comprábamos*] (= caminhamos por toda a cidade para ver se comprávamos alguma coisa).

(144)-(I-318) *cuando los quería . reprochar* [*regañar, reñir*] (= quando eu queria ralhar com eles, repreendê-los). O verbo “reprochar”, de forma idêntica em ambas as línguas, coincide também no significado básico de (AE): “censurar”. Todavia, tanto em português como em espanhol, o verbo é formal e não se aplica no contexto do exemplo: a relação com os filhos (*los* no exemplo está referido aos filhos).

4.2.3 Recapitulação e Balanço

A análise das entrevistas permitiu observar, como era o objetivo desta pesquisa, sinais de atrito na L1/espanhol dos participantes. A modo de balanço, foi realizada a tabela 12 que recolhe o número de desvios analisados na seção 4.2.2. As cifras são indicativas, já que não foram contabilizadas todas as ocorrências, mas apenas os desvios efetivamente analisados ou citados como exemplos ao longo da mencionada seção 4.2.2. Em alguns casos, todas as ocorrências foram analisadas; em outros (com * na tabela) não. Por exemplo, na seção dedicada à expressão do sujeito pronominal (4.2.2.4.1) não foram contabilizados desvios concretos, mas frequências de uso em fragmentos de 1000 palavras.

Observa-se que, na maioria dos casos, esses traços característicos do corpus, ou desvios da norma, puderam ser explicados como transferências diretas ou indiretas²¹³ da L2/português. De fato, foram analisados apenas 39 desvios não devidos à interferência. Isso

²¹³ De acordo com a classificação de SILVA-CORVALÁN (1994, p.4-5), (cf. seção 2.3.2).

sugere que no processo de atrito da L1 de imigrantes em um contexto de L2, o contato entre ambas as línguas tenha efeitos importantes sobre a L1. Na presente pesquisa, a influência da L2 /português parece determinar grande parte das mudanças que se observam na L1/espanhol dos participantes.

TABELA 12 – NÚMERO DE DESVIOS DA NORMA ANALISADOS (POR CATEGORIA)

| | | |
|---|-----|-----|
| NÍVEL LÉXICO – TOTAL | | 83 |
| -Extensões semânticas | 46 | |
| -Aglutinação semântica | 5 | |
| -Decalques de uso | 18 | |
| -Decalques léxicos | 14 | |
| NÍVEL MORFOSSINTÁTICO – TOTAL | | 87 |
| -Gênero | 8 | |
| -Artigo | 4 | |
| -Regência verbal | 27 | |
| -Preposições | 13 | |
| -Advérbios e conjunções | 21* | |
| -Verbos pronominais | 5 | |
| -Outras interferências | 9 | |
| NÍVEL SINTÁTICO – TOTAL | | 66 |
| -Expressão do sujeito pronominal | —* | |
| -Omissão clíticos | 6 | |
| -Substituição do possessivo | 7 | |
| -Posição pronome | 5 | |
| -Ordem de palavras | 6 | |
| -Respostas com repetição | 8* | |
| -Omissão <i>a</i> do objeto direto | 6* | |
| -Omissão <i>a</i> de <i>ir+a+infinitivo</i> | 4 | |
| -Uso do subjuntivo | 2 | |
| -Outros decalques estruturais | 22 | |
| ALTERNÂNCIA DE CÓDIGO | | 59 |
| DESVIOS INTRALINGUAIS | | 39 |
| TOTAL DE DESVIOS ANALISADOS | | 334 |

NOTA : *Nestes casos, o número de desvios analisados não coincide com o número de ocorrências no corpus, que é maior.

Com referência aos níveis lingüísticos, habitualmente se considera que o léxico é a área mais afetada pelo atrito (cf. seção 2.5), mas no presente corpus o número de desvios léxicos contabilizados é menor do que os morfossintáticos. Contudo, se somarem-se aos desvios léxicos as 25 ocorrências de alternância de código de apenas uma palavra lexical, o número total é de 108, agora sim a cifra mais alta. Em todo caso, as diferenças podem ser devidas à mencionada falta de uniformidade nos critérios de classificação (vide 4.2.2).

No nível léxico, o traço mais reiterado são as extensões ou decalques semânticos, algo previsível tratando-se de línguas afins, como aponta RASO (2003, p. 26), cujos resultados da

análise de L1/italiano em contato com L2/português coincidem neste ponto com os da presente pesquisa.

Na morfossintaxe, os âmbitos mais afetados pelo atrito são as regências verbais, os advérbios e conjunções, e as preposições. Dado que os desvios nas regências verbais supõem, na maioria dos casos, uma troca de preposição, esta categoria aparece como uma das áreas mais sensíveis no contato espanhol/português. Estes resultados coincidem com pesquisas como as de KÖPKE (1999, p. 136), RASO (2003, p. 26) e BEN-RAFAEL (2004, p. 182), apesar das línguas em contato serem diferentes²¹⁴.

Na sintaxe, os desvios relacionados com os pronomes (expressão 4.2.2.4.1, omissão 4.2.2.4.2, substituição 4.2.2.4.3 e posição 4.2.2.4.4) conformam o grupo mais numeroso. No que se refere à tendência a uma maior frequência de expressão do sujeito pronominal, os resultados mostram coincidências com os estudos de SILVA-CORVALÁN (1994, cap. 5) e LIPSKI (1996), nos quais as línguas em contato são L1/espanhol e L2/inglês, e ELIZAINCÍN (1995), cujas línguas em contato são as mesmas da presente pesquisa, L1/espanhol e L2/português.

²¹⁴ KÖPKE estuda a L1/Alemão em contato com inglês e francês como L2, RASO L1/italiano em contato com L2/português e BEN-RAFAEL L1/francês em contato com L2/hebraico.

5 DISCUSSÃO TEÓRICA

O objetivo deste capítulo é estabelecer em que medida os resultados nos permitem responder as perguntas de pesquisa. Ao mesmo tempo, serão indicados aqueles aspectos que podem ser explicados no marco das teorias apresentadas na revisão da literatura. Ao longo da análise de dados, já foram esboçadas algumas das explicações que neste capítulo serão analisadas com maior atenção.

5.1 SINAIS DE ATRITO NA L1

A análise das entrevistas apresentada no capítulo 4 permitiu observar, como era o objetivo desta pesquisa, sinais de atrito na L1/espanhol dos participantes. Não obstante, o número de desvios contabilizado para cada participante (vide tab. 9, p.56) não parece muito elevado²¹⁵, impressão que pode ser de certo modo confirmada pela avaliação dos juízes independentes (vide tab. 10, p. 57), para os quais nenhum dos participantes se enquadra na categoria de não-nativo.

Um outro dado que aponta na mesma direção é a auto-avaliação da competência em L1 recolhida nos questionários (vide tab. 5, p. 51), na qual nenhum dos participantes estima sua competência em L2 melhor do que a de L1. Isso parece indicar que, apesar dos desvios, das interferências, os participantes não consideram que seu domínio da L1 esteja gravemente afetado.

Esses resultados coincidem com os de outros estudos²¹⁶ sobre atrito da L1 que constata pouca incidência do fenômeno. Nesse sentido, os resultados da pesquisa de SILVA-CORVALÁN (1994, p. 212) sobre o espanhol em Los Angeles, indicam que na fala dos imigrantes de primeira geração (chegados aos EUA depois dos 11 anos de idade) quase não aparecem modificações, desvios, com respeito à variedade “ancestral” ou padrão. Como destaca a autora, isto acontece apesar da redução do uso do espanhol constatada entre os falantes desse grupo.

²¹⁵ Contudo, é necessário recordar que não foi utilizado nesta pesquisa um grupo de controle para estabelecer comparações. Por outro lado, dado que não foram realizadas análises estatísticas do presente corpus, é difícil efetuar comparações numéricas com outras pesquisas.

²¹⁶ No levantamento realizado por KÖPKE (1999, p. 94-100), entre os que constata pouco atrito estão ALTEMBERG (1991), DE BOT et al. (1991) e PELC (1998); SCHOENMAKERS (1989) também registra muito poucos erros.

5.2 FATORES EXTRALINGÜÍSTICOS

Os participantes da presente pesquisa são também imigrantes de primeira geração, chegados ao Brasil depois dos 11 anos, mas o grau de atrito observado, ainda que baixo, parece superior ao resenhado por SILVA-CORVALÁN (1994, P. 212). A diferença principal entre ambas pesquisas é que os imigrantes espanhóis em Brasília e Goiás não formam um grupo étnico organizado, como é o caso dos imigrantes Mexicanos em Los Angeles (vide acima seção 4.1.4, tab. 7, p. 54). Dentre os dados dos questionários que proporcionam evidências nessa direção está o fato de que nenhum dos participantes nesta pesquisa faz parte de um clube ou organização espanhola no Brasil²¹⁷ (vide tab. 7, p. 54). No mesmo sentido apontam os resultados da tabela 7, na qual se observa que a língua mais usada na família e com os amigos é a L2. Não obstante, a tabela 6 mostra que a maioria dos participantes mantém um contato muito freqüente com família e amigos na Espanha.

O fato de SILVA-CORVALÁN constatar menos atrito nos imigrantes de primeira geração do que a presente pesquisa parece contradizer a hipótese de KÖPKE (1999, p. 109-110) (vide seção 2.3.2), segundo a qual nas comunidades de imigrantes o atrito poderia ser maior. Para esta autora, a principal diferença entre as situações nas quais o atrito se produz em indivíduos que vivem de forma isolada e aquelas nas quais o indivíduo se integra em comunidades lingüísticas ou enclaves é que, neste caso, a variante modificada da L1 se transforma na norma à qual se referem os falantes dessa comunidade. Em outras palavras, quando um número suficiente de falantes da comunidade começa a utilizar esses desvios da norma, a nova variedade da L1 que resulta do processo de atrito é reforçada e pode supor o começo de um dialeto imigrante. Assim acontece na situação estudada por PY e GROSJEAN (2002, o espanhol das comunidades de imigrantes espanhóis na Suíça francófona). Não obstante, na presente pesquisa não parece se produzir essa dinâmica, já que os imigrantes, dado que não formam um grupo organizado, não dispõem, em palavras de KÖPKE (1999, p. 20), “do feedback de um grupo de pares”²¹⁸. Neste caso, como não se conta com insumo suficiente da L1, o falante recorre ao insumo da L2, produzindo-se desse modo a influência da L2 sobre a L1.

²¹⁷ Inclusive, alguns dos participantes acrescentaram durante as entrevistas que não existem tais clubes ou organizações em Brasília e Goiás.

²¹⁸ “... du feedback d’une groupe de semblables...”.

Continuando com o perfil sociolinguístico dos participantes, aparecem nos questionários dados relevantes. Dentre os fatores extralingüísticos que intervêm no desencadeamento e evolução do atrito (vide seção 2.6), um dos mais importantes de um ponto de vista psicolinguístico é a idade (vide seção 2.6.1). Na presente pesquisa, as idades na chegada ao Brasil variam dos 11 aos 34 anos (cf. tab. 3, p. 50). Porém, os dois participantes que imigraram com 11 anos, P1 e P8, não são os que mostram (vide tab. 9, p. 56) um número maior de desvios. Não se observa nesses dois bilíngües mais precoces do grupo um atrito mais pronunciado como evidenciam os resultados das pesquisas revisadas por KÖPKE (1999, p. 91-94). Segundo a autora, esses resultados parecem indicar que a L1 das crianças se encontra numa posição vulnerável durante a aprendizagem de uma L2; o atrito, portanto, pode ser rápido e chegar até o apagamento total, sobretudo se a criança é de pouca idade. Todavia, existe um fator que poderia explicar a diferença entre esta pesquisa e as resenhadas por KÖPKE: o contato que tanto P1 como P8 mantêm com a L1, dado que ambos utilizam essa língua no seu trabalho (vide tab. 7, p. 54).

Como vimos em 2.6.4, o tempo transcorrido desde o começo da imigração não aparece nas pesquisas como um fator determinante. Os resultados deste estudo parecem corroborar essa idéia. Assim, no caso dos dois participantes com um menor número de desvios (vide tab. 9, p. 56), ambos avaliados como “perfeitamente nativos” pelos juízes (vide tab. 10, p. 57), esse tempo é absolutamente díspar: 6 anos para P2, 43 para P4. Do mesmo modo, a terceira participante com menos erros chegou ao Brasil 51 anos atrás, mas o participante com mais desvios, P7, não é quem mais anos passou no Brasil (44 anos; o tempo máximo é o de P3, 53 anos).

Esses resultados aparentemente surpreendentes podem ser explicados mediante outros dois fatores: o contato com a L1 e as atitudes. Com respeito ao primeiro, como vimos na seção 2.6.4, segundo DE BOT et al. (1991, p. 94) o tempo transcorrido desde o começo da imigração unicamente tem um efeito quando há pouco contato com a L1. Assim, os três participantes com menor grau de atrito (P1, P2 e P4, avaliados como “perfeitamente nativos” pelos juízes e que mostram menos desvios na sua fala), mantêm um contato relativamente elevado com a L1 (vide tab. 6 e 7, p. 53-54). De fato, a diferença entre P4, o segundo participante com menos desvios na sua fala, e P7, o participante com mais desvios, não é o tempo passado no Brasil, 43 e 44 anos respectivamente, mas o contato com a L1, no caso de P7, o mais baixo do grupo, para P4, um dos mais elevados.

Porém, como foi mencionado anteriormente (seção 4.1.4), segundo SCHMID e DE BOT (2004, p.221-2) e SCHMID (2005?, p.16-7) o contato está determinado não só pela oportunidade (fora do controle do indivíduo), mas também pela própria eleição, a qual, de algum modo depende das atitudes. São estas, portanto, que aparecem como um dos fatores mais decisivos (vide seção 2.6.5).

De fato, as atitudes muito favoráveis à língua e à cultura da L1 (vide seção 4.1.5, tab. 8, p. 55) poderiam explicar a surpreendente resistência ao atrito de P4, após 43 anos de emigração no Brasil, do mesmo modo que as atitudes negativas puderam explicar na pesquisa de SCHMID (2002) as maiores perdas lingüísticas do grupo que emigrou por último (vide seção 2.6.5). Contudo, o caso de P7, o participante com mais desvios na fala, não pode ser explicado pelas suas atitudes, tão positivas quanto as de P4, mas, provavelmente, pela falta de oportunidade para usar a L1 (vide tab. 6, p. 53).

5.3 INFLUÊNCIA DA L2

A análise das entrevistas permitiu que se examinassem os traços característicos do espanhol falado pelos participantes. Os traços observados consistem em desvios da norma que, na maioria dos casos (vide tab. 12, p.103), foram interpretados como transferências diretas ou indiretas (vide acima 2.3.2 e abaixo nesta mesma seção) da L2/português. De fato, dos 334 desvios analisados, apenas 39 são intralinguais ou não devidos à interferência.

Esses resultados indicam que no processo de atrito da L1 de imigrantes em um contexto de L2, o contato entre as línguas tem efeitos importantes sobre a L1. Na presente pesquisa, portanto, a influência da L2/português parece determinar grande parte das mudanças que se observam na L1/espanhol dos participantes, tal como sugere SHARWOOD SMITH (1989, p. 185) na Hipótese da Influência Interlingüística (vide seção 2.3.2).

Como vimos nos dados proporcionados pelos questionários, todos os participantes são bilíngües²¹⁹ (vide tab. 5, p. 51) e usam majoritariamente a L2 no âmbito familiar e com os amigos (vide tab. 7, 54). Isso supõe uma redução no uso da L1 em diferentes graus. Conseqüentemente, produz-se uma insuficiência de insumo da L1. Esta situação parece adequar-se à análise que realizam SELIGER (1991, p. 227 e seg.) e SHARWOOD SMITH e VAN BUREN (1991, p. 23), (vide seção 2.3.2) do fenômeno do atrito, o qual, na sua opinião,

²¹⁹ Todos os participantes, exceto P2 e P4, respondem na questão 72 do questionário (anexo 1) que se consideram bilíngües. P2 e P4 são os participantes com menor número de desvios na sua fala (cf. tab. 9, p. 56).

está sempre presente nas situações de bilingüismo e é originado pela falta de insumo da L1 e a crescente dominância da L2. Nesse contexto, a influência da L2 poder ser explicada nos termos que propõe SELIGER (id.): a gramática da L2 se transforma em fonte interna de evidência positiva indireta da L1; isto é, quando se produz um problema para se recuperarem ou acessarem formas ou estruturas da L1, o bilíngüe acode à gramática da L2 como fonte de conhecimento para avaliar a L1. De acordo com KÖPKE (1999, p. 109), ante a falta de insumo de L1/espanhol, os imigrantes recorrem ao insumo da L2/português.

SILVA-CORVALÁN (1994, p. 217) considera que não existem evidências de transferências diretas (vide seção 2.3.2) no nível sintático no seu corpus de hispanofalantes mexicanos em Los Angeles. De acordo com ela, verifica-se a existência de transferências diretas no léxico e nas reproduções de construções idiomáticas. De modo geral, essas conclusões coincidem com o observado na análise do presente corpus. Existem, de fato, alguns traços coincidentes no espanhol em contato com o inglês do estudo de SILVA-CORVALÁN e no espanhol em contato com o português desta pesquisa. Assim, por exemplo, as maiores frequências de expressão do sujeito pronominal (vide seção 4.2.2.4.1) e a omissão de clíticos (vide seção 4.2.2.4.2). Nestes casos, se produz uma perda (uma transferência indireta, portanto) das restrições (*constraints*) semântico-pragmáticas que regulam a expressão ou omissão destes pronomes.

Não obstante, a maior ocorrência de sujeitos pronominais no espanhol dos participantes também poderia ser explicado como um caso de simplificação de regras de acordo com o Princípio de Redução da Redundância proposto por SELIGER (1989, p.173), (vide seção 2.3.1). A expressão (frente à omissão habitual) do pronome em espanhol tem conseqüências semânticas, e pode indicar mudança de sujeito (referência disjuntiva), pode ser uma marca de ênfase, ou inclusive pode ter o valor de um pronome relativo (vide seção 4.2.2.4.1). A regra é, portanto, relativamente difusa e pouco clara. O abandono das restrições e a maior frequência de uso dos pronomes tônicos que se observam na fala dos imigrantes supõem, de fato, uma simplificação: sendo a regra da L1/espanhol mais complexa (o sujeito pronominal se omite ou se expressa de acordo com uma série de restrições semântico-pragmáticas), não resiste à pressão da regra mais simples da L2/português brasileiro (expressão generalizada do sujeito pronominal), a qual é, portanto, adotada. Como vimos na seção 2.3.1, PY e GROSJEAN (2002, p. 23) propõem um princípio análogo.

Segundo SELIGER (1989, p.182-3), essa transferência das regras mais simples da L2 reduz a carga da memória do falante bilíngüe, o qual pode manter as duas línguas combinando

elementos da L1 e da L2, conseguindo desse modo uma gramática mais econômica. Outros autores, como SHARWOOD SMITH (1983, p. 226) e SILVA-CORVALÁN (1995, p. 9), expressam idéias semelhantes. Para eles, a transferência da L2 supõe a facilitação do processamento lingüístico quando se trata de duas línguas. Desse modo, o atrito leva a uma convergência entre L1 e L2, isto é, a uma maior semelhança entre as duas línguas (vide seção 2.3).

Todavia, esse processo não se observa unicamente na transferência de regras a nível morfossintático. Existem, como foi mencionado acima, transferências diretas no nível léxico que também podem ser interpretadas em termos de convergência. Assim, os decalques léxicos e semânticos, as aglutinações semânticas e os decalques de construções idiomáticas, eliminam as diferenças e levam, de fato, a uma maior semelhança entre L1 e L2. Nas extensões ou decalques semânticos (vide seção 4.2.2.2.1), palavras idênticas ou muito similares que coincidem semanticamente em algumas das acepções, mas tem outras não coincidentes, tornam-se equivalentes semanticamente, prevalecendo os significados da L2. Consegue-se, assim, um léxico mais econômico e mais fácil de se processar. Por exemplo, em (1)-(I-30) *el programa que tú has firmado [has suscrito]* = o programa que você assinou, o verbo espanhol *firmar* torna-se equivalente semanticamente do verbo português “assinar” (mas na língua padrão unicamente compartilham uma acepção, “pôr assinatura em”; para o sentido de “tomar assinatura de publicação periódica, transmissão de televisão, série de espetáculos, etc.” o espanhol utiliza *suscribir*).

Algo semelhante acontece no caso das aglutinações semânticas (vide seção 4.2.2.2.2): a L1/espanhol possui duas palavras para expressar conceitos que em L2/português são expressos por uma forma só. Como conseqüência da influência da L2, os dois termos da L1 se aglutinam, perdendo as diferenças, assemelhando-se à forma única portuguesa. O termo mais próximo desta é o que predomina, facilitando deste modo o processamento do léxico. Assim no exemplo (32)-(V-302) *fue un una exploración [explotación]* = foi uma exploração, as duas palavras espanholas *exploración* e *explotación* se aglutinam na única existente em português “exploração”, eliminando uma complicação e tornando a língua mais econômica. De fato, para um falante que tem acesso a um insumo reduzido de L1/espanhol, mas recebe um insumo abundante de L2/português, a utilização de duas palavras em L1, quando a L2 apenas usa uma, pode resultar em uma “redundância” (vide seção 2.3.1) a ser eliminada. Adaptando o Princípio de Redução da Redundância de SELIGER (1989, p.173), poderíamos dizer que a palavra com uma distribuição maior substituirá a palavra com menor distribuição.

KÖPKE (1999, p. 311-2) considera que esse tipo de desvios interlinguais consiste na utilização de um equivalente de tradução errôneo: o falante prepara de forma espontânea uma resposta em L2 que traduz depois à L1; mas ele escolhe a tradução mais freqüente, não a adequada ao contexto. Assim, poderiam ser explicados vários casos de extensões semânticas da presente pesquisa, por exemplo: (17)-(V-309) *me están llenando* [*me están hartando, cansando*] = estão me enchendo. Os verbos “encher” e *llenar* compartilham numerosos traços conceituais. De fato, o verbo português “encher” é habitualmente traduzido por *llenar*, mas não neste caso (vide ex. 17, seção 4.2.2.1), em que a tradução apropriada é *hartar* ou *cansar*. No corpus de KÖPKE (id.), os desvios referidos a verbos polissêmicos são freqüentes, algo que também se observa na presente pesquisa: de 47 extensões semânticas analisadas, em 25 ocasiões tratam-se de verbos (vide seção 4.2.3). A autora aponta como hipótese que “os verbos são particularmente propensos a erros devidos a uma má tradução, já que são mais polissêmicos do que os substantivos e são utilizados com mais freqüência de forma idiomática”²²⁰.

5.4 PERDA DE COMPETÊNCIA OU PROBLEMAS DE DESEMPENHO?

Como foi apresentado na seção 2.4, um dos pontos mais debatidos no estudo do atrito é determinar se as mudanças que produz o atrito implicam uma modificação da competência lingüística subjacente ou se situam no nível do desempenho, isto é, são problemas de acesso.

Como explica KÖPKE (1999, p. 326), a produção repetida dos mesmos desvios (ou em outras palavras, a repetição dos mesmos problemas de acesso), pode gerar uma reestruturação da competência. Porém, com os dados desta pesquisa é difícil determinar se isso aconteceu. O presente corpus, do mesmo modo que o corpus de KÖPKE, não comporta suficientes repetições dos mesmos itens léxicos ou estruturas para se poder constatar que um falante concreto comete sempre o mesmo desvio, isto é, se efetivamente a sua competência mudou, ou são problemas de desempenho não constantes²²¹.

Nesse sentido, as autocorreções que se observam em alguns dos participantes podem ser um indício de que não se modificou a competência, de que apenas existem problemas para

²²⁰ “... les verbes se prêtent particulièrement à des erreurs provenant d'une mauvaise traduction puisqu'ils sont plus polysémiques que les noms et sont plus souvent employés de façon idiomatique”.

²²¹ Além disso, os dados desta pesquisa foram obtidos em discurso livre (vide seção 3.1), mas segundo SHARWOOD SMITH e VAN BUREN (1991, p. 19, 27) certas técnicas de elicitación mais formais, como os julgamentos de aceitabilidade (ing. *acceptability judgements*), “podem, de fato, fazer a competência relativamente transparente”, [“... can, in fact, make competence **relatively** transparent...”, grifo dos autores].

se recuperarem as formas ou estruturas corretas em L1. Assim, por exemplo, em (VII-134) *de *unas puentes . de unos puentes*; (20)-(VII-136) **la metraje . los metros*; (VIII-240) *de *la . del árbol del viento*; (VIII-388) *viajar *de coche . en coche*; (VII-84) *estive estuve*; (VII-89) *do normal de lo normal*; (VII-130) *quasi casi*; (VIII-307) *de una fazenda . de una hacienda*; (VIII-361) *esto son abóboras . calabacines*.

Em outros casos, o participante emprega primeiro uma construção de forma correta e à continuação de forma incorreta. Por exemplo, em (VIII-97,98) *todo el mundo me llama M [...] le llaman *de D*, onde o verbo *llamar* é utilizado na primeira frase corretamente, sem a preposição *de* que aparece na segunda frase por influência do português (“chamar alguém de”; vide seção 4.2.2.3.3). Algo similar acontece no exemplo seguinte, no qual na primeira frase o complemento direto de pessoa está introduzido pela preposição *a*, necessária em espanhol, mas desaparece na segunda frase: (90)-(V-119,120) *yo conocí a Gregorio Fortunato [...] el que *derrumbó * Getulio Vargas*.

Tudo o que está acima pode indicar que os participantes se encontram na primeira (desvios de desempenho, competência estável) ou segunda etapa (algumas mudanças na competência) do atrito, das três propostas por SHARWOOD SMITH (vide seção 2.4). Nenhum dos participantes parece se amoldar à terceira etapa que supõe, segundo o autor, a emergência de uma nova competência. De fato, como foi mencionado anteriormente (vide seção 4.2.1, 5.1 e tab. 10), nenhum dos participantes exibe um desempenho não-nativo. Não obstante, TORIBIO (2001, p.775-6), na sua pesquisa sobre imigrantes mexicanos nos Estados Unidos, considera que um desempenho não-nativo não reflete necessariamente uma competência não-nativa. Na sua opinião, os resultados da sua pesquisa indicam que o atrito pode representar a progressiva falta de controle sobre uma competência nativa inalterada. Para TORIBIO (2000, p. 184), algumas manifestações morfológicas específicas podem ser susceptíveis de variabilidade e erosão, mas as características formais subjacentes talvez não estejam sujeitas à deterioração ou à reestruturação. Os resultados da sua pesquisa de 2001 mostram que a língua dos imigrantes preserva as características gramaticais centrais (ing. *core grammatical phenomena*), por exemplo, características verbais fortes (ing. *strong verbal features*). Esses resultados coincidem com os da presente pesquisa, na qual os desvios referentes a verbos são muito raros.

No mesmo sentido, os resultados de SILVA-CORVALÁN (1994, p. 216) indicam que, inclusive em condições de contato intenso, o atrito não introduz elementos que possam causar mudanças radicais no sistema da L1. Seus dados sugerem (ibid. p. 135) que o processo de

reestruturação não alcança os traços mais fortes da gramática, mas leva à redução da opcionalidade e a diferentes distribuições de frequência. Os resultados da presente pesquisa parecem apontar nessa mesma direção. Assim, a maior frequência de expressão do sujeito pronominal (vide seção 4.2.2.4.1), como consequência da perda das restrições semântico-pragmáticas que regulam a sua expressão ou omissão, leva, de fato, a uma perda de opções. Do mesmo modo podem ser interpretados os decalques de uso, que supõem a utilização da forma menos frequente em L1 (vide seção 4.2.2.2.3) e produzem também a perda da opção que supunha a existência de duas formas; ou as aglutinações semânticas (vide seção 4.2.2.2.2), que causam a perda de uma das duas palavras da L1 que correspondiam a apenas uma na L2; ou também a substituição do possessivo por de + pronome (vide seção 4.2.2.4.3), que supõe, como no caso do sujeito pronominal, a eliminação de uma restrição semântico-pragmática e a perda de uma opção.

No entanto, como vimos na seção 2.3.2, para PAVLENKO (2004, p. 54) a influência da L2 na L1 somente deve ser considerada como atrito quando produz uma perda ou reestruturação permanente de formas ou regras da L1, constatável (observável) não só em contextos bilíngües, mas também em contextos monolíngües de L1. Nas entrevistas realizadas com os participantes nesta pesquisa, a única língua utilizada, tanto pela entrevistadora como pelos participantes foi o espanhol; o contexto foi, portanto, monolíngüe (vide seção 4.2.2.5). Se for adotada a interpretação de PAVLENKO, os desvios interlingüais observados na fala dos participantes seriam uma evidência de atrito e de reestruturação da competência.

5.5 O ATRITO NOS DIFERENTES NÍVEIS LINGÜÍSTICOS

Os dados da presente pesquisa mostram uma grande incidência das interferências no nível léxico (vide seções 4.2.2.2, 4.2.2.5 e 4.2.3) que poderia ser explicada mediante a hipótese de PERECMAN (1989, p.233) sobre o processamento lingüístico do bilíngüe (vide seção 2.5). No nível léxico-semântico, as línguas do bilíngüe têm uma ligação forte, já que no nível “pré-lingüístico conceitual” estão unificadas num sistema único. À medida que o processamento se aproxima ao nível fonético-articulatório, essas ligações entre as línguas vão sendo cada vez mais fracas. Dado que as interferências são produzidas pela interação dos sistemas lingüísticos, no nível em que a ligação é mais forte, o léxico-semântico, se produzem em maior número do que em outros níveis.

Dentro do nível léxico, o maior número de desvios corresponde às extensões ou decalques semânticos. A hipótese conceitual de SCHOENMAKERS (1989, p. 103-4), (vide

seção 2.3.2), permite interpretar esses desvios como evidência de uma mudança semântico-conceitual no sistema lingüístico do bilíngüe em consequência da influência da L2. O essencial do significado (ing. *core*) coincide em português e espanhol mas mudam as fronteiras, os limites, daí que algumas acepções sejam diferentes. Assim, o atrito se produz nessa área não coincidente e causa a adição de acepções das palavras da L2 às da L1. Por exemplo, em (21)-(VII-190)- *ligué pa(ra) San Pablo [llamé a]* (= liguei para São Paulo). O verbo ligar comparte em ambas as línguas o significado básico de “apertar, atar”; mas em espanhol não está presente a acepção utilizada pelo participante “telefonar”. Essa acepção diferente é acrescentada ao verbo espanhol, o qual muda, portanto, as suas fronteiras.

6 CONCLUSÃO

O objetivo desta pesquisa foi explorar um fenômeno pouco estudado: o atrito da L1/espanhol de imigrantes espanhóis adultos no Brasil. Devido ao caráter exploratório do estudo, os resultados devem ser tratados com cautela e servem basicamente como indicadores preliminares para estudos posteriores de maior alcance.

A análise dos dados e sua discussão à luz das teorias selecionadas na revisão da literatura permitiram responder às perguntas de pesquisa que nortearam este trabalho.

A primeira pergunta de pesquisa se interessava pela forma em que se manifesta o atrito lingüístico nos níveis léxico, morfológico e sintático da L1 de imigrantes hispanofalantes espanhóis adultos com proficiência em português/L2. A análise dos dados permitiu observar na L1/espanhol desses imigrantes uma série de mudanças em relação ao espanhol peninsular padrão na forma de desvios da norma. Essas mudanças foram interpretadas como manifestações ou sinais de um processo de atrito na L1 dos participantes. Não obstante, o número de desvios contabilizado na fala de cada participante (vide tab. 9, p. 56) não parece muito elevado e nenhum deles foi avaliado pelos juizes como não-nativo. Isso sugere que os participantes não se encontram numa fase muito avançada do processo de erosão da sua L1.

Os desvios, na sua maioria, foram interpretados como interlinguais. Consistem em transferências diretas (substituições de formas ou estruturas da L1 por outras da L2, ou incorporações de formas ou estruturas da L2 à L1) ou indiretas (maiores freqüências de uso ou perdas de certas formas ou estruturas) da L2/português (vide 5.3). De fato, dos 334 desvios analisados (vide tab. 12), apenas 39 foram explicados de forma intralingual (desvios comuns entre monolíngües, hipercorreções, etc.). Responde-se deste modo a terceira pergunta de pesquisa que interrogava sobre a freqüência dos desvios interlinguais.

Em relação à segunda pergunta de pesquisa, referente à importância da influência da L2 no processo de atrito (vide seção 5.3), os resultados indicam que é considerável, já que parece determinar grande parte das mudanças observadas na L1/espanhol dos imigrantes.

Os dados proporcionados pelos questionários sociolingüísticos aplicados aos participantes permitiram distinguir outros fatores atuantes no processo de atrito. Assim, todos os imigrantes se consideram bilíngües ou trilingües e usam majoritariamente a L2 no ambiente familiar e com os amigos. Isso supõe uma redução no uso da L1 em diferentes graus e, conseqüentemente, uma diminuição do insumo dessa língua. Esta situação parece adequar-se à análise que realizam SELIGER (1991, p. 227 e seg.) e SHARWOOD SMITH e VAN

BUREN (1991, p. 23), (vide seções 2.3.2 e 5.3) do fenômeno do atrito, o qual na sua opinião está sempre presente nas situações de bilingüismo e é originado pela crescente dominância da L2 e a falta de insumo da L1; em substituição deste, os imigrantes recorrem ao insumo da L2/português, língua que se transforma em fonte interna de evidência positiva indireta para a L1 (SELIGER, id.).

Em muitos casos, (por exemplo, as maiores freqüências de expressão do sujeito pronominal, vide seção 4.2.2.4.1, e a omissão de clíticos, vide seção 4.2.2.4.2), a influência da L2 pode ser explicada como evidência do Princípio de Redução da Redundância proposto por SELIGER (1989, p.173), (vide seção 2.3.1). De acordo com esse princípio, o atrito implica a transferência das regras da L2 que são mais simples do que as da L1; isso reduz a carga da memória do falante bilíngüe, já que se consegue uma gramática mais econômica, sem “redundâncias” (SELIGER, 1989, p.182-3).

Por outro lado, as transferências diretas no nível léxico e sintático (decalques léxicos e semânticos, aglutinações semânticas, decalques de construções idiomáticas) (vide seções 4.2.2.2 e 4.2.2.4.10), também eliminam diferenças entre L1 e L2 e supõem a facilitação do processamento lingüístico bilíngüe.

Todos esses dados parecem indicar que, na linha das idéias expressadas por SELIGER (1989, p.182-3), SHARWOOD SMITH (1983, p. 226) e SILVA-CORVALÁN (1995, p. 9), entre outros, o atrito leva a uma convergência entre L1 e L2, isto é, a uma maior semelhança entre os dois sistemas que facilita a tarefa de armazenar e processar duas línguas (vide seção 2.3).

Em relação ao verdadeiro alcance das mudanças produzidas pelo atrito, os dados da presente pesquisa não permitem determinar de forma conclusiva se os desvios observados implicam uma modificação da competência lingüística subjacente, ou se situam no nível do desempenho, isto é, são problemas de acesso (vide seções 2.4 e 5.4). As autocorreções e a utilização duma mesma construção, primeiro de forma correta e à continuação de forma incorreta, podem ser um indício de que não se modificou a competência, de que apenas existem problemas para recuperar as formas ou estruturas corretas em L1. Isso nos leva de novo à mesma conclusão apontada no começo desta seção: nos participantes desta pesquisa o processo de atrito da sua L1 não parece ter atingido um nível tão elevado que suponha uma reestruturação profunda da competência em L1 (isto é, a terceira das etapas que distingue SHARWOOD SMITH (1983) e que se caracteriza pelo surgimento de uma nova competência, vide seção 2.4).

Um dos fatores que podem ter favorecido a conservação da L1 são as atitudes positivas para com a língua e a cultura da L1 que exibem a maioria dos participantes, tanto nas respostas ao questionário como nas entrevistas (vide seções 2.6.5, 4.1.5 e 5.2 ; tab. 8, p. 55).

Em suma, a importância que a influência da L2 parece ter no processo de atrito da L1 dos participantes nesta pesquisa sugere que, como aponta SELIGER (1991, p. 227), o atrito “é um fenômeno onipresente”²²² nos contextos de bilingüismo e pode proporcionar evidências interessantes sobre as relações que se estabelecem entre línguas em contato.

Porém, como aponta SHARWOOD SMITH (1989, p. 185) na Hipótese da Influência Interlingüística²²³ (vide seção 2.3.2) o contato entre línguas não produz apenas a influência da L2 na L1 como acontece no caso do atrito; esse contato origina igualmente a influência da L1 sobre a L2 no caso da aquisição de L2.

Essas reflexões nos levam a perguntar-nos acerca das analogias que podem existir entre atrito e aquisição. De fato, segundo a Hipótese da Regressão, o atrito seria o reverso da aquisição (vide seção 2.2).

Surge, desse modo, um tema para futuras pesquisas: mesmo se o atrito não reproduz exatamente os mesmos estágios da aquisição como prevê a Hipótese da Regressão, podemos nos perguntar se os desvios observados no atrito e na aquisição são do mesmo tipo (KÖPKE, 1999, p. 88). Adaptando a propostas de ARAÚJO (2004, p. 2) e RASO (2003, p. 1) para o contato entre Italiano e português, o objetivo desse futuro estudo seria observar se existem coincidências entre as “interlínguas” dos aprendizes brasileiros de espanhol e dos imigrantes hispanofalantes no Brasil; isto é, se a influência do português, no primeiro caso como L1, no segundo como L2, produz desvios similares.

Por último, esperamos que esta pesquisa tenha mostrado o interesse do estudo do atrito como fonte para aprofundar o conhecimento dos fenômenos de contato lingüístico e do processamento bilíngüe.

Não obstante, como toda pesquisa, este trabalho suscita mais perguntas do que proporciona respostas. Corresponde a futuros estudos examinar de forma mais aprofundada os aspectos que aqui foram apenas esboçados.

²²² “... is a ubiquitous phenomenon found wherever there is bilingualism”.

²²³ Já WEINREICH (1968, p. 1) afirmava que as interferências se produzem em qualquer uma das línguas do bilíngüe (vide seção 1.2).

7 REFERÊNCIAS

ALARCOS, E. **Gramática de la Lengua Española**. Real Academia Española. Madrid: Editorial Espasa Calpe, 1999.

ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. Uma metodologia específica para o ensino de línguas próximas?. In: _____. (Ed.). **português para estrangeiros interface com o espanhol**. 2ª ed. Campinas: Pontes. 2001. p. 9-21.

ALTENBERG, E.P. Assessing first language vulnerability to attrition. In: SELIGER, H.W.; VAGO, R. M. (Ed.). **First Language Attrition**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991. p. 189-206.

ALVAR, M. **Manual de redacción y estilo**. Madrid: Ediciones Istmo, 1999.

ANDERSEN, R. W. Determining the linguistic attributes of language attrition". In LAMBERT, R.D.; FREED, B.F. (Ed.). **The loss of language skills**. Rowley, MA: Newbury House, 1982. p. 83-118.

APPEL, R.; MUYSKEN, P. **Bilingüismo y contacto de lenguas**. Barcelona: Ariel, 1996. cap. 1, 10, 13, 14.

ARAÚJO, S.R.G. Um caso de interlíngua e atrito lingüístico de imigrantes e aprendizes de italiano. Cadernos do VIII CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, Série VIII, n. 6, 20 oct. 2004. Disponível em <<http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno06-16.html>>. Acesso em maio 2005.

BAUER, M. W.; AARTS, B. A construção do corpus: Um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, M. W. e GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 39-63.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. Para uma prestação de contas pública: Além da amostra, da fidedignidade e da validade. In: _____. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 470-490.

BEN-RAFAEL, M. Language contact and attrition: The spoken French of Israeli Francophones. In: SCHMID, M. S.; KÖPKE, B.; KEIJZER, M.; WEILEMAR, L. (Ed.). **First Language Attrition: Interdisciplinary Perspectives on Methodological Issues**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2004. p. 165-188.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BOLONYAI, A. "Elective affinities": Language contact in the abstract lexicon and its structural consequences. **International Journal of Bilingualism**, n. 1, p. 81-106, 2000.

BRAVO DE URQUÍA, L. Atrición y regresión. Problemas de merma lingüística. In: MARTÍN-GAITERO, R. (Ed.). **V Encuentros Complutenses en torno a la traducción**. Madrid: Editorial Complutense, 1994. p. 99-104.

BROWN, B.; FLORES, B. Fossilización fonológica en el inglés de una muestra de profesores de inglés como segunda lengua. **Revista de Filología y Lingüística de la Universidad de Costa Rica**, vol. XXIV, n.2, p. 221-235, 1998.

BROWN, H. D. **Principles of Language Learning and Teaching**. (4ª ed.) New York: Longman, 2000.

CAVALCANTI, M. C. Estudos sobre educação bilíngüe e escolarização em contextos de minorias lingüísticas no Brasil. **DELTA**, São Paulo, v. 15, n. spe, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v15nspe/4023.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2006.

_____. Um olhar meta-teórico e meta-metodológico em pesquisa em lingüística aplicada: Lendo a teia onde me enredo em suas implicações éticas e políticas. Palestra no II ENCONTRO DE LINGÜÍSTICA APLICADA DA REGION CENTRO OESTE (ELARCO), Brasília, 17 nov. 2005.

_____. Um olhar meta-teórico e meta-metodológico em pesquisa em lingüística aplicada. Implicações éticas e políticas. In: MOITA LOPES, L. P. (Ed.) **Por uma Lingüística Aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 233-252.

CELANI, M. A. A. Questões de ética na pesquisa em Lingüística Aplicada. **Linguagem & Ensino**, v. 8, n. 1, p. 101-122, 2005.

COOK, V. Is Transfer the right word? Esboço de uma conferência no PRAGMATIC SYMPOSIUM, 2000, Budapest. Disponível em: <<http://homepage.ntlworld.com/vivian.c/Writings/Papers/Transfer2000.htm>> Acesso em: set. 2005.

_____. The changing L1 in the L2 user's mind. In COOK, V. (Ed.) **Effects of the Second Language on the First**. Clevedon: Multilingual Matters. 2003. p. 1-18.

CUNHA, C. F. **Gramática da Língua portuguesa**. Rio de Janeiro: FENAME, 1981.

DE BOT, K. Introduction: Special Issue on language attrition. **International Journal of Bilingualism**, v.8, n.3, p. 233-237, 2004.

DE BOT, K.; GOMMANS, P.; ROSSING, C. L1 loss in an L2 environment: Dutch immigrants in France. In: SELIGER, H.W.; VAGO, R. M. (Ed.). **First Language Attrition**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991. p. 87-98.

DEWAELE, J. M. Perceived language dominance and language preference for emotional speech: The implications for attrition research. In: SCHMID, M. S.; KÖPKE, B.; KEIJZER, M.; WEILEMAR, L. (Ed.). **First Language Attrition: Interdisciplinary Perspectives on Methodological Issues**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2004. p. 81-104.

DEWAELE, J. M.; PAVLENKO, A. Emotion Vocabulary in Interlanguage. **Language Learning**, v. 52-2, p. 263-322, jun. 2002.

EDWARDS, J. V. Foundations of Bilingualism. In: BHATIA, T. K.; RITCHIE, W. C. (Ed.) **The handbook of Bilingualism**. Blackwell Publishing, 2004.

ELIZAINCÍN, A. Personal Pronouns for Inanimate Entities in Uruguayan Spanish in Contact with Portuguese. In SILVA-CORVALÁN, C. (Ed.). **Spanish in four Continents**. Studies in language Contact and Bilingualism. Washington DC.: Georgetown University Press, 1995. p. 117-131.

FERNÁNDEZ FUERTES, R. La teoría lingüística y la comparación de las lenguas: el caso de los sujetos del español y del inglés. 2001 **Red ELE**, nº0. Disponível em: <<http://formespa.rediris.es/revista/index.html>> Acesso em: jun 2004.

FERREIRA, A. B. H et al. **Dicionário Aurélio Eletrônico - Século XXI**. Versão 3.0. Editora Nova Fronteira, 1999. 1 CD-ROM.

FONTANA, J. M.; VALLDUVÍ, E. Mecanismos léxicos y gramaticales en la alternancia de códigos. **Revista Española de Lingüística Aplicada**, anejo I, p. 171-192, 1990.

GROSJEAN, F.; PY, B. La restructuration d'une première langue: l'intégration de variantes de contact dans la compétence de migrants bilingues. **La Linguistique**, v. 27, n. 2, pp. 35-60, 1991.

GROSS, S. A modest proposal. Explaining language attrition in the context of contact linguistics. In: SCHMID, M. S.; KÖPKE, B.; KEIJZER, M.; WEILEMAR, L. (Ed.). **First Language Attrition: Interdisciplinary Perspectives on Methodological Issues**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2004. p. 281-297.

HAMERS, J. F.; BLANC, M. H. A. **Bilinguality and bilingualism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

HANSEN, L. Language Attrition: The Fate of The Start. **Annual Review of Applied Linguistics**, Cambridge University Press, n. 21, pp. 60-73, 2001.

HORA, A. F. de. Comparación fonológica del español y del portugués de Brasil. **Anuario brasileño de estudios hispánicos**, v. 10, p.15-29, 2000.

HOUAISS, A. et al. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua portuguesa**. Versão 1.0. Editora Objetiva Ltda. 2001. 1 CD-ROM.

KÖPKE, B. **L'attrition de la Première Langue chez le Bilingue Tardif**: Implications pour l'étude psycholinguistique du bilinguisme. Toulouse, 1999. 359 f. Tese – Université de Toulouse-Le Mirail.

KÖPKE, B.; SCHMID, M. S. First language attrition: the next phase. In: SCHMID, M.S.; KÖPKE, B.; KEIJZER, M.; WEILEMAR, L. (Ed.). **First Language Attrition: Interdisciplinary Perspectives on Methodological Issues**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2004. p. 1-45.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. **Metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

LAMBERT, R. D. Setting the agenda. In: LAMBERT, R.D.; FREED, B.F. (Ed.). **The Loss of Language Skills**. Rowley, MA: Newbury House, 1982. pp.6-10.

LAPIDUS, N.; OTHEGUY, R. Contact Induced Change? Overt Nonspecific *Ellos* in Spanish in New York. In: SAYAHI, L.; WESTMORELAND, M. (Ed.). **Selected Proceedings of the Second Workshop on Spanish Sociolinguistics**, Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2005. p. 67-75. Disponível em: <<http://web.gc.cuny.edu/dept/lingu/rislus/People/Otheguy/Lapidus-Otheguy2004.pdf>> Acesso em: 07 set. 2005.

LIPSKI, J. M. Code-switching or Borrowing? No sé *so* no puedo decir, *you know*. In: SAYAHI, L.; WESTMORELAND, M. (Ed.). **Selected Proceedings of the Second Workshop on Spanish Sociolinguistics**, Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2005, p. 1-15. Disponível em: <<http://www.lingref.com/cpp/wss/2/paper1136.pdf>> Acesso em: 07 set. 2005.

_____. Patterns of Pronominal Evolution in Cuban-American Bilinguals. In ROCA, A.; JENSEN, J. B. (Ed.) **Spanish in Contact. Issues in Bilingualism**. Somerville: Cascadilla Press, 1996.

LLÁCER, I. et al. **Lengua Española C. O. U.** Valencia: Editorial Ecir, 1996.

LUFT, C. P. Dicionário prático de regência verbal. São Paulo: Ática, 2003.

LUJÁN, M. Expresión y omisión del pronombre personal. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (Ed.). **Gramática Descriptiva de la Lengua Española**. v.1: Sintaxis básica de las clases de palabras. Madrid: Espasa, 2000. p. 1276-1313.

MARCOS MARÍN, F. (Ed.). **Corpus oral de referencia del español contemporáneo (COREC)**. Banco de datos [on-line]. Universidad Autónoma de Madrid. Disponível em: <<http://www.llf.uam.es/>> Acesso em: ago. set. out. 2006.

MATTOS E SILVA, R. V., O português brasileiro. **Brazzil - Brazil 24/7**. Disponível em <<http://www.brazzil.com/forum/viewtopic.php?t=6611>> Acesso em: jun 2004.

MOLINER, MARÍA. **Diccionario de Uso del Español**. Edición electrónica. Versión 2.0. Madrid: Editorial Gredos, 2001.

MONTRUL, S. Incomplete acquisition and attrition of Spanish tense/aspect distinctions in adult bilinguals. **Bilingualism: Language and Cognition**, Cambridge University Press, v. 5, n. 1, 2002.

_____. Convergent outcomes in L2 acquisition and L1 loss. In: SCHMID, M.S.; KÖPKE, B.; KEIJZER, M.; WEILEMAR, L. (Ed). **First Language Attrition: Interdisciplinary Perspectives on Methodological Issues**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2004. p. 259-279.

MONZÚ FREIRE, M. T. R. **Síntesis gramatical de la lengua española**, 4 ed., São Paulo: Novos Livros Editora, 1994.

MORENO FERNÁNDEZ, F. Aportes de la sociología a la enseñanza de lenguas. **Revista de Estudios de Adquisición de la Lengua Española**, (REALE), Alcalá de Henares, n.1, p. 107-135, 1994.

MUYSKEN, P. Two Linguistic System in Contact: Grammar, Phonology and Lexicon. In: BHATIA, T. K.; RITCHIE, W. C. (Ed.). *The handbook of Bilingualism*. 2004. p. 147-168.

MYERS-SCOTTON, C.; JAKE, J. L. Explaining Aspects of Code-Switching and Their Implications. In: NICOL, J. L. (Ed.). **One mind, two languages**: Bilingual language processing. Oxford: Blackwell Publishers, 2001. p. 94–116.

NUNAN, D. **Research Methods in Language Learning**. 6. ed. Cambridge: CUP, 1997.

OTHEGUY, R. Simplificación y adaptación en el español de Nueva Cork. In: II CONGRESO INTERNACIONAL DE LA LENGUA ESPAÑOLA «EL ESPAÑOL EN LA SOCIEDAD DE LA INFORMACIÓN», 2001, Valladolid. Disponible em: <http://cvc.cervantes.es/obref/congresos/valladolid/ponencias/unidad_diversidad_del_espanol/3_el_espanol_en_los_EEUU/otheguy_r.htm> Acesso em: 07 maio 2005.

OXFORD, R. L. Technical issues in designing and conducting research on language skill attrition. In LAMBERT, R.D.; FREED, B.F. (Ed.). **The Loss of Language Skills**. Rowley, MA: Newbury House, 1982. p. 119-137.

PARADIS, M. Linguistic, psycholinguistic, and neurolinguistic aspects of interference in bilingual speakers: the activation threshold hypothesis. **International Journal of Psycholinguistics** p: 2, 1993, pp. 133-145.

_____. **A Neurolinguistic Theory of Bilingualism**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2004. p. 1-31, 187-231.

PARADIS, J.; NAVARRO, S. Subject realization and crosslinguistic interference in the bilingual acquisition of Spanish and English: What is the role of the input? Disponível em: <http://www.ualberta.ca/~jparadis/Bil_sub_jcl.pdf> Acesso em: 21 out. 2005.

PAVLENKO, A. Bilingualism and Emotions. **Multilingua**, v. 21, n. 1, p. 45-78, 2002.

_____. L2 influence and L1 attrition in adult bilingualism. In: SCHMID, M. S.; KÖPKE, B.; KEIJZER, M.; WEILEMAR, L. (Ed.). **First Language Attrition**: Interdisciplinary Perspectives on Methodological Issues. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2004. p. 47-59.

PELC, L. A. Supralexicial and lexical attrition of Greek-English bilinguals. In: GREENHILL, A.; HUGEHEES, M.; LITTLEFIELD, H.; WALSH, H. (Ed.) **Proceedings of th 22nd Annual Boston University Conference on Language Development**. Somerville, MA: Cascadilla, 1998. p. 621-625.

PERECMAN, E. Language processing in the bilingual: evidence from language mixing. In: HYLSTENSTAM, K.; OBLER, L. K. **Bilingualism across the Lifespan**. Aspects of acquisition, maturity, and loss. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p. 227-244.

PERINI, M. **Modern Portuguese**: A Reference Grammar. New Haven: Yale University Press, 2002.

POPLACK, S.; WHEELER, S.; WESTWOOD, A. Distinguishing language contact phenomena: evidence from Finnish-English bilingualism. In: HYLSTENSTAM, K.; OBLER, L. K. **Bilingualism across the Lifespan**. Aspects of acquisition, maturity, and loss. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p. 132-154.

PY, B.; GROSJEAN, F. La restructuration d'une première langue: l'intégration de variantes de contact dans la compétence de migrants bilingues". **La Linguistique**, n. 27, p. 35-60, 1991.

_____. Variantes de contact, restructuration et compétence bilingue: approche expérimentale. **Notions en questions. Rencontres en didactique des langues**, n. 6, pp. 19-27, set. 2002.

RAMÍREZ, D. B. L1 Regression in Spanish-English Bilinguals. In: SAYAHI, L. (Ed.). **Selected Proceedings of the First Workshop on Spanish Sociolinguistics**, Somerville, MA: Cascadia Proceedings Project, 2003, p. 89-95. Disponível em: <<http://www.lingref.com/cpp/wss/1/paper1011.pdf>>. Acesso em abril 2005.

RASO, T. L'italiano parlato a S. Paolo da madrelingua colti. Primi sondaggi e ipotesi di lavoro. **Revista de Italianística**, São Paulo, n. 8, p. 9-49, 2003.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Corpus de referencia del español actual (CREA)**. Banco de datos [on-line]. Disponível em: <<http://www.rae.es>> Acesso em: ago. set. out. 2006.

_____. **Diccionario panhispánico de dudas**. Real Academia Española. 1ª ed. 2005. Disponível em: <<http://www.rae.es/>> Acesso em: out 2006.

_____. **Diccionario de la Real Academia Española**. Vigésima segunda edición, 2001. On-line. Disponível em: <<http://www.rae.es/>>.

RÍOS MESTRE, A. La transcripción fonética automática del diccionario electrónico de formas simples flexivas del español: estudio fonológico en el léxico. **Estudios de Lingüística Española**, v. 4, 1999. Disponível em: <<http://elies.rediris.es/elies4/>> Acesso em: 29 dez. 2006.

ROCHA, M. Relações Anafóricas no português Falado: Uma Abordagem Baseada em Corpus. **Delta**, São Paulo, v.16 n.2, p. 229-261, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502000000200002&lng=en&nrm=iso#tx06> Acesso em: 4 nov 2006.

SANZ, M.; BEVER, T. G. A Theory of Syntactic Interference in the Bilingual. In: NICOL, J. L. (Ed.). **One mind, two languages: Bilingual language processing**. Oxford: Blackwell Publishers, 2001, p. 134-157.

SCHMID, M. S. **First Language Attrition, Use and Maintenance: The case of German Jews in anglophone countries**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002.

_____. First language attrition: the methodology revised. **International Journal of Bilingualism**, v. 8, n. 3, p. 239-255, 2004.

_____. **The language attrition test battery**. A research manual. Amsterdam: Vrije Universiteit Amsterdam, 2005?

_____. **O Atrito Lingüístico**. Curso da escola de inverno de LOT (*Landelijke Onderzoekschool Taalwetenschap* = Escola Holandesa de Lingüística para Pós-graduados) na *Vrije Universiteit*, Amsterdã, 9-13 jan. 2006.

SCHMID, M. S.; DE BOT, K. Language Attrition. In: DAVIES, A.; ELDER, C. (Ed.). **The Handbook of Applied Linguistics**. Oxford: Blackwell Publishing, 2004. p. 210-34.

SCHMITT, E. No more reductions! – To the problem of evaluation of language attrition data. In: SCHMID, M. S.; KÖPKE, B.; KEIJZER, M.; WEILEMAR, L. (Ed.). **First Language Attrition: Interdisciplinary Perspectives on Methodological Issues**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2004. p. 299-316.

SCHOENMAKERS-KLEIN GUNNEWIEK, M. Structural aspects of the loss of Portuguese among Migrants: A Research Outline. **I.T.L.: Review of Applied Linguistics**, v. 83–84, p. 99-123, 1989.

SECO, M.; ANDRÉS, O.; RAMOS, G. **Diccionario del Español Actual**. Madrid: Grupo Santillana de Ediciones, 1999.

SELIGER, H. W. Deterioration and creativity in childhood bilingualism. In: HYLSTENSTAM, K.; OBLER, L. K. **Bilingualism across the Lifespan**. Aspects of acquisition, maturity, and loss. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p. 173-184.

_____. Language attrition, reduced redundancy, and creativity. In: SELIGER, H. W.; VAGO, R. M. (Ed.). **First language attrition**. Cambridge: CUP., 1991. p. 227-240.

SELIGER, H. W.; SHOHAMY, E. **Second Language Research Methods**. 3. ed. Oxford: Oxford University Press, 1995.

SELIGER, H. W.; VAGO, R. M. (Ed.). **First language attrition**. Cambridge: CUP., 1991.

_____. The study of first language attrition: an overview. In: _____. (Ed.). **First language attrition**. Cambridge: CUP., 1991. p. 3-15.

SELINKER, L. Interlanguage. **International Review of Applied Linguistics**. v. 10-3, p. 209-231, 1972.

SHARWOOD SMITH, M. A. On first language loss in the second language acquirer: problems of transfer. In: GASS, S.; SELINKER, L. (Ed.). **Language transfer in language learning**. Rowley, MA: Newbury House, 1983. p. 222-231.

SHARWOOD SMITH, M. A. Crosslinguistic influence in language loss. In: HYLTENSTAM, K.; OBLER, L. K. **Bilingualism across the lifespan**. Aspects of acquisition, maturity, and loss. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p. 185-201.

SHARWOOD SMITH, M. A.; VAN BUREN, P. First language attrition and the parameter setting model. In: SELIGER, H. W.; VAGO, R. M. (Ed.). **First language attrition**. Cambridge: CUP., 1991. p. 17-30.

SILVA-CORVALÁN, C. Current Issues in Studies of Language Contact. **Hispania**, vol. 73, n. 1, mar 1990. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/01482074901275970760035/p0000014.htm#I_48_#I_48> Acesso em: set 2006.

_____. **Language Contact and Change**. Spanish in Los Angeles. Oxford: Clarendon Press, 1994.

_____. The Study of Language Contact: An Overview of the Issues. In: SILVA-CORVALÁN, C. (Ed.) **Spanish in four Continents**. Studies in language Contact and Bilingualism. Washington DC: Georgetown University Press, 1995. pp. 3-14.

_____. El español de Los Ángeles: ¿Adquisición incompleta o desgaste lingüístico? Simpósio LA ENSEÑANZA BILÍNGÜE EN EE. UU. Instituto Cervantes de Chicago, 22-23 noviembre 2003. Disponível em: <http://cvc.cervantes.es/obref/espanol_euu/bilingue/csilva.htm#2> Acesso em: 16 jun 2005.

THOMASON, S. G. Language Mixture: Ordinary Processes, Extraordinary Results. In: SILVA-CORVALÁN, C. (Ed.) **Spanish in four Continents**. Studies in language Contact and Bilingualism. Washington DC: Georgetown University Press, 1995. pp. 15-33.

TORIBIO, A. J. Code Switching and Minority Language Attrition. Papers from the 1999 Conference on the L1 & L2 Acquisition of Spanish and Portuguese. In: LEOW, R. P.; SANZ, C. (Ed.). **Spanish Applied Linguistics at the Turn of the Millennium**. Somerville, MA: Cascadilla, 2000, pp.174-93.

TORIBIO, A. J.; RUBIN E. J. Code-Switching in Generative Grammar. In: ROCA, A.; JENSEN, J. B. (Ed.). **Spanish in Contact**. Issues in Bilingualism. Cascadilla Press, Somerville, 1996. p. 203-226.

TSIMPLI, I.; SORACE, A.; HEYCOCK, C.; FILIACI, F.; BOUBA, M. Syntactic native language attrition in near-native second language speakers: Proposal, 2002?. Disponível em: <<http://www.ling.ed.ac.uk/research/gsyntax/attrition-project/proposal.html>> Acesso em: 22 jun. 2005.

TSIMPLI, I.; SORACE, A.; HEYCOCK, C.; FILIACI, F. First language attrition and syntactic subjects: A study of Greek and Italian near-native speakers of English. **International Journal of Bilingualism**, v.8, n.3, p. 257-278, 2004.

WEINREICH, U. **Languages in Contact**. Findings and problems. 6 ed. The Hague-Paris: Mouton, 1968.

YAĞMUR, K.; DE BOT, K.; KORZILIUS, H. Language Attrition, Language Shift and Ethnolinguistic Vitality of Turkish in Australia. **Journal of Multilingual and Multicultural Development**, v. 20, n. 1, p. 51-69, 1999.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ADJÉMIAN, C. The transferability of lexical properties. In GASS, S.; SELINKER, L. (Ed.). **Language transfer in language learning**. Rowley, MA: Newbury House, 1983. p. 250-269.

BULLOCK, B. E. ; TORIBIO, A. J. Introduction: Convergence as an emergent property in bilingual speech. **Bilingualism: Language and Cognition**, Cambridge University Press, v. 7, p. 91–93, 2004.

DEPREZ, C. Le jeu des langues dans les familles bilingues d'origine étrangère. **Estudios de Sociolingüística**, v. 1, n. 1, p. 59-74, 2000.

_____. Sociolinguistic Remarks about Portuguese in France: construction of a stigmatized sociolect. Papers from the CONFERENCE ON LANGUAGE AND (IM)MIGRATION IN FRANCE, LATIN AMERICA, AND THE UNITED STATES: SOCIOLINGUISTIC PERSPECTIVES, 25-26 set. 2003. France-University of Texas Institute for Interdisciplinary Studies. Disponível em: <<http://www.utexas.edu/cola/insts/france-ut/archives/Fall2003/ConfLangImmigration/deprez.pdf>> Acesso em: jun. 2005.

DOMÍNGUEZ VÁZQUEZ, M. J. En torno al concepto de interferencia. **Círculo de lingüística aplicada a la comunicación**, n. 5, feb. 2001. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/circulo/no5/index.htm>> Acesso em: 14 jul 2005.

ECKE, P. Language attrition and theories of forgetting: a cross-disciplinary review, **International Journal of Bilingualism**, v. 8, n. 3, p.321, set. 2004.

FREED, B. F. Language Loss: Current Thoughts and Future Directions. In: LAMBERT, R. D.; FREED, B. F. (Ed.). **The Loss of Language Skills**. Rowley, MA: Newbury House, 1982. p.1-5.

GUARDADO, M. Loss and Maintenance of First Language Skills: Case Studies of Hispanic Families in Vancouver. **Canadian Modern Language Review**, v. 58, n. 3, mar. 2002. Disponível em: <<http://www.utpjournals.com/product/cmlr/583/583-Guardado.html>> Acesso em: maio 2005.

GÜREL, A. Selectivity in L2-induced L1 attrition: a psycholinguistic account. **Journal of Neurolinguistics**, v. 17, n. 1, p. 53-78, jan. 2004.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, J.M.; ALMEIDA, M. **Metodología de la investigación sociolingüística**. Málaga: Editorial Comares, 2005. p. 135-140; 151-157.

KELLERMAN, E. Now you see it, now you don't. In: GASS, S.; SELINKER, L. (Ed.). **Language transfer in language learning**. Rowley, MA: Newbury House, 1983. p. 112-134.

HOWARD, E. R.; SERRANO, R. Maintaining Spanish Proficiency in the United States: The Influence of English on the Spanish Writing of Native Spanish Speakers in Two-Way Immersion Programs. In: SAYAHI, L. (ed.) Selected Proceedings of the FIRST WORKSHOP ON SPANISH SOCIOLINGUISTICS, 2003, Center for Applied Linguistics, Somerville,

MA: Cascadilla Proceedings Project, 2003. p. 77-88. Disponível em: <<http://www.lingref.com/cpp/wss/1/paper1010.pdf>> Acesso em: 13 maio 2005.

HYLTENSTAM, K.; OBLER, L. K. **Bilingualism across the Lifespan**. Aspects of acquisition, maturity, and loss. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

KÖPKE, B. Neurolinguistic aspects of attrition. **Journal of Neurolinguistics**, n. 17, p. 3-30, 2004.

LEISIÖ, L. **Morphosyntactic Convergence and Integration in Finland Russian**. Tampere, 2001. Tese – University of Tampere. p. 240- 252.

MARCOS-MARÍN, F. De lenguas y fronteras: el español y el portugués. **Círculo de Lingüística Aplicada a la Comunicación**, (CLAC), v. 17, p. 70-79, 2004. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/circulo/no17/marcos.htm>> Acesso em: 2005.

PAVLENKO, A. L2 Influence on L1 in Late Bilingualism. **Issues in Applied Linguistics**, 11, 2000, p. 175-205.

PAYRATÓ, L. Transcripción del discurso coloquial. In: CORTÉS, L. (Ed.) *El español coloquial. Actas del I Simposio sobre análisis del discurso oral*. Almería: Universidad de Almería, 1995. p. 45-70.

PY, B. Interlangue et dégénérescence d'une compétence linguistique. **Encrages**, v.8, n. 9, p. 76-86, 1982.

RIIONHEIMO, H. Morphological attrition and interference in language contact: the case of ingrian finnish in Estonia. Handout of a presentation presented in Nordic Research Course "Languages, Minds, and Brains" held in Mekrijärvi Research Station in June 26, 1998. Disponível em: <<http://www.kolumbus.fi/raimo.riionheimo/helka/1.%20Introduction#1.%20Introduction>> Acesso em: 14 jun. 2005.

RÍOS MESTRE, A. Un alfabeto fonético del español para usos informáticos. **Estudios de Lingüística Española**, v. 16, 2002. Disponível em: <<http://elies.rediris.es/elies16/Rios96.html>> Acesso em: 29 dez. 2006.

SCHMID, M. S. Language attrition research: An annotated bibliography. In: SCHMID, M.S.; KÖPKE, B.; KEIJZER, M.; WEILEMAR, L. (Ed). **First Language Attrition: Interdisciplinary Perspectives on Methodological Issues**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2004. p. 317-348.

_____. A new blueprint for language attrition research. In: SCHMID, M.S.; KÖPKE, B.; KEIJZER, M.; WEILEMAR, L. (Ed). **First Language Attrition: Interdisciplinary Perspectives on Methodological Issues**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2004. p. 349-363.

SERRANO, R.; HOWARD, E. R. Maintaining Spanish Proficiency in the United States: The Influence of English on the Spanish Writing of Native Spanish Speakers in Two-Way

Immersion Programs. In: SAYAHI, L.(Ed.). Selected Proceedings of the First Workshop on Spanish Sociolinguistics. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2003. p. 77-88. Disponível em: <<http://www.lingref.com/cpp/wss/1/paper1010.pdf>> Acesso em: 13 maio 2005.

SIGUÁN, M. Interferencias lingüísticas. Cap. 9. In: _____. **Bilingüismo y lenguas en contacto**. Madrid: Alianza Editorial, 2001. p. 175-187.

SILVA-CORVALÁN, C. Aspectos lingüísticos del español en Los Ángeles. II CONGRESO INTERNACIONAL DE LA LENGUA ESPAÑOLA “EL ESPAÑOL EN LA SOCIEDAD DE LA INFORMACIÓN”. Valladolid, 16-19 out. 2001. Disponível em: <http://cvc.cervantes.es/obref/congresos/valladolid/ponencias/unidad_diversidad_del_espanol/3_el_espanol_en_los_EEUU/silva_c.htm> Acesso em 23 nov. 2006.

TORIBIO, A. J. On Spanish Language Decline. In: DO, A. H. J.; DOMINGUEZ, L.; JOHANSEN, A. (Ed.). **Proceedings of the 25th Annual Boston University Conference on Language Development**. Somerville, MA: Cascadilla, 2001. p. 768-779.

URIBE DE KELLETT, A. The Recovery of a First Language: A Case Study of an English/Spanish Bilingual Child. **International Journal of Bilingual Education and Bilingualism** (IJBE), v. 5, n. 3, p. 162-181, 2002.

WAAS, M.; RYAN, A. Onomatopoeia in Language Attrition. **Linguistische Berichte**, v. 148, p. 477-482, 1993.

WINFORD, D. **An introduction to contact linguistics**. London: Blackwell Publishing, 2003.

ANEXO 1

CUESTIONARIO SOCIOLINGÜÍSTICO

Con este cuestionario se quiere obtener una impresión de las circunstancias personales y del uso lingüístico de los españoles residentes en Brasil. Consiste en 77 preguntas. Si alguna de ellas no se aplica a su caso personal (por ejemplo, si se pregunta sobre sus hijos y usted no tiene) puede tachar el número de esa pregunta y pasar a la siguiente. Es importante que sea usted mismo quien responda a las preguntas, ya que nos interesa su propio uso del lenguaje. Si alguna pregunta no está clara, no dude en preguntar. No hay respuestas correctas o incorrectas.

- 1) Fecha de nacimiento 19.....
- 2) Sexo: mujer hombre
- 3) Lugar de nacimiento:
- 4) Nacionalidad: española española y brasileña brasileña
- 5) ¿Cuándo vivía en España hablaba castellano o alguna otra de las lenguas oficiales?
.....
- 6) Nivel de estudios: elemental medio superior
- 7) ¿Cuándo llegó a Brasil (año)? 19.....
- 8) ¿Por qué vino a Brasil? trabajo trabajo del cónyuge cónyuge brasileño otros:
.....
.....
- 9) Aparte de Brasil, ¿ha vivido en algún otro país que no sea España por más de 6 meses?
 no menos de 1 año 1 año o más (¿dónde?
- 10) ¿En qué lengua aprendió a hablar?
 español español y otra otra/s (¿cuál/es?.....)
- 11) ¿Asistió a clases de portugués antes de venir a Brasil? sí no
 menos de 1 mes menos de 3 meses menos de 6 meses menos de 1 año
 más de 1 año
- 12) ¿Ha realizado estudios en Brasil? (de cualquier tipo, no necesariamente relacionados con la lengua) no sí (¿cuáles?.....)
- 13) ¿Qué lengua o lenguas ha aprendido en el colegio o por motivos profesionales?
.....
- 14) ¿Qué lengua o lenguas ha aprendido fuera de un ambiente educacional (es decir, fuera del colegio o del trabajo)?
.....
- 15) Profesión actual (si está jubilado indique su última profesión antes de retirarse):
.....

- 16) Si ha tenido varias profesiones, puede indicarlas en orden cronológico?
- 1.....de.....a.....
- 2.....de.....a.....
- 3.....de.....a.....
- 4.....de.....a.....
- 17) ¿Ha asistido a clases de español en Brasil? no sí, ¿cuánto tiempo?.....
 horas por semana:.....
- 18) ¿Visita España desde que vino a vivir en Brasil? nunca pocas veces una vez cada 2 ó 3 años una vez al año más de una vez al año
- 19) Si ha respondido afirmativamente que ha visitado España, indique el/los motivo/s de la/s visita/s (puede marcar más de una casilla):
 acontecimiento familiar importante visita sin motivo especial otros
- 20) ¿Va a la iglesia en Brasil?
 nunca a veces regularmente
- 21) Si ha respondido que va a la iglesia, ¿puede indicar en qué lengua son los oficios?
 portugués español español y portugués otras
- 22) En general, ¿cómo calificaría su nivel de portugués antes de venir a Brasil?
 ningún conocimiento muy malo malo suficiente bueno muy bueno
- 23) En general, ¿cómo calificaría su nivel de portugués en la actualidad?
 ningún conocimiento muy malo malo suficiente bueno muy bueno
- 24) En general, ¿cómo calificaría su nivel de español antes de venir a Brasil?
 ningún conocimiento muy malo malo suficiente bueno muy bueno
- 25) En general, ¿cómo calificaría su nivel de español en la actualidad?
 ningún conocimiento muy malo malo suficiente bueno muy bueno
- 26) ¿Con qué frecuencia habla español?
 raramente pocas veces al año algunas veces a la semana diariamente
- 27) ¿Considera importante mantener el español?
 nada importante poco importante importante muy importante
- 28) ¿Considera importante que sus hijos puedan hablar y entender español?
 nada importante poco importante importante muy importante
- 29) En general, ¿tiene más amigos que hablen portugués o español?
 sólo portugués más portugués igual más castellano sólo castellano
- 30) ¿Se siente más a gusto con la cultura española o con la brasileña?
 sólo con la brasileña más con la brasileña igual más con la española
 sólo con la española
- 31) ¿Se siente más cómodo hablando español o portugués?
 portugués español igual
- 32) ¿Puede explicar su respuesta a la pregunta anterior: por qué se siente más cómodo hablando portugués o español, o por qué no tiene preferencia?

-
-
- 33) ¿Cuál es su estado civil?
 casada/o divorciada/o viuda/o con pareja soltera/o
- 34) ¿En qué lengua fue criado su (ex)cónyuge?
 español portugués otra
- 35) Si su (ex)cónyuge no nació en Brasil, ¿por qué motivo vino a Brasil?
 trabajo trabajo del cónyuge cónyuge otro
-
- 36) Si su (ex)cónyuge no nació en Brasil, ¿en qué año vino a Brasil?.....
- 37) ¿Dónde se conocieron? España Brasil otro
- 38) ¿Qué lengua o lenguas usa usted en general cuando habla a su (ex)cónyuge?
 sólo portugués más portugués igual más español sólo español otra
- 39) ¿Qué lengua o lenguas usa su cónyuge en general cuando le habla a usted?
 sólo portugués más portugués igual más español sólo español otra
- 40) ¿Cuál es la profesión actual de su (ex)cónyuge?

- 41) ¿Tiene hijos? no sí, ¿cuántos?
- Sus nombres y sus edades son:
-
- 42) ¿Qué lengua o lenguas usa normalmente cuando habla a sus hijos?
 sólo portugués más portugués igual más español sólo español otra
- 43) ¿Qué lengua o lenguas usan normalmente sus hijos cuando le hablan a usted?
 sólo portugués más portugués igual más español sólo español otra
- 44) ¿Tiene nietos? no sí, ¿cuántos?
- Sus nombres y sus edades son:
-
- 45) ¿Qué lengua o lenguas usa normalmente cuando habla a sus nietos?
 sólo portugués más portugués igual más español sólo español otra
- 46) ¿Qué lengua o lenguas usan sus nietos cuando le hablan a usted?
 sólo portugués más portugués igual más español sólo español otra
- 47) ¿Estimula a sus hijos para que hablen español? nunca a veces a menudo
- 48) ¿Han asistido sus hijos a clases de español? sí no
- 49) ¿Corrige alguna vez a sus hijos cuando hablan español?
 nunca raramente algunas veces a menudo muy frecuentemente
- 50) ¿Le disgusta que sus hijos no hablen o no entiendan español?
 no me da igual un poco mucho

- 51) ¿Tiene contacto con familiares y amigos en España?
 nunca raramente algunas veces a menudo muy frecuentemente
- 52) ¿Cómo se mantiene en contacto con esos familiares y amigos en España?
 teléfono cartas correo electrónico otros
- 53) ¿Qué lengua usa normalmente para relacionarse con familiares y amigos en España?
 sólo portugués más portugués igual, más español sólo español otra
- 54) ¿Cree que el castellano juega un papel importante en las relaciones entre los miembros de su familia más próxima? no probablemente un poco mucho
- 55) ¿Tiene muchos nuevos amigos en Brasil? sí no
- 56) ¿Cuál es la lengua materna de la mayoría de esas personas?
 portugués español igual otra
- 57) ¿Cómo ha conocido a la mayoría de esas personas?
 instituciones españolas amigos comunes trabajo o colegio otro
-

58) ¿Podría indicar en la siguiente tabla las personas con las que tiene más contacto? El objetivo es observar qué lengua usa más en su vida diaria: portugués o español.

| <i>¿Cuál es su relación o parentesco con esta persona?</i> | <i>¿Dónde vive esta persona?</i> | <i>¿Qué lengua(s) usan cuando se comunican entre sí?</i> | <i>¿Cómo conoció a esta persona?</i> | <i>¿Cuánto tiempo hace que conoce a esta persona?</i> |
|--|----------------------------------|--|--------------------------------------|---|
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |
| | | | | |

59) En las siguientes tablas indique, por favor, en con qué frecuencia usa el español (tabla 1) y el portugués (tabla 2) en los ámbitos mencionados. Márquelo con una cruz en la casilla correspondiente. Si algún dominio no le concierne (por ejemplo, si no tiene animales domésticos) puede dejar la casilla vacía.

| Hablo español: | | | | | |
|--|----------------|-----------------------|----------------|------------------|--------------|
| <i>TABLA I</i> | | | | | |
| | <i>siempre</i> | <i>frecuentemente</i> | <i>a veces</i> | <i>raramente</i> | <i>nunca</i> |
| <i>Con familiares</i> | | | | | |
| <i>Con amigos</i> | | | | | |
| <i>A los animales domésticos</i> | | | | | |
| <i>En el trabajo</i> | | | | | |
| <i>En la iglesia</i> | | | | | |
| <i>En las tiendas</i> | | | | | |
| <i>En clubes, instituciones u organizaciones</i> | | | | | |
| <i>Otros, por ejemplo:</i> | | | | | |

| Hablo portugués: | | | | | |
|--|----------------|-----------------------|----------------|------------------|--------------|
| <i>TABLA II</i> | | | | | |
| | <i>siempre</i> | <i>frecuentemente</i> | <i>a veces</i> | <i>raramente</i> | <i>nunca</i> |
| <i>Con familiares</i> | | | | | |
| <i>Con amigos</i> | | | | | |
| <i>A los animales domésticos</i> | | | | | |
| <i>En el trabajo</i> | | | | | |
| <i>En la iglesia</i> | | | | | |
| <i>En las tiendas</i> | | | | | |
| <i>En clubes, instituciones u organizaciones</i> | | | | | |
| <i>Otros, por ejemplo:</i> | | | | | |

60) ¿Ha sido alguna vez miembro de un club u organización española en Brasil? no sí nombre de la organización.....

61) ¿Es ahora miembro de algún club u organización española en Brasil? no sí nombre de la organización.....

62) ¿Echa de menos España? no a veces sí, y lo que más echo de menos es/son.....

63) ¿Escucha alguna vez música española? sí no

64) ¿Escucha alguna vez programas de radio en español? sí no me gustaría, pero no puedo

- 65) ¿Lee alguna vez periódicos, revistas o libros españoles? sí no me gustaría, pero no puedo
- 66) ¿Ve alguna vez programas de televisión españoles? sí no me gustaría, pero no puedo
- 67) Si ha respondido que nunca escucha música o programas de radio españoles, ni lee periódicos, revistas o libros españoles, ni tampoco ve programas de televisión españoles, ¿podría indicar por qué piensa que es así?

- 68) ¿Cree que su competencia lingüística en español ha cambiado desde que se mudó a Brasil? sí, es peor no sí, es mejor
- 69) ¿Piensa que usa más o menos el español desde que se mudó a Brasil? sí, más no, no creo que lo use más o menos sí, menos
- 70) ¿Se siente incómodo cuando habla español con una persona española que no sabe portugués? sí no
- 71) ¿También se siente incómodo cuando habla español con alguien que, como usted, vive en Brasil desde hace tiempo? sí no
- 72) ¿Se considera bilingüe?, es decir, ¿piensa que es igual de competente en español que en portugués? no, mi portugués es mejor sí no, mi español es mejor no sé

- 73) ¿Cómo se siente cuando oye a españoles (turistas por ejemplo) hablar portugués con un fuerte acento español? me molesta me causa cierta incomodidad no me incomoda
- 74) ¿Tiene intenciones de volver a España algún día? sí no sé no
- 75) ¿Por qué?

- 76) Mirando hacia atrás, ¿piensa que tomó la decisión correcta al venir a Brasil? sí no no sé,
 porque.....

- 77) Ha llegado al final de este cuestionario. Si desea realizar algún comentario (observaciones relacionadas con la lengua o con el propio cuestionario), puede hacerlo en las líneas que siguen. Muchas gracias por colaborar.

